

**TEATRO
DO ABSURDO**

EDITORA ATO - ANO IX - Nº 76
SETEMBRO DE 1989 - NCZS R.50
VALE DO PARAIBA - MOGI DAS CRUZES

nto

JÚLIO SIMÕES

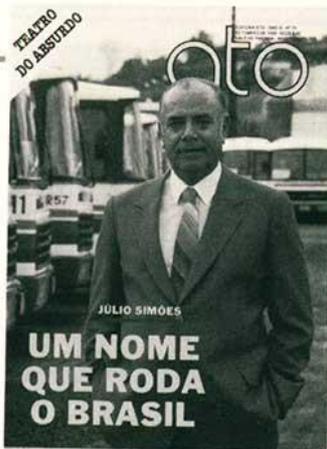
**UM NOME
QUE RODA
O BRASIL**



**O SABOR DA
NOVA GERAÇÃO.**

ABERTURA

O empresário Júlio Simões, dono da transportadora que faz o seu nome circular pelo Brasil inteiro e que hoje está classificada entre as quinze maiores empresas do setor no país, é detentor de uma trajetória peculiar, só reservada àqueles que têm visão e arrojo. Quando chegou ao Brasil, no início da década de 50, começou sua carreira como um simples mecânico, profissão que exerceu durante cinco anos. Logo depois, conseguiu comprar o seu primeiro caminhão, um F-8, e não parou mais. Hoje, após 25 anos da fundação da Transportadora Júlio Simões, a empresa possui uma frota de 180 caminhões e 18 filiais distribuídas pelo país. E para quem vive alheio à crise, há dez anos passou a ampliar os horizontes de suas atividades, investindo em cabeças de gado no Mato Grosso; na criação de uma agência de turismo; como distribuidor de bebidas Antártica; locador de veículos; e o negócio mais recente, uma empresa de transporte de funcionários, com 65 ônibus e



que presta serviço para dez indústrias da região. É esse percurso límpido que **ATO** mostra na reportagem de capa desta edição. Um trajeto que, segundo o próprio Júlio Simões, não tem limites nem fronteiras.

Pelo mesmo caminho, certamente, a revista **ATO** está trilhando. A partir do próximo mês, entra em prática uma das etapas mais importantes na vida da empresa: a venda de assinaturas. Comemorando o seu nono ano de circulação em Mogi das Cruzes – enquanto a cidade festeja, sem muito brilho, o seu 429º aniversário de fundação – e 14 números no Vale do Paraíba com uma edição recorde de 124 páginas, a revista completa o seu círculo do bom serviço. Com a cômoda e agradável posição de assinante, o leitor continuará recebendo a informação precisa e sem retoques. O anunciante, cumprindo o seu papel, confirmará o espaço em um veículo dinâmico, de ótima qualidade gráfica e que cobre todas as vertentes do mercado. A fórmula é simples e, bem aplicada, dá certo, como provam o empresário Júlio Simões e a própria revista **ATO**: trabalho sério.

LEIA

Enquanto um grupo de taubateanos apaixonados preserva seus carros antigos, um dos últimos Tucker, veículo que revolucionou a indústria automobilística, apodrece no Museu do Automóvel de Caçapava. Páginas 52 a 55

HOBBY



Por diversão ou para alimentar o sonho de profissionalizar-se como piloto de corridas, dezenas de crianças, jovens e adultos correm de kart nas pistas de São José dos Campos, Guaratinguetá e Interlagos. Páginas 80 a 85

TEATRO

Lutando pela sobrevivência, os grupos de teatro amador do Vale do Paraíba ensaiam uma reviravolta a partir do Festival, em São José dos Campos, mas com receio de que o próximo espetáculo seja o último. Páginas 100 a 106



Em Guararema, o maior produtor de rosas do país mantém 150 mil pés em 80 alqueires, inova no cultivo das plantas e mostra um mercado em expansão na região. Páginas 40 a 44

E

AVIAÇÃO 92 a 94	OPINIÃO 122
CALDEIRÃO 120 e 121	PAINEL 4 e 5
CARTAS 6	PANORAMA 57 a 68
EDUCAÇÃO 48 e 49	PERSONALIDADE 73
GENTE 74	SOCIAL 69 a 72
MEDICINA 32 e 33	SUCESSÃO 14 a 24
MEIO AMBIENTE 96 e 97	TURISMO 118 e 119

FOTO DE CAPA: LAILSON SANTOS

Flagrante

Como disse o jornalista Alex Solnik, no texto de apresentação da Exposição de Fotografias da Agência Angular, no CenterVale, aí está um conjunto de fotos "que não dá para descrever,... que conseguem revelar seus personagens por dentro, traídos pelo instante e se mostrado de um modo impossível de captar quando estão em movimento". Esses são exemplares das 60 fotografias que ficaram expostas durante a Semana da Fotografia, realizada pela Fundação Cultural e o Sindicato dos Jornalistas. São imagens captadas em 1985 e 1986 pelos profissionais da Angular, a mesma que conseguiu, sozinha, fotografar o apedrejamento do presidente Sarney, no Rio de Janeiro. "Votos e Fotos" - o lado engraçado da política brasileira, serviu também para motivar fotógrafos profissionais ou amadores a participarem de palestras e oficinas de fotografia.

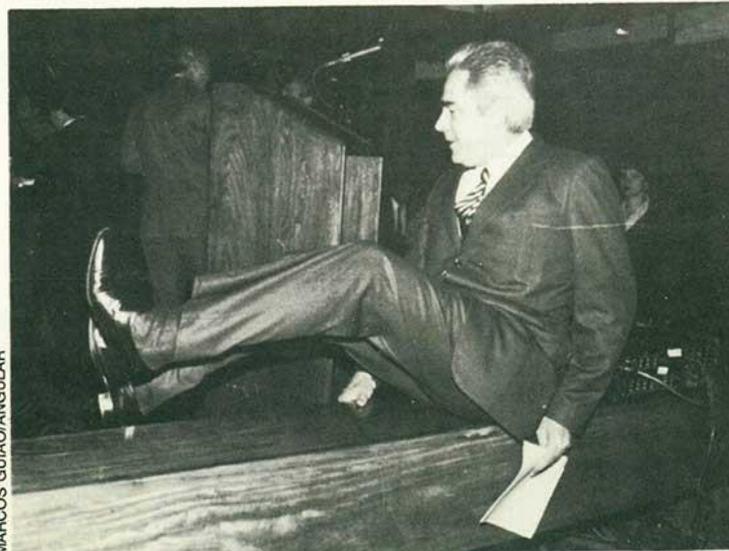
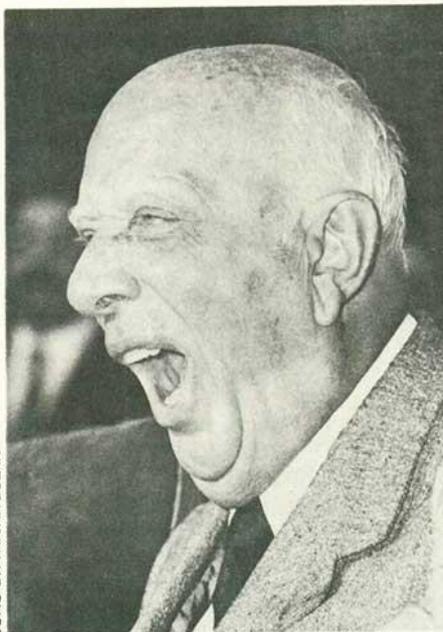
MARCOS ROSA/ANGULAR



Turismo em Ubatuba

Ubatuba estuda projetos para incentivar o turismo. A Prefeitura discute com o Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado a construção de um Hotel Escola na Barra Seca, área próxima ao Morro do Alegre, para atender 100 alunos. Anexo ao Hotel Escola, o Sindicato construiria um Centro de Convenções, com capacidade para 600 pessoas, para a realização de seminários, congressos, feiras e exposições. Esse conjunto daria maior suporte à indústria do turismo em Ubatuba. Mas a grande novidade do setor pode ficar por conta da criação de uma empresa mista, Prefeitura/iniciativa privada, para ditar a política do turismo no município. A proposta é do vereador Cícero Assunção, representante da Prefeitura no Conselho Municipal de Turismo, que forma a base da Diretoria de Turismo de Ubatuba. Essa empresa, uma

JOÃO BITTAR/ANGULAR



MARCOS GUIÃO/ANGULAR

Brossard está incomodado (ao alto), Ulysses com sono e Bracher foge (ao lado)

espécie de "Ubatur", seria uma evolução da Diretoria em direção a uma maior mobilidade administrativa e financeira. Isso, por enquanto, é apenas uma idéia. Mas, que pode dar certo. Belezas naturais para isso não faltam e nem mesmo eventos e festas, como a de São Pedro Pescador. Ubatuba tem muito potencial turístico a ser aproveitado ainda.

Planos do Litoral

Os municípios do Litoral Norte estão tentando unir forças para resolver seus problemas. Duas reuniões já foram feitas entre os prefeitos Eurípedes Ferreira (Ilhabela), José Bourabey (Caraguatatuba), Nélio de Carvalho (Ubatuba) e Paulo Julião (São Sebastião) para discutir a elaboração de um Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) para cada município. A preocupação comum entre eles é com o fenômeno da conurbação, a interligação dos municípios pelo desenvolvimento urbano. Apóia a discussão regional o Dersa, que elaborará um Plano Diretor Viário Regional, que pretende ligar mais facilmente os municípios litorâneos ao Planalto e retirar o tráfego intermunicipal de suas áreas urbanas.

Orçamento popular

O orçamento de São Sebastião para 1990 passará pelas mãos da comunidade. O prefeito Paulo Julião consultou formalmente todas as Sociedades Amigos de Bairros (SABs) e os 15 vereadores para saber de suas prioridades para 1990 e em que áreas deveriam ser aplicados os recursos do município. Com as respostas, a Prefeitura criou um banco de dados que balizou a organização do projeto de orçamento enviado à Câmara. Além de apontar os setores prioritários no município, as SABs e os vereadores informaram quais obras consideraram mais essenciais à sua comunidade. "Isso orientará toda política administrativa da Prefeitura para o próximo ano", diz Julião, lembrando também do item constitucional que prevê a consulta popular para a elaboração do orçamento.

Pedalando forte

Em outubro, São José dos Campos se- diará uma etapa do Circuito Paulista de "Mountain Bike". A prova será disputada em uma área ainda a ser escolhida pelos organizadores, num percurso de dez quilômetros, que deverá reunir o maior número de dificuldades aos participantes - como trechos com areia, grandes subidas e descidas, seqüência de "costelas" (trechos com solo íngreme) e trilhas perigosas. Eduardo Ramires, 25 anos, bicampeão brasileiro de bicross e sétimo colocado no Campeonato Mundial de "Mountain Bike" do ano passado, é presença garantida nesta prova. Seu treinador e um dos organizadores, José Rubens Borges D'Elia, esteve em São José dos Campos e gostou do que viu. Até o final de setembro, Ramires estará nos Estados Unidos participando de mais uma etapa do Mundial de "Mountain Bike" e de diversos outros torneios. Atualmente, ele é o primeiro colocado nos circuitos paulista e brasileiro.

Pouso forçado

O segundo número da revista de bordo bimestral da Vasp, "Viaje Bem", recomenda um programa conhecido de muitos mogianos: o restaurante Toca do Rabi- có, localizado no km 69,5 da Estrada Velha São Paulo- Rio, pouco antes do municí- pio de Guararema. Além da comida, a nota elogia o ambiente "campestre e bucóli- co" da estrada. Mesmo bati- zado de um "autêntico pro- grama de caipira", é difícil imaginar a qual dos leitores de "Viaje Bem", acostuma- dos às grandes capitais, inte- ressaria o passeio. A menos que o avião fosse obrigado a fazer um pouso forçado, no meio do caminho.

Riachuelo em 91

As obras de fundação das Lojas Riachuelo, 118ª unidade pertencente ao Grupo Guararapes, que será instalada em Mogi das Cruzes num dos principais pontos centrais da cidade - a esquina das ruas José Bonifácio e Deodato Wertheimer -, deverão ser concluídas até o começo de outu-

bro. Após esta fase, inicia-se a construção da loja, num modelo padronizado pelo grupo há dez anos, assim como o acabamento interno e a decoração. O prédio terá estacionamento para 30 veículos, subsolo, térreo e mais três pavimentos, totalizando 5,1 mil metros quadrados de área construída, num terreno de 1,1 mil metros quadrados. Tradicional loja de departamentos, a Riachuelo mogiana contará com seções de cosméticos, relojoaria, confecção (masculina, feminina, infantil, cama, mesa e banho)



Riachuelo: fase final das obras de fundação do prédio

e decoração. O fim das obras está previsto para agosto de 1990 e a inauguração da loja, para maio do ano seguinte.

Médicos punidos

Os médicos mogianos Luiz Roberto da Silva Lacaz e José Carlos Ferreira Dias foram condenados a dois meses e 20 dias de detenção. Eles foram responsabilizados por deixar o menino Renato Columbara Vaz, hoje com 14 anos, tetraplégico após uma cirurgia de apendicite mal sucedida.

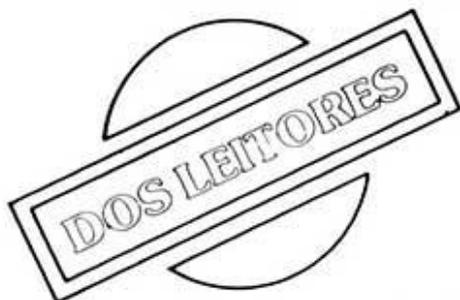
A operação foi realizada em agosto de 85, na Santa Casa de Mogi das Cruzes e, segundo o assistente da Promotoria, José Beraldo, houve negligência médica pois o garoto Renato teria ficado oito minutos sem oxigênio. A sentença foi proferida no início do mês passado pela juíza substituta da 1ª Vara Criminal do Fórum de Mogi, Daise Farjado Nogueira. Num procedimento comum, o advogado de defesa dos médicos, Francisco Alves de Lima, recorreu à sentença.

Bom de microfone

Estão cada vez mais consistentes os rumores nos meios políticos da cidade a respeito da candidatura do ex-prefeito municipal de Mogi das Cruzes, Antônio Carlos Machado Teixeira, nas eleições de 1990. Ele quer mesmo ser deputado federal e sua esposa, Miriam, concorrerá a uma vaga na Assembléia Legislativa. Aliás, comenta-se também que Machado vem se saindo muito bem como comentarista do informativo "Radar Noticioso", levado ao ar pela rádio Metropolitana (AM) de Mogi diariamente. "Ele tem se saído melhor do que como prefeito", comentou uma fonte digna de todo crédito.

Edição recorde

No início de seu nono ano de circulação, a revista ATO acaba de ultrapassar o patamar das cem páginas. A edição recorde, com um total de 124 páginas, coincide com a comemoração do 429º aniversário de Mogi das Cruzes e traz, como sempre, boa leitura e muita informação levadas a seus milhares de leitores. Seis meses após a união das edições de Mogi das Cruzes e do Vale do Paraíba, fica clara a tendência do mercado das duas regiões, no que apostou a direção da revista, de absorver um produto dinâmico, bem acabado e voltado para assuntos gerais. No Vale, onde iniciou com 26 páginas, em julho do ano passado, ATO alcançou absoluto sucesso em apenas 14 edições. Isso prova que leitores e anunciantes confiam cada vez mais na coragem, na qualidade, no bom desempenho e no crescimento da revista ATO. ●



EMBRAER

Os 20 anos da Embraer (ATO nº 75) representam um grande passo dado pelo país em busca de maior autonomia tecnológica e econômica. Os pioneiros que sonharam e construíram essa grande empresa merecem nosso respeito e carinho.

Alberto Cabral
São José dos Campos

O coronel Ozires Silva deve estar orgulhoso da empresa que ajudou a criar e "pilotou" durante muitos anos. Seu nome jamais será esquecido na indústria aeronáutica brasileira.

Luiz Dumont Coutinho
São José dos Campos

TAUBATÉ

ATO nº 75 mostrou as alternativas de desenvolvimento para Taubaté, cidade de um grande potencial. Esqueceu-se de mostrar, entretanto, que durante anos o entrave do progresso da cidade foram os próprios políticos e suas brigas ferrenhas. Um perigo que ainda corremos.

Luiz Rogério Salgado
Taubaté

Taubaté está como sempre esteve o Vale do Paraíba: cheia de projetos e planos. Vamos ver se as coisas dão certo e Taubaté tira o atraso em que se encontra.

Neusa Maria Amaral
Taubaté

MEIO AMBIENTE

Parabéns à ATO pela clara exposição feita sobre os fatores de degradação do rio Paraíba e da dificuldade de viabilização de um projeto geral e eficaz para



despoluição do rio Paraíba. Sobre o Paraíba, a revista tem razão (ATO nº 74), volta-se sempre ao ponto de partida.

Régis Brito
São José dos Campos

A questão da despoluição do rio Paraíba e da degradação do meio ambiente no Vale do Paraíba são problemas bastante graves. Ainda bem que começou a des-

pertar a consciência ecológica da região, embora um pouco tarde.

João Cintra
Caçapava

PRESIDENCIÁVEIS

Parabéns à ATO pelas entrevistas realizadas com os candidatos à Presidência da República, mostrando que, mais uma vez, está atenta aos fatos e assuntos que interessam ao leitor. Aguardo com ansiedade as entrevistas dos candidatos Fernando Collor de Mello e Leonel Brizola.

José Eduardo da Fonseca
Taubaté

Na entrevista de Luiz Inácio Lula da Silva (ATO nº 74), o candidato petista mostrou, mais uma vez, uma concepção arcaica da política e da administração pública, que afastaria cada vez mais o Brasil do mercado internacional.

Célia Aparecida de Lima
Pindamonhangaba

Cartas para ATO,
av. Dr. João Guilhermino, 429
10º andar - conjunto 101
São José dos Campos - Cep 12200.
rua Cap. Manoel Caetano, 203
Mogi das Cruzes - Cep 08710.

ato

Diretor

Márcio L. M. de Paula

Diretor Adjunto

Benedito Wilson de Freitas

Diretor Jurídico

Ademir Rodrigues Vendramini

Diretor Comercial

Antonio Carlos Urbano Andari

Editores

J. Eustáquio de Freitas (Vale do Paraíba) e
Alberto Villas (Caderno Panorama)

Editor Gráfico

Dirceu Roque de Sousa

Gerente Comercial

Mônica Lemes Padovani

Publicidade

Sandra Regina Pissato,
Ana Di Rienzo e Evani Santo

Fotografia

Lailson Santos e Sérgio Castro

Produção

Marina Aranha Magalhães Alcoba

Circulação

Walter Pereira Jr.

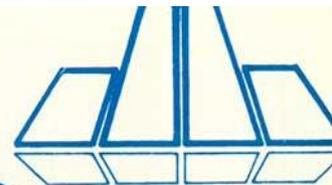
Colaboradores

Hélio José da Costa Jr., Solange Rodrigues Nunes, Antônio Marmo, Chico Pereira, Flávio Nery e Ricardo Júlio (São José dos Campos); Luiz Eduardo Grunewald e Pedro Orlando Abib (Jacareí); Irani Lima (Taubaté); Maricy Guimarães, Rafael Masgrau, Fernando Machado, Marcos Lima e Silene da Cunha Pinto (Mogi das Cruzes); Márcio Trindade e Fernando Yamasaki (Suzano); Carlos Chagas (Brasília); Francisco Augusti, João Pires, José Fernando Lelcadio Alvares, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luiz Fernando Emediato, Rubens Edwald Filho, Sérgio Vaz, Vital Bataglia, Fernando Leal, Federico Mengozzi e Jotabé Medeiros (São Paulo). Não aceitamos matérias pagas. ATO é uma publicação mensal da REVISTA ATO, Editora e Publicidade Ltda. Sucursal São José dos Campos: av. João Guilhermino, 429 - 10º andar - sala 101 - telefone (0123) 22-4703 - Cep 12200. Sucursal Mogi das Cruzes: rua Capitão Manoel Caetano, 203 - telefones (011) 460-2066 e 469-5969 - Cep 08710. ATO é distribuída por mala direta e vendida em banca, circulando no Vale do Paraíba, Mogi das Cruzes e região. Composição: Revista ATO. Fotolito: Força. Impressão: DCI - Indústria Gráfica e Editora S/A.



A revista ATO é impressa em papel couché fabricado pela
COMPANHIA SUZANO
DE PAPEL E CELULOSE

DI BELLO



AUTO POSTO
EXPEDICIONÁRIOS

Av. Francisco R. Filho, 889
Tel.: (011) 469-0368 – M. Cruzes

DISTRIBUIDORA DE
CIMENTO e CAL MOGIANA

Av. Francisco R. Filho, 890
Tel.: (011) 469-4722 – M. Cruzes

BELLFER

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.
Av. Francisco F. Lopes, 81
Tel.: (011) 461-4722 – M. Cruzes

FERBELL

DISTRIBUIDORA DE FERRO E CIMENTO LTDA.
Av. Antonio M. Figueira, 2.319
Tel.: (011) 476-4710 • 476-2086 – Suzano

MOGI

LUBRIFICANTES LTDA.
Av. Francisco R. Filho, 887
Tels.: (011) 469-6755 • 468-1708 – M. Cruzes

EXPANDINDO

**PARA ACOMPANHAR O
CRESCIMENTO DE**

MOGI
(120 ANOS)



O empresário Júlio Simões: uma invejável frota de 180 caminhões que transporta 118 mil toneladas de ferro e aço por mês

REPORTAGEM DE CAPA

Viagem tranqüila

O empresário Júlio Simões conta a sua trajetória, de mecânico a proprietário de uma das 15 maiores transportadoras do país

Um homem determinado, de temperamento forte e riso fácil. Assim é o empresário Júlio Simões, um português de 61 anos, naturalizado brasileiro, que aprendeu a lutar desde cedo, aos 12 anos, e que agora dirige uma das 15 maiores empresas de transporte de cargas do país. Corajoso e arrojado, Simões chegou ao Brasil disposto a vencer: trabalhou cinco anos como mecânico, até conseguir comprar seu primeiro caminhão, em junho de 1956, um F-8, cuja foto hoje enfeita a parede de seu escritório, no distrito de Braz Cubas. Dois anos depois, ainda sem ter saldado a dívida do primeiro caminhão, Simões já havia comprado outros cinco veículos, embora sem saber como faria para pagá-los. "Isso nunca me desencorajou.

Quando comprei meu primeiro caminhão, sequer tinha dinheiro para o combustível", confessa.

Hoje, ele comemora os 25 anos de fundação de sua empresa com uma frota invejável de 180 caminhões, 18 filiais espalhadas pelo Brasil e contratos de mais de 15 anos com as principais usinas estatais e privadas do país. Em 79, Simões passou a diversificar seu patrimônio e investiu em terras no Mato Grosso. Lá, ele mantém seis mil cabeças de gado em 12 mil hectares. Além disso, o empresário detém uma agência de turismo, uma distribuidora de bebidas Antártica, uma locadora de carros e um negócio iniciado em 88: uma frota de 65 ônibus que transporta diariamente funcionários de dez fábricas da região. Simões

tem, depois do trabalho, um grande prazer que é viajar. Sempre que pode, acompanhado da esposa, Elvira, ele retorna à sua terra natal e visita outros países da Europa. Para isso, conta com a assessoria de seus filhos (além de outros três adotivos e quatro netos). "Eles são maravilhosos", elogia Simões, que introduziu-os na empresa assim que completaram 16 anos. Os mais jovens, ainda adolescentes, não fugirão à regra. Assim que tiverem condições, garante o empresário, também estarão atuando numa das empresas Júlio Simões.

Além dos filhos, Simões conta com uma equipe de fiéis funcionários, capaz de administrar os negócios com a mesma devoção que ele próprio. Vários deles estão há

quase 20 anos na empresa. "Tenho plena confiança neles", afirma o empresário. Avesso à entrevistas, Simões abriu uma excessão e, num dia de muito bom humor, conversou com a reportagem de ATO por quase duas horas. A seguir, os melhores trechos da entrevista:

ATO – Após tantos anos no ramo de transportes de carga, por que o senhor resolveu investir em ônibus?

SIMÕES – *Eu trabalhei como motorista de caminhão e mecânico de ônibus. São áreas que sempre gostei. Começou com caminhões e montei esta empresa que está aí, mas continuei com uma tendência a abrir um negócio com ônibus. A minha intenção era possuir uma linha intermunicipal, o que ainda pretendo fazer. Até o ano passado, no entanto, eu não pensava no assunto, quando fui procurado por um grupo de diretores de empresas da região, que queriam que eu entrasse no ramo de fretamento para transportar seus funcionários. Eu relutei por algumas vezes, porque afinal, é um investimento caro. Por fim, acabei aceitando porque fui informado que se não entrasse com o fretamento, eles contratariam uma empresa qualquer da Grande São Paulo. Então, resolvi assumir o negócio.*

ATO – Dessa forma, a Júlio Simões Turismo passou a concorrer diretamente com a Transportes e Turismo Eroles. Essa disputa também se estenderá às linhas circulares urbanas?

SIMÕES – *Não acredito que haja concorrência. Fazemos as linhas de dez empresas e, como eles, viajamos em excursões nos finais de semana e feriados. O campo é vasto e há lugar para todos. Quanto às linhas circulares, não passa de boato. Às vezes recebo telefonemas de pessoas que perguntam sobre esta possibilidade, mas eu trato logo de negar. Não que eu não tenha condições para tal. Na verdade, não tenho nenhuma intenção de realizar o negócio. Investi NCz\$ 8 milhões nos ônibus para fretamento e o retorno tem sido apenas razoável.*

ATO – Se é arriscado investir num país com uma inflação galopante, como é manter uma empresa do porte da Júlio Simões? A transportadora vai bem das pernas?

SIMÕES – *Só não vai melhor porque o governo não deixa. Veja, com uma inflação até agora de mais de 200% recebemos um aumento de 40% até 31 de julho. É difícil sobreviver dessa forma. Se eu não tivesse uma boa estrutura e recursos próprios, não aguentaria. Na verdade, nos*



ARQUIVO DA FAMÍLIA



ARQUIVO DA FAMÍLIA

No início da empresa, em 1957, Júlio Simões (à direita, na foto acima) com apenas três caminhões; com a esposa (ao lado), na década de 60; junto com os filhos (abaixo, à esquerda) Jussara, Marita, Solange e Fernandinho e a esposa Elvira; e com os filhos adotivos Paulo, Geraldo e Rodrigo



Da Terra à Lua

Estar entre as maiores empresas de transportes de carga do país pressupõe uma estrutura gigantesca. Nesse aspecto, a Júlio Simões não fica devendo nada às suas concorrentes. Em 68, a empresa passou a trabalhar na Companhia Siderúrgica de Mogi das Cruzes (Cosim) com a carga que lida até hoje: ferro e aço. Na mesma época, ela também passou a prestar serviços para a Cia. Suzano de Papel e Celulose, de Suzano. Hoje, a Júlio Simões mantém contratos que já duram 17 anos com as principais usinas estatais do país, como a Cosipa, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a Usiminas. Além disso, detém boa parte do transporte dessas cargas também nas usinas privadas, como as do grupo Gerdal, Villares e grupo Duferco, percorrendo todo o Brasil.

Aqui estão alguns dos números que mostram porque a Júlio Simões está entre as 15 primeiras transportadoras de carga do país:

- Ela transporta 118 mil toneladas de ferro e aço por mês, o equivalente a 4,6 mil carretas carregadas. Se colocadas em fila indiana, seriam 73 quilômetros

de carretas (cada uma delas tem 16 metros de comprimento), a distância aproximada, por exemplo, entre Mogi das Cruzes e a avenida Paulista, em São Paulo.

- Esses caminhões rodam um total de 920 mil quilômetros por mês em todo Brasil. Com o mesmo percurso, seria possível ir até a Lua e voltar, já que a distância entre a Terra e o satélite é de 384 mil quilômetros.

- Manter toda essa estrutura também não é fácil: a Júlio Simões renova sua frota de caminhões a cada cinco anos e compra três novas carretas por mês. Os caminhões têm uma idade média de dois anos e meio.

- A oficina da empresa, que também faz a manutenção dos ônibus, possui um almoxarifado completo, com cerca de cinco mil itens.

- O consumo mensal de óleo diesel, apenas para os caminhões, é de 479 mil litros.

- Uma carreta tem 20 pneus e cada um deles custa hoje NCz\$ 1.400,00. Para manter os pneus de uma só carreta são necessários NCz\$ 28.000,00. Se considerada toda a frota de 180 caminhões, são gastos NCz\$ 5.040.000,00 somente em pneus.

últimos meses, a empresa tem sido mantida com recursos particulares.

ATO – É por isso, então, que a Júlio Simões investe em outras áreas?

SIMÕES – *Sim, sem dúvida. Uma de nossas empresas que se fortalece é a de locação de veículos. Temos 150 carros locados em Vitéria, no Espírito Santo, Santos e São Paulo. No início deste mês, iniciamos o negócio também em Mogi. Com os ônibus, os caminhões e a locação dos automóveis estamos bem diversificados em matéria de transportes.*

ATO – Mas são, pelo menos, seis empresas diferentes. Como o senhor consegue administrá-las ao mesmo tempo?

SIMÕES – *Tenho muita ajuda dos filhos. Meu braço forte, hoje, é o Fernandinho, meu filho mais novo. Ele atende toda a área comercial e, além disso, ajuda em um pouco de tudo. Minhas filhas Mrita e Solange administram a Júlio Simões Turismo e a Jussara, que até pouco tempo administrava a distribuidora de bebidas Antártica, também é uma grande empresária. Meus filhos têm amor ao negócio, porque começaram aqui na empresa cedo. Essa é a fórmula correta. O diploma é importante, mas a prática é muito mais. Fora meus filhos, também tenho uma excelente equipe de funcionários. Gente que está comigo há 26 anos. E isso é muito bom, porque me sinto completamente amparado. Apesar disso, to-*



MALHARIA GATARINENSE

Conheça o seu novo estilo.



Amplas Lojas: conforto e estacionamento próprio.

AV. JOÃO GUILHERMINO, 358
TEL. (0123) 21.9058

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

PÇA. PRESIDENTE KENNEDY, 200
TEL. (0123) 22.2527



Parabéns Mogi!
Uma festa tão especial
pede "aquele" cafézinho
fino e saboroso

café
Lourenço®

IDADE • TRADIÇÃO • QUALIDADE • TRADIÇÃO • QUA

O braço direito

Com apenas 22 anos, o último dos cinco filhos de Júlio Simões, Fernando, é definido pelo pai como seu atual braço direito dentro da Júlio Simões S/A. A exemplo de suas irmãs, Solange, Jussara e Marita, Fernandinho, como é carinhosamente chamado, começou a trabalhar na empresa do pai aos 16 anos, na expedição. "Foi importante para mim começar de baixo como qualquer outro funcionário", avalia ele. Hoje, na vice-presidência, ele controla toda a parte comercial e, segundo seu pai, ainda faz um pouco de tudo.

Mais do que ninguém, Fernandinho, que é pai de um menino, Fernando, respeita o patrimônio considerável que o pai adquiriu desde que veio para a Brasil, aos 24 anos. "Sei que tudo o que meu pai possui foi conseguido à custa de muito trabalho e dedicação", elogia. A esses fatores, Simões certamente acres-

centaria muita economia e persistência. Na verdade, o caçula dos Simões saiu ao pai em muitos aspectos. Dedicção e trabalho são palavras que Fernandinho conhece, na prática, muito bem. A maior lição que Simões transmitiu a seus filhos, entretanto, é definida por ele em duas palavras: honestidade e trabalho.



Fernandinho: início como qualquer funcionário

Desde a infância

Arlindo Carvalho da Silva, 60 anos, é o primeiro da lista de 850 funcionários que as empresas Júlio Simões comportam hoje. Trabalhando há 26 anos com Júlio Simões, Silva tem muito em comum com o empresário, por exemplo, nasceu na mesma cidade em que seu patrão, Alvorje, em Portugal. Além disso, foram colegas na infância, estudaram juntos na mesma escola e vieram de famílias amigas.

Aos 35 anos, Silva começou a trabalhar com o amigo, quando ele iniciava seu negócio: transportava hortaliças de Mogi para o Rio. Hoje, diretor comercial da empresa, Silva garante que só não a conhece melhor do que o próprio dono. Além disso, desfruta de toda a confiança que o empresário oferece. "Posso viajar tranquilo e, se quiser, até deixar ouro em pó no escritório", exagera Simões, quando fala de seus funcionários. Além de Silva, ele possui vários empregados

com muitos anos de casa que, ao lado de seus filhos, administram com competência as empresas. Silva considera fácil trabalhar com Simões: "É só fazer tudo direito. No resto, a gente se entende". Além disso, elogia o bom coração do patrão, apesar de seu comportamento um tanto intempestivo. "Isso é normal num trabalho como este", justifica.



Silva: só o patrão conhece melhor a empresa

dos eles – meus filhos e funcionários – são supervisionados por mim.

ATO – Além de empresário, o senhor também é presidente do conselho do Instituto Nacional dos Transportadores Rodoviários de Aço (Intra). Quais suas atribuições nessa instituição?

SIMÕES – Eu fui diretor e sou presidente do conselho há quatro anos. Ele não tem fins lucrativos e foi montado por ordem da Siderbrás, só para atender as reivindicações das cargas das estatais, basicamente ferro e aço. Todas as usinas do governo são ligados ao Cip. Este órgão, mais a Siderbrás e o Intra decidem todos os aumentos de fretes, as condições de transportes etc. Só no início deste ano já fui a Brasília várias vezes para tratar desses assuntos.

ATO – O senhor já tem um candidato à Presidência?

SIMÕES – Não sou filiado a nenhum partido,

mas me considero um homem de centro. Mesmo assim, ainda não defini meu candidato. Só vou fazê-lo mais para o final do mês.

ATO – Como será o Brasil com o novo presidente?

SIMÕES – O país vai passar por fases muito difíceis, sobretudo se entrar um homem que siga as metas do atual governo. Se for eleito um homem que seja realmente bom, ele perceberá que a situação econômica do país só melhorará com uma recessão. País nenhum vai para frente sem muito trabalho e sem muita economia, e com uma boa administração. Podemos nos espelhar no exemplo do México. Nós somos cinco vezes maior que aquele país em potencial. Lá, por outro lado, a economia está uma maravilha. Temos tudo para ser um dos melhores países do mundo, nossos homens é que precisam modificar a maneira de governar.

Entrevista a Maricy Guimarães

A TRAMA DA HOWA COM MOGI

A Howa trama com Mogi há mais de 30 anos,
quando instalou aqui a sua Indústria.
Desde então esta trama não parou mais.
Mogi com seu vertiginoso desenvolvimento
e a Howa com sua constante busca da Inovação.
Uma trama assim só poderia dar em uma
coisa: SUCESSO. Parabéns Mogi!

The logo for Howa S.A. features the word "Howa" in a bold, italicized, sans-serif font. The letters are white with a thick black outline, and the entire word is set within a black rectangular border that has a slight perspective, making it look like a sign or a badge.

HOWA S.A. INDÚSTRIAS MECÂNICAS
Líder do Setor de Máquinas Têxteis



Ronaldo Caiado: "O Brasil é como uma locomotiva, que no começo da década de 80 foi perdendo a velocidade"

SUCCESSÃO - I

A UDR quer diálogo

Caiado nega que estimule a violência no campo e prega a transformação do Brasil em um país livre da incompetência

O agropecuarista e médico ortopedista Ronaldo Caiado, presidente licenciado da União Democrática Ruralista (UDR), é odiado pela esquerda, que o acusa de estar por trás da violência no campo. Caiado nega as acusações. Diz ser vítima de campanha difamatória, "por parte de grupos que pregam a democracia, mas são os primeiros a enterrá-la, quando assumem o poder. Essas pessoas usam tática já conhecida: repetem uma mentira mil vezes, até transformá-la em verdade."

Aproveitando a maré favorável, na época da Constituinte - quando conseguiu algumas vitórias, como a anistia aos microempresários e produtores rurais - Ronaldo Caiado lançou a sua candidatura à Presidência da República. Nas pesquisas de intenção de votos, Caiado está quase na lanterna. Mesmo assim, leva avante sua candidatura, conseguida com muita dificuldade: o PDC tentou fechar-lhe as portas de todas as maneiras e, para não correr riscos, Caiado pulou para o PSD, que tinha então

ficado sem Jânio Quadros. Seu programa de governo não está pronto. Mas Caiado tem algumas idéias já prontas. Quer reduzir os poderes do Estado, acabando com a maioria das estatais, promete salário justo para quem produzir e um país democraticamente sólido. Chega até a prometer convidar adversários para sua equipe de governo, caso seja eleito. Eis a entrevista que ele concedeu à **ATO** com exclusividade.

ATO - De todos os presidenciáveis que estão aí, o senhor é apresentado como o que está mais à direita. Chegaram até acusá-lo de ser representante da extrema direita no Brasil. Como é isso?

CAIADO - Esta é a tática daqueles grupos que se rotulam de "democratas", representantes do povo, para tentar desmoralizar todos aqueles que julgam uma ameaça à sua existência, por que podem ser desmascarados a qualquer momento. Eu nunca fui representante da direita e nem da extrema direita. Eu sou contra a extrema incompetência, que é o que tem de sobra neste país.

Agora, qualquer pessoa com senso crítico verá que sou alvo de uma campanha, feita por essa esquerda inútil que grassa pelo Brasil. A tática deles é a de repetir mil vezes uma mentira, até transformá-la em verdade. Agora, esse pessoal nunca me ousou enfrentar num debate, pois não tem argumento para ganhar discussão nenhuma.

ATO - O senhor odeia a esquerda, tanto quanto ela o odeia. Mas olhando para trás descobrimos que o jovem Ronaldo Caiado, quando estudava Medicina na França, andou lado a lado com grupos de comunistas.

CAIADO - Justamente. Nada como conhecer os métodos dos comunistas, para saber quem são eles. Na universidade, na França, pude acompanhar de perto o trabalho de militância dos comunistas europeus, para formar discípulos. Lá, eles aprendiam as técnicas de convencimento das massas, como fazer panfletagem, como organizar manifestações públicas de protesto e como transmitir à pessoas comuns os ensinamentos de Marx. Na universidade ▶

VOCÊ QUE ESTÁ ESPERANDO UMA OPORTUNIDADE
PARA TROCAR O SEU PISO...

**A HORA É ESSA!
OPTE POR PISOLAM.**

UM PISO LAMINADO, DE MADEIRA NATURAL DA ESPESSURA DO SEU CARPETE,
QUE PODE SER COLOCADO EM QUALQUER SUPERFÍCIE LISA.

PEÇA UM ORÇAMENTO SEM COMPROMISSO

ATENDEMOS TODO O VALE



Machbar

DESIGN & DECORAÇÃO

PROJETOS DE ARQUITETURA E DECORAÇÃO

Com exclusividade Wiegando Olsen

RUA MADRE PAULA, 366 — TEL. (0123) 22.1277 — SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

SE VOCÊ QUER FAZER BONS NEGÓCIOS COM SEUS IMÓVEIS
Fale com quem tem tradição comprovada de eficiência e segurança

OKKIYO KAWA

IMÓVEIS - CRECI 8287

R. Navajas, 97 - Mogi das Cruzes - Tel.: (011) 469-4211 (KS)

existiam alunos de todos os cantos do mundo. Então vi como as idéias marxistas se disseminavam e como as pessoas eram manipuladas.

ATO - Então, como o senhor se define ideologicamente?

CAIADO - Liberal democrata. Eu defendo uma sociedade livre das amarras do Estado. Entendo que o melhor regime para o Brasil é o capitalismo e que esse será o nosso destino. Hoje, o Brasil é uma nação que pratica um estatismo feroz, ao mesmo tempo que procura seguir os passos do mundo capitalista. Trata-se de uma contradição e os problemas estão aí. Só teremos uma sociedade justa quando os interesses do povo, da massa, dos assalariados, dos produtores, de todas as pessoas que compõem a Nação, estiverem acima dos interesses do Estado. Se eu for eleito presidente da República, colocarei em marcha esse processo de desamarragem do povo ao Estado.

ATO - E qual é a sua proposta para tirar o Brasil da crise?

CAIADO - Acabar, em primeiro lugar, com o intervencionismo estatal, permitir que todos os segmentos da economia possam praticar a economia de mercado livre, como acontece nos Estados Unidos, Canadá, Espanha, França, Itália. Segundo, combater ferozmente a corrupção. Colocar na cadeia mesmo todos aqueles que roubaram, espoliaram o patrimônio público. Minha meta é reduzir os poderes do Estado, com uma ampla reforma administrativa, demitir todos aqueles que não fazem nada e ainda recebem salários pagos com impostos do povo. Mordomia será crime no meu governo. Farei um governo austero e com credibilidade popular.

ATO - Mas para colocar em prática tais mudanças, o senhor tem que colocar em ordem a questão da dívida externa. Qual é a sua proposta?

CAIADO - Primeiro, sou contra o "calote". Acho, no entanto, que a dívida é injusta. Podemos partir para o meio termo. Eu tenho intenções de ir pessoalmente ao Clube de Paris, ao Banco Mundial, ao FMI, e discutir com os banqueiros o pagamento da dívida. Será que eles recusarão discutir com um presidente da República eleito pelo povo do seu país? Condicionarei o pagamento da dívida externa à injeção de novos investimentos externos no país. Temos que aproveitar esses investimentos para capitalizar tecnologia nova e melhorar o nosso parque industrial, que atravessou a década de 80 totalmente defasado, por causa da crise que nos assolou.

ATO - E com relação ao problema da inflação que está aí?

CAIADO - Se a gente arrumar a casa, a inflação vai cair. Hoje, a inflação aumenta no Brasil na mesma proporção que cai a credibilidade do atual governo. Você verá que um presidente eleito mudará essa situação, porque a inflação também tem suas

causas psicológicas.

ATO - E como o senhor pretende formar sua equipe de governo?

CAIADO - Não tenho nomes ainda. Mas tenha certeza de uma coisa: independente da posição política ou ideológica, se a pessoa for competente, honesta e patriota, será convidada por mim. Eu não rotulo pessoas. Eu as avalio pela competência que demonstram nas suas atividades. Para mim, a competência é algo prioritário, ao lado da honestidade.

ATO - O que o senhor pretende fazer para recuperar os salários dos trabalhadores?

CAIADO - Eu quero incentivar a produtividade, a forma de melhorar os salários. Eu comparo o Brasil a uma locomotiva que no começo da década de 80 foi perdendo a velocidade. Aí veio o Plano Cruzado e a locomotiva sofreu uma brusca aceleração. Mas como não tinha combustível, começou a falhar no meio do caminho. O combustível a que me refiro neste caso era a produção agrícola e industrial, que se encontrava defasada. O Brasil vinha produzindo pouco em relação ao que seu povo poderia consumir. Só que seu povo não ganhava salário para consumir. Metade da população brasileira não ganha o suficiente para poder ter sua geladeira, televisão e alimentos essenciais. Com o cruzado, houve uma oportunidade para isso. Só que o cruzado era uma fantasia e causou mais males do que bem. Mas, voltando à pergunta, eu quero dizer que no meu governo teremos uma política salarial justa. Ninguém vai ganhar mais esse salário de fome que hoje é pago. E queremos conceder uma bonificação a todos os trabalhadores que se empenharem mais, produzirem acima da média. Ganhando mais, os trabalhadores poderão consumir e seremos um povo mais feliz.

ATO - Para colocar essas idéias em práticas, o senhor terá que melhorar sua posição junto ao eleitorado, que hoje não lhe dá a preferência, e tentar derrotar, finalmente, Fernando Collor de Mello, do PRN.

CAIADO - Eu não estou preocupado com o Collor, porque ele é um fenômeno passageiro. Na hora que as minhas propostas chegarem à televisão e ao rádio, diariamente, via programa eleitoral gratuito, então as pessoas passarão a ver quem tem propostas sérias e honestas para o Brasil. Agora: cadê as propostas do Collor? Ele só fala em "marajás", corrupção. Fala de forma genérica. E eu também não me preocupo com Lula, Brizola e Roberto Freire, que defendem a expansão da estatização no Brasil, quando o povo claramente quer que se faça o contrário.

ATO - E quais são suas propostas para o Brasil que serão mostradas via televisão, na propaganda eleitoral gratuita?

CAIADO - Canalizar todos os recursos que hoje são gastos em mordomias e de forma desnecessária para que sejam usados para construir moradias populares, melho-

EMPRESAS DO GRUPO VENEZIANI

garden

Av. Nélon D'Ávila, 1316
22-8662 Centro
S. José dos Campos — SP

**Number
two**

R. Luiz Jacinto, 241
21-2542
S. José dos Campos — SP

Bar Baro
restaurante e chopperia

(antigo Aconchego)

R. Teopompo de Vasconcelos, 267
23-1755
S. José dos Campos — SP

MAISON
VENEZA

Av. Nélon D'Ávila, 1046
21-7581 — Centro
S. José dos Campos — SP

EM BREVE

Luma
hotel

R. Luiz Gonzaga Veneziani, 86
23-4798
S. José dos Campos — SP

EM BREVE

Q-tal
SUCOS

R. Sebastião Hummel, 119
23-2455
S. José dos Campos — SP



GAMMA VIDEO
LOCADORA

R. Rubião Jr., 84, loja 2
23-2584
S. José dos Campos — SP

**VIDEO
MANIA**

Av. Perseu, 60, loja 3
31-3654 — Jardim Satélite
S. José dos Campos — SP

LATICÍNIOS



MARAVILHA

HÁ 28 ANOS VALORIZANDO O
SEU BOM GOSTO, COM PRODUTOS
DE EXCELENTE QUALIDADE



QUEIJOS
VINHOS
FRIOS

MARAVILHA
AV. FRANCISCO RODRIGUES FILHO, 951 – FONE: (011) 468-2911

MARAVILHA
AV. CAP. MANOEL RUDGE, 641 – FONE: (011) 469-7303

MARAVILHA
R. CEL. SOUZA FRANCO, 594 – FONE: (011) 469-5900

rar o setor de saúde pública, que eu conheço bem porque sou médico, injetar mais recursos na educação e dar prioridade à questão da segurança pública. Pode ter certeza de que no Palácio do Planalto tem dinheiro para isso e que hoje é usado de forma errada.

ATO – E com relação à Amazônia. Qual é a sua posição sobre essa região?

CAIADO – Tem que ser preservada. A Amazônia é o maior patrimônio do povo brasileiro. Mas isso não significa que a Amazônia tem que ficar inexplorada. Vamos explorar seu potencial, sem devastar. A Amazônia não pode ser transformada num horto florestal internacional, porque lá vivem 15 milhões de brasileiros, que precisam trabalhar. A Amazônia tem sete milhões de hectares de várzeas, altamente férteis para produzir alimentos, onde não precisamos derrubar uma árvore para trabalhar.

ATO – E o futuro da reforma agrária no seu governo?

CAIADO – Será realmente feita, mas de forma correta, sem incitamento de colonos para invadir terras alheias. O Brasil tem 117 milhões de hectares improdutivos, terra suficiente para todos. Não é preciso se ocupar terra particular de ninguém. Agora, reforma agrária não se faz jogando o colono na terra e o deixando lá, abandonado. O colono tem que receber assistência e precisa produzir. Espero levar a cabo a minha idéia, que foi apresentada ao governo Sarney e recusada, porque o governo que está aí não queria fazer reforma agrária.

ATO – E qual será sua relação com a Igreja Católica?

CAIADO – Bem, sou católico praticante, respeito a Igreja. Mas eu respeito a Igreja de Cristo, onde fui criado e aprendi os ensinamentos de Cristo. Agora, a Igreja Progressista tem adotado posições políticas, que são criticadas até pelo papa. Não podemos confundir Jesus Cristo com Karl Marx.

ATO – O senhor arrumou muita encrenca com a Igreja Católica Progressista e recebeu de volta a acusação de que através da UDR, da qual era presidente e líder, estimulava a violência no campo, a matança de colonos...

CAIADO – Essas acusações sempre foram caluniosas. A UDR nunca estimulou a violência no campo e nem mandou matar ninguém. A UDR sempre usou o diálogo nas questões mais críticas, mesmo quando as terras dos nossos associados eram invadidas. A polícia e a Justiça apuraram casos de mortes em todo o país, atribuídos à UDR, e nossa entidade sempre foi inocentada, mostrando claramente que eramos vítimas de calúnias. Na época da Constituinte, mostramos qual era a nossa tática. Conseguimos provar no Congresso que através do diálogo poderíamos chegar a acordos e esta sempre foi a nossa tônica.

Entrevista a Luiz Malavolta

PIZZARIA

Charme
171

FORNO A LENHA

A maior e melhor casa especializada em pizza.
Reservamos mesa para confraternização. A massa fica à sua escolha —
fina ou grossa. Servimos frango à passarinho. Ainda a melhor pizza da cidade.

Av. 9 de Julho, 171 Tel. (0123) 21.6791

A IDÉIA MAIS GOSTOSA DO MOMENTO

Pastéis, doces e salgados. Café Expresso.

AV. NOVE DE JULHO, 243 — TEL. (0123) 21.7386

Pastelito



FARMÁCIA HOMEOPÁTICA HAHNEMANNIANA

Medicamentos Homeopáticos, Produtos Naturais e Cosméticos. Atendimento por
profissionais especializados. Aberto das 8:00h. às 19:30h.

Av. Nove de Julho, 347 — Tel. (0123) 21.7172

FORNO A LENHA

Reservas para confraternização de segunda a quinta-feira. Aberto
de 2ª a 5ª das 18:00h. às 24:00h. Sextas e sábados das 18:00h. à 1:00h.

Av. Nove de Julho, 685 — Tel. (0123) 22.0244



Villa d'Aldea de São José

Av. 9 de Julho

UM SHOPPING COMPLETO

EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS



O MELHOR AMBIENTE, O MELHOR CHOPP, E É CLARO A
MELHOR PICANHA FATIADA DA REGIÃO. TUDO ISSO
E MUITO MAIS NO CHOPP E CIA.

AV. NOVE DE JULHO, 1137

ASSOCIADO
A ANFARMAG

EXIJA QUALIDADE.
AVIE SUA RECEITA COM TECNOLOGIA AVANÇADA.
EXIGA BYOFÓRMULA.

S.J.Campos, 9 de Julho, 542 — Tel. (0123) 22-2077
Mogi das Cruzes — Jacareí — Caçapava — Guaratinguetá

byofórmula
tecno pharma
FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO

PADARIA

9 de Julho

FRIOS — CONFEITARIA — LANCHONETE

Croissants, Pão de Queijo, Pão Italiano, Pettit Fours.

AV. NOVE DE JULHO, 275 — TEL. (0123) 21.2131

o **SicilianO** ENTREGAS À
DOMICÍLIO

Estamos funcionando das 11:00h. às 23:00h.
Venha nos conhecer, ou peça pelos telefones **21.7000/21.6001**
Av. 9 de Julho, 1281



Pôquer eleitoral

Lideranças políticas do Vale do Paraíba jogam na eleição presidencial seu destino nas campanhas de 1990 e 1992

A campanha eleitoral para a Presidência da República está servindo como "laboratório" das futuras disputas, acordos e sonhos das lideranças políticas regionais em relação a área de influência de cada um no Vale do Paraíba e da campanha eleitoral de 1990, que indicará o novo governador do Estado, e renovará a Assembleia Legislativa de São Paulo, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal. Os nomes de Collor, Brizola, Maluf, Covas e Lula servem como trampolim para candidaturas futuras, termômetro da cotação nacional dos políticos regionais, escudo para resguardar prestígios abalados ou ariete para consolidar posições. É um jogo de muitos jogadores, de poucos parceiros e de alto risco - onde o "groupier" já determinou que as apostas sejam feitas.

Nesse pôquer eleitoral, boa mão tem o prefeito de São José dos Campos, Joaquim Bevilacqua (PTB). Foi o que mais demorou para sentar à mesa, mas teve seu trabalho inicial feito por seus "escudeiros", espalhados estrategicamente em torno das principais candidaturas à Presidência. Dessa forma, ele encheu e esvaziou candidaturas na região e plantou algumas fichas na eleição de governador do Estado em 1990, liberando pessoas de seu grupo a trabalharem na campanha do ex-governador paulista Paulo Maluf (PDS).

Em contrapartida, jogando certinho, mas apostando tudo, o deputado federal Robson Marinho (PSDB) joga no apoio da candidatura do "tucano" Mário Covas um caminho mais fácil para disputar a eleição de 1990 a deputado federal ou estadual e, assim, abrir sua volta à Prefeitura em 1992. Covas pode até perder, mas Robson aposta em um bom volume de votos de São José dos Campos e do Vale do Paraíba para o "ninho" de seu partido.

Entre esses dois jogadores, entretanto, há uma disputa pessoal. Antigos aliados no antigo MDB, Bevilacqua e Robson vêm travando uma guerra particular há dez anos, que oscila entre um tiroteio geral e períodos de acordos táticos de não agressão. O período atual é de guerra. Mordido pelas dificuldades impostas por Robson durante os anos que o PMDB foi poder em São José dos Campos,

Bevilacqua assumiu a Prefeitura prometendo deixar o grupo do arquinimigo fora da cena principal por, pelo menos, oito anos - quatro de seu mandato e quatro do mandato de seu sucessor, que espera "fazer".

Essa rivalidade implica em Bevilacqua dificultar os passos de Robson, quer como cabo eleitoral de Covas, quer como candidato a deputado ou como aspirante à Prefeitura. O prefeito de São José dos Campos conhece o baralho, tem o jogo, aparentemente, dominado e boas cartas na mão. Resta saber se Robson não tem algum "ás" na manga. Ou contará com alguma ajuda da sorte, uma coisa sempre possível em se tratando de um "jogo".

EM CIMA DO MURO - Joaquim Bevilacqua foi a liderança regional que mais tempo levou para engajar-se na campanha eleitoral. E o fez obedecendo a idéia de que, em política, nem sempre a menor distância entre dois pontos é uma reta. Bevilacqua fugiu de sistemáticos emissários de Leonel Brizola (PDT) e Fernando Collor de Mello (PRN) propondo diálogo, dividiu seus fiéis "escudeiros" entre três candidaturas e arquitetou uma estratégia elíptica para tentar definir o apoio a um nome. Em setembro, durante uma reunião do Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba (Codivap), em Paraíba, Bevilacqua propôs um projeto político para a

recuperação do rio Paraíba do Sul, que seria uma alavanca para os projetos técnicos já existentes (veja matéria "Fazendo marolas", à página 96). Esse projeto seria apresentado a três candidatos à Presidência - Collor, Brizola e Paulo Maluf - e aquele que o aceitasse integralmente teria o apoio completo do Codivap.

TRADUZINDO - O apoio a essa versão valeparaibana do Projeto Nordeste do governador do Ceará, Tasso Jereissati (PMDB), colocaria, segundo os planos de Bevilacqua, o apoio de 36 municípios, mais de meio milhão de eleitores, nas mãos do "escolhido". Um escolhido que teria um compromisso formal com a região.

Antes de "descer do muro" em que se equilibrava durante tanto tempo, Bevilacqua deixou pistas sobre os rumos que tomaria, já na divisão que fez entre seus "escudeiros" para a coordenação das campanhas dos principais candidatos na região. A campanha de Collor ficou nas mãos do vice-prefeito Pedro Yves Simão (PFL), candidato potencial a prefeito em 1992 e em alta cotação, "puxado" pela campanha do São José Esporte Clube no Campeonato Paulista. Apóiam Pedro Yves os grupos ligados à Igreja que estiveram com o vice-prefeito na campanha eleitoral do ano passado - todos atraídos pelo slogan de renovação bancado por Collor.

Para a candidatura Brizola, Bevilacqua liberou inicialmente o secretário de Governo, Eduardo Moura, que coordenou a campanha à Prefeitura em 1988. Em julho, entretanto, Moura recebeu a indicação de que deveria afastar-se da organização da campanha, deixando espaço livre para Florivaldo Rocha (PDT), um vereador mediano na Câmara de São José dos Campos e sem meios de organizar grandes mobilizações



O prefeito de São José dos Campos, Joaquim Bevilacqua: com as cartas na mão

em torno do "caudilho". O PDT, já fraco em São Paulo e mais fraco no Vale do Paraíba, entrou na reta da campanha em marcha lenta. (Um dos primeiros telefonemas que Bevilacqua recebeu quando eleito prefeito de São José dos Campos foi do deputado federal Fernando Lyra, atualmente candidato a vice de Brizola. Lyra propunha um encontro entre Bevilacqua e Brizola, para uma aproximação de ambos. Esse encontro não aconteceu.)

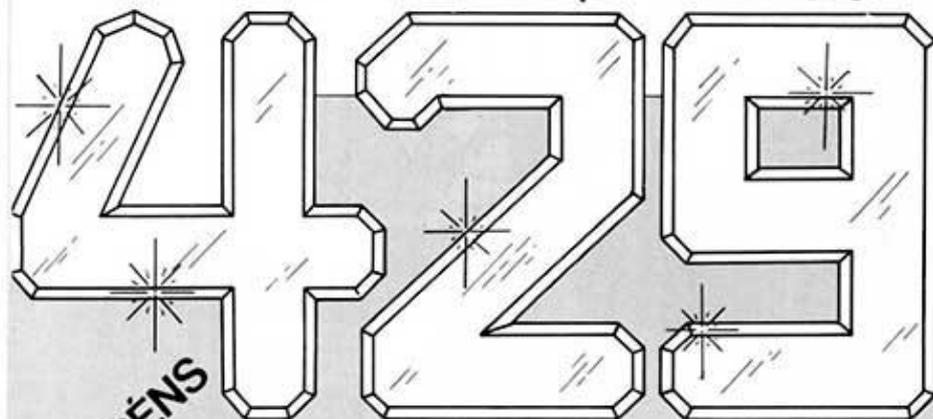
MALUF E ROBSON – Já para o lado de Maluf foram alguns fiéis seguidores, como o vereador Pedro "Bala" Celestino de Freitas (PDS), coordenador da campanha no Vale do Paraíba. Bevilacqua não impediu essa aproximação e até a incentivou. Quem sabe, de olho em uma possível eleição de Maluf a governador do Estado em 1991 – cargo que o ex-governador deseja, caso não seja eleito à Presidência da República. Prova disso é que seus assessores têm contratos até o ano que vem, terminando exatamente após as eleições para o governo do Estado.

"Malufou" também o deputado estadual José de Castro Coimbra (PFL), aliás, um velho malufista. Coimbra tem junto a si o apoio de alguns prefeitos da região, a quem apoiou nas campanhas municipais do ano passado, para a candidatura de Paulo Maluf. Prefeitos, principalmente, de pequenas cidades, mas que podem ser uma "pedra no sapato" no acordo "ao atacado" que Bevilacqua pretendia fazer com o projeto do Codivap. A não ser que haja perspectivas de apoio a Collor agora e Maluf em 1990, sem que isso estrague os planos de Bevilacqua e Coimbra.

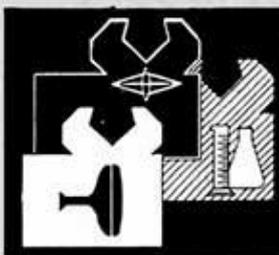
Paralelo a esse jogo, Robson Marinho tenta acelerar a candidatura de Mário Covas na região de São José dos Campos. Mais que fazer decolar o "tucano", Robson pretende desatolar seu próprio futuro político. Líder incontestado do PMDB regional há dez anos, Robson viu seu espaço político ser "comido" por Geraldo Aleckmin (PSDB), deputado federal e ex-prefeito de Pindamonhangaba, na década de 80. Mesmo isolado na região entre São José dos Campos e Jacareí, Robson elegeu-se deputado federal em 1986, mas "caiu" junto com a candidatura de Carlos Sebe à Prefeitura em 1988. Agora, Robson quer reverter essa tendência de queda gradativa e recuperar sua projeção política. Que rumos vai tomar? (veja matéria à página 24). Depende do cacife que arrecadar nesta campanha eleitoral.

Fora esses jogadores, o cenário tem ainda o Partido dos Trabalhadores, de Lula, da Articulação e da Convergência Socialista, que sempre consegue uma fatia de votos. Cartas na mesa, estratégias armadas, acordos firmados. Tudo pronto? "Façam seu jogo, senhores", diz o "groupier". Mas, atentos a muitas surpresas, característica essencial em uma campanha eleitoral. ●

MOGI SUA HISTÓRIA REFLETE A FORÇA DO SEU POVO



PARABÊNS



ESCRITÓRIO CENTRAL
Av. Horácio Lafer, 555/579
Fone : (011) 210-0022
São Paulo – S.P. CEP 04538

FÁBRICA
Av. Corning, 496
Fone: (011) 476-3311
Suzano – S.P. CEP 08600

CORNING

CORNING BRASIL – VIDROS ESPECIAIS LTDA
24 ANOS FABRICANDO VIDROS DE ALTA QUALIDADE

WUO

Club do
LANCHE
CHOPP, LANCHES, REFEIÇÕES E SORVETES

Sempre um bom
atendimento para quem
tem bom gosto e
bom-apetite

Pça João Pessoa, 25
Fone: (011) 460-3959
M. Cruzes – S.P.

ANOS



As maiores por receita.

Em US\$ mil em 1988

1. McDonald's (SP)	138 782
2. Água de Cheiro	125 390
3. O Boticário	62 143
4. Localiza National	55 011
5. Philippe Martin	40 908
6. Bob's	32 037
7. Ellus	27 460
8. Interlocadora	25 639
9. Móveis Florense	20 888
10. Folic	20 201
11. Laundromat	14 977
12. P&C-Pão & Cia Ltda	14 183
13. Datapro	11 494
14. OP	8 708
15. Babylandia	8 359
16. Fiorucci	7 018
17. Casa do Pão de Queijo	5 224
18. Mister Pizza	3 960
19. L'Acqua di Fiori	3 768
20. Blu 4	3 476

Faturamento médio por loja.

Em US\$ mil por mês

1. McDonald's (SP)	578
2. Folic	140
3. Redley	134
4. Philippe Martin	69
5. Bob's	66
6. Timberland	66
7. Datapro	47
8. P&C-Pão & Cia Ltda	47
9. Swensen's	46
10. Laundromat	37
11. OP	35
12. Móveis Florense	31
13. Localiza National	31
14. Água de Cheiro	30
15. Ellus	26
16. Post Scriptum	25
17. Bridge	25
18. Fiorucci	24
19. Babylandia	21
20. Casa do Pão de Queijo	21

FONTE REVISTA EXAME

Esta marca vale ouro.

Água de Cheiro
A ESCOLHA NATURAL

EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

CENTERVALE SHOPPING — PISO DUTRA
ENTRADA B — LOJA S-309

SHOPPING CENTRO SÃO JOSÉ
1º PISO — LOJA 29



SERVIMAQ
COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES

A DALMATIC III SELF SERVICE, FOI PROJETADA PARA UTILIZAÇÃO DOS PRODUTOS INSTANTÂNEOS DALCA, EMBALADOS EM DOSES INDIVIDUAIS.

PROVE!

- PRÁTICA, ECONÔMICA E VERSÁTIL.
- IDEAL PARA ESCRITÓRIOS, CONSULTÓRIOS, LOJAS, RESIDÊNCIAS ETC.

PREÇO DIRETO DA FÁBRICA.
SOLICITE
A VISITA DO NOSSO
REPRESENTANTE
EXCLUSIVO PARA O VALE DO
PARAÍBA PELOS FONES:



TEL. (0125) 52.1519
LORENA

TEL. (0123) 22.5655
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS



Filmes em VHS e Betamax
Americanos, nacionais e japoneses
Acessórios para vídeo
Cabos, fitas virgens, antenas, etc...
assistência técnica convênio Centrotec

fores
477-1144/469-0553

414

CAPTURE

Elegância
Praticidade e
Bom gosto

fone 469-6761

1441

FLOR DE MOGI



PADARIA E CONFEITARIA

fone: 469-9707

365

REQUINTE'S
cabeleireiros

uma questão de estilo

fone: 468-2328

DEPILAÇÃO COM CÉRA MORNA

331



voar agora é mais
fácil do que nunca

fone: 469-9044

1642



Laboratório
Hematologia
Hemoterapia

fores
469-4762/469-3762

1718

SOLANGE
Cabeleireiros

fone: 469-2437

PERFUMARIA E COSMÉTICOS

1410



moda jovem •
esportiva • habillé

fone 460-2533

267

PASSAGEM
OBRIGATÓRIA

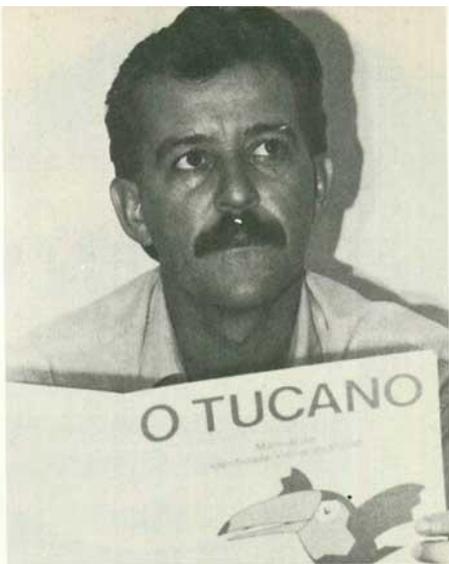
Praça
NORIVAL
TAVARES

O vôo do tucano

Robson lança-se ao desafio de reaver sua liderança

A vida política do "baixinho" – apelido ora carinhoso, ora provocativo com que o deputado federal Robson Marinho (PSDB) é tratado por correligionários e inimigos – não tem sido nada fácil, nos últimos anos. Teve sua hegemonia sobre o PMDB da região derrubada por Geraldo Alckmin na eleição de 1986 e amargou, já no PSDB, a derrota de Carlos Sebe (PMDB), na eleição de 1988 à Prefeitura de São José dos Campos. Certo, ele tem um mandato de deputado federal e uma bagagem política volumosa. Mas também é certo que seu mandato acaba no ano que vem – e, nas eleições de 1990, Robson terá que provar que está em forma e com chances de enfrentar, em 1992, seu arquinimigo Joaquim Bevilacqua na eleição para a Prefeitura joseense.

Para chegar em 1992 com força para enfrentar o provável nome de Pedro Yves Simão, candidato que seria garantido por Bevilacqua, Robson terá de enfrentar duas provas: conseguir decolar o "tucano" Mário Covas na região e ter boa votação na



Robson Marinho: três desafios eleitorais

eleição em 1990, votos que o habilitariam chegar forte à disputa pela sucessão da Prefeitura.

Para conseguir votos no ninho "tucano", Robson conta com um eleitorado fiel. Para 1990, a situação não é tão clara. Qual o destino de Robson? Candidatar-se à reeleição ou tentar a Assembléia Legislativa do Estado, alvo mais próximo e fácil de acertar? Para sair à federal, Robson terá, mais uma vez, que segurar a intenção do deputado estadual Luiz Máximo (PSDB) de chegar à Câmara Federal. De outra forma,

Robson acabaria "emparedado" em São José dos Campos por duas candidaturas – Alckmin no Médio e Fundo do Vale e Máximo na região de Jacareí e Grande São Paulo. Será a estratégia melhor disputar o espaço de Alckmin no Vale?

Entre os "escudeiros" de Bevilacqua, a expectativa é de que Robson saia a deputado estadual, para escapar desse "emparedamento" e poder colher votos em "dobradinhas" com Alckmin e Máximo. Dando certo, Robson teria um bom volume de votos, passaporte ideal para tentar a Prefeitura em 1992. Isso esbarra, entretanto, em alguns acordos localizados que os dois deputados vêm tecendo em suas bases – o ex-prefeito de Taubaté, José Bernardo Ortiz, pretende lançar-se à deputado e tem como certo o apoio de Geraldo Alckmin, situação que se desenha idêntica em Jacareí, com o ex-prefeito Thelmo Cruz (PMDB) e Máximo.

Estratégia à parte, Robson Marinho terá pela frente a marcação sob pressão do prefeito Joaquim Bevilacqua, que procurará atrapalhá-lo de todas as formas possíveis. Com tudo isso, a partir dessa campanha eleitoral, o "baixinho" terá que "rebolear" para não ser apanhado em outro resultado adverso. Será um grande teste para sua capacidade de sobrevivência política, elogiada por correligionários e maldita pelos inimigos. Façam suas apostas. ●

A MOJITRON
e as empresas por ela representadas
parabenizam MOGI pelo seus 429 anos

PC NO BREAK
POWER

Kirst

MOJITRON INFORMÁTICA
GRUPO MODERNA

telex
PORT

Itautec

WK
SISTEMAS

H&M
SOLUÇÕES PARA MICRO COMPUTADORES E TERMINAIS

CONTROLES
ELETRÔNICOS

TECAMA

Lucane

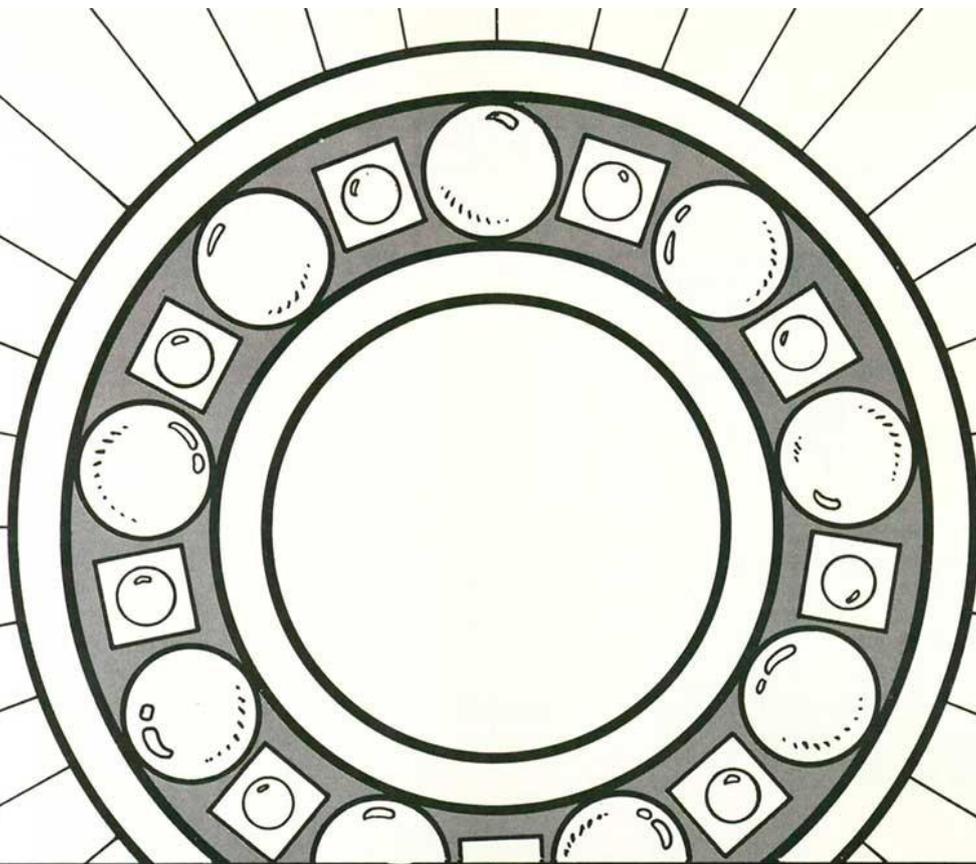
IC Intercorp

MEGA
INFORMÁTICA

interprint

Programe
Soluções Definitivas
MOJITRON
FONE (011) 460-3622

R. JOSÉ BONIFÁCIO 68-M. CRUZES



ACREDITAMOS
QUE O TRABALHO
SERÁ SEMPRE
O SOL DO FUTURO

FELICIDADES, MOGI,
PELOS SEUS 429 ANOS

NACHI

NACHI DO BRASIL INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

AGORA TAMBÉM EM MOGI



Serviços odontológicos para indústrias e empresas
dentro das mesmas

(4 ANOS de Experiência em S.Paulo)
Convênios e Atendimentos Particulares

R. Dr. DEODATO WERTHEIRMER, 1643
5º ANDAR · SALA 56 - M. CRUZES

FONE: (011) 210-9029
210-9030



Deliciosa
LILÁS!

Bem - vinda
à nova

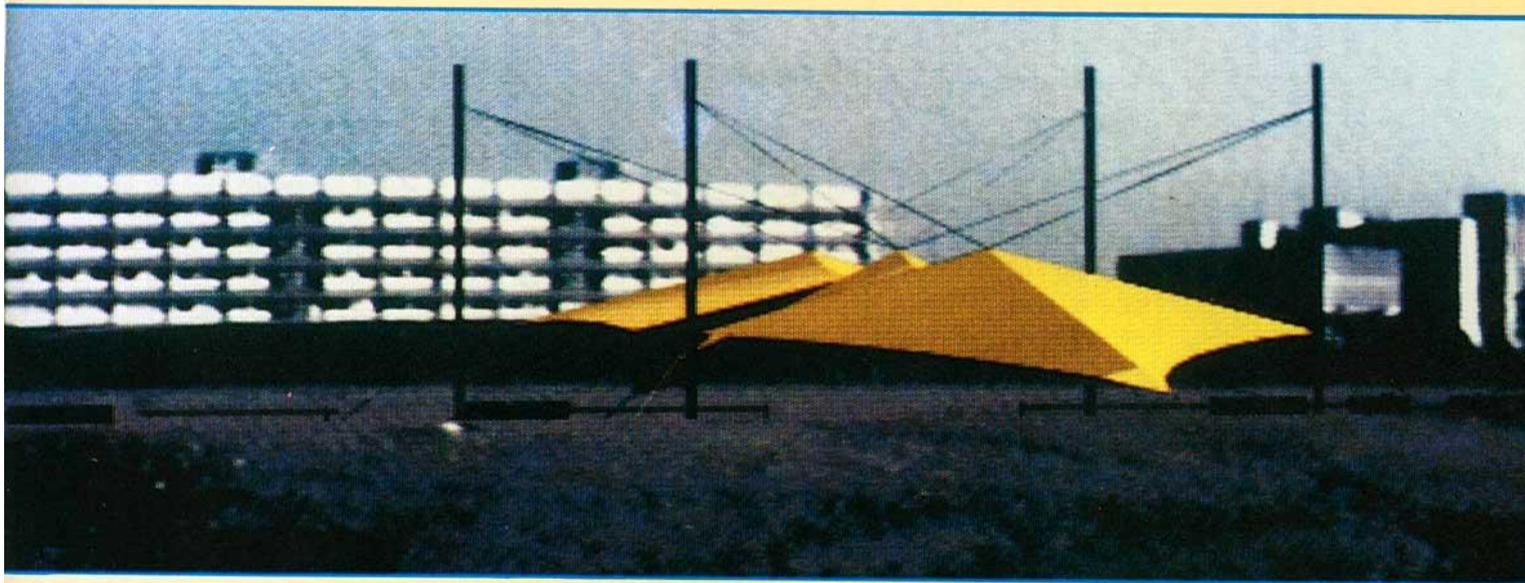
Lilás
boutique

MODA INFANTIL
MODA INFANTO-JUVENIL

Natália Campos Argentina

Rua Capitão Manoel Caetano, 453.
M. Cruzes - SP. - Tel. (011) 469-2076

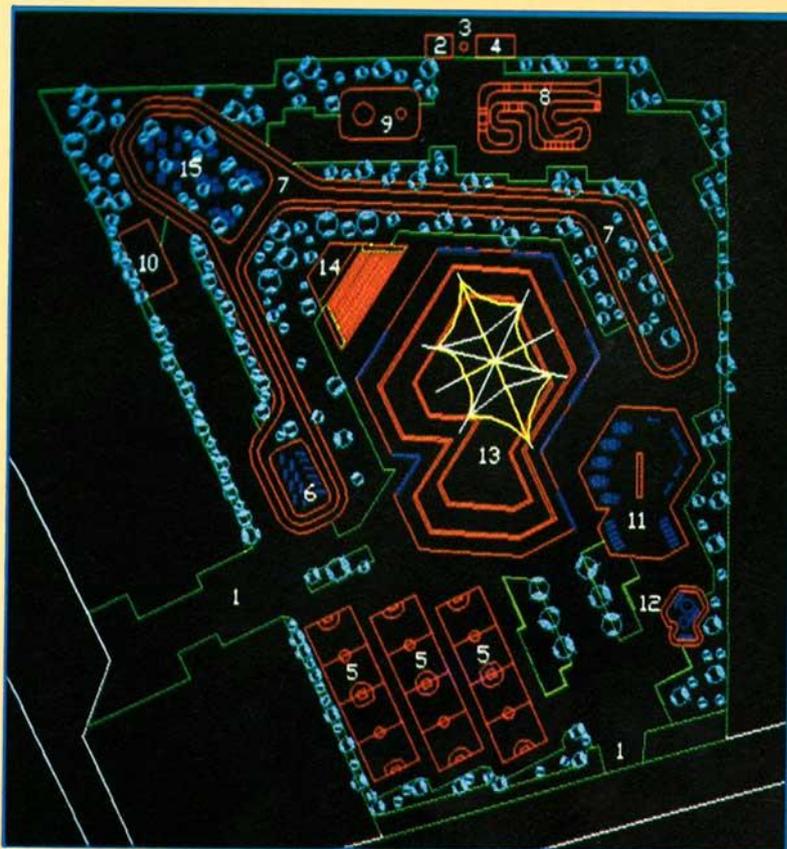
PRAÇA DE LAZER E CULTURA



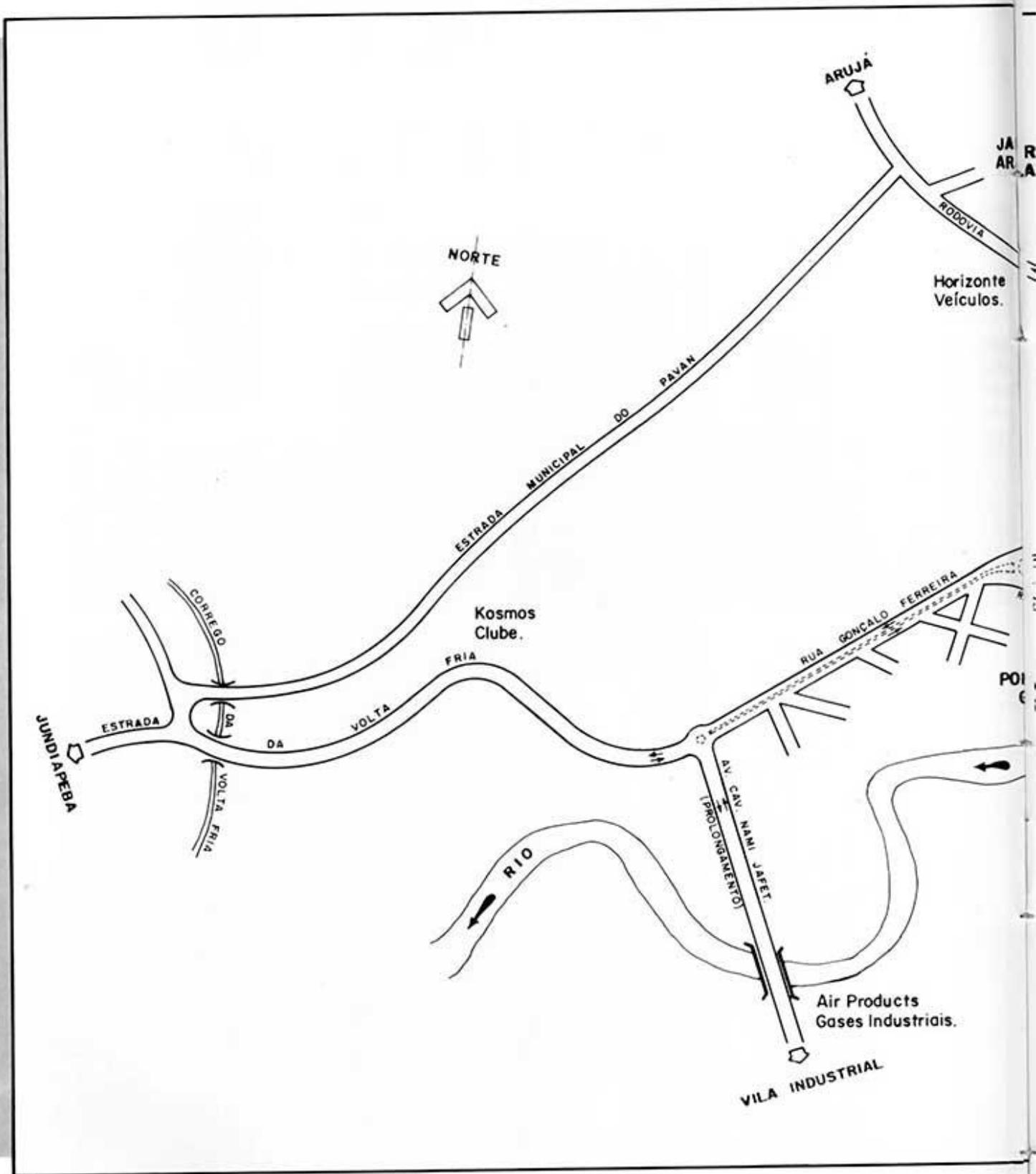
Localizada no terreno ao fundo do prédio do Executivo, a Praça de Lazer e Cultura que a Prefeitura Municipal vai construir em breve, já tem seu projeto de ocupação e utilização pronto. Ele compreende uma área de 59,6 mil metros quadrados, distribuída da seguinte forma:

- 1 – Acesso ao público
- 2 – Administração
- 3 – Caixa d'água
- 4 – Sanitários
- 5 – Quadras poliesportivas
- 6 – Equipamentos de ginástica
- 7 – Pista de cooper
- 8 – Pista de bicicross
- 9 – Pista de skate
- 10 – Gatebol
- 11 – Playground
- 12 – Pista de velocípede
- 13 – Praça de Eventos – 8.000 m²
Estrutura Tensionada – 1.600 m²
- 14 – Anfiteatro
- 15 – Jogos de mesa

Projeto elaborado pelo Atelier Permanente de Projetos da Universidade Braz Cubas



INFORME DA PREFEITURA MUNICIPAL DE MOGI DAS CRUZES



ANEL VIÁRIO

A construção do Anel Viário, importante obra há muito tempo desejada pela população da cidade, teve início no mês passado, no cruzamento com a rodovia Mogi-Dutra, e terá uma extensão aproximada de 25 quilômetros.

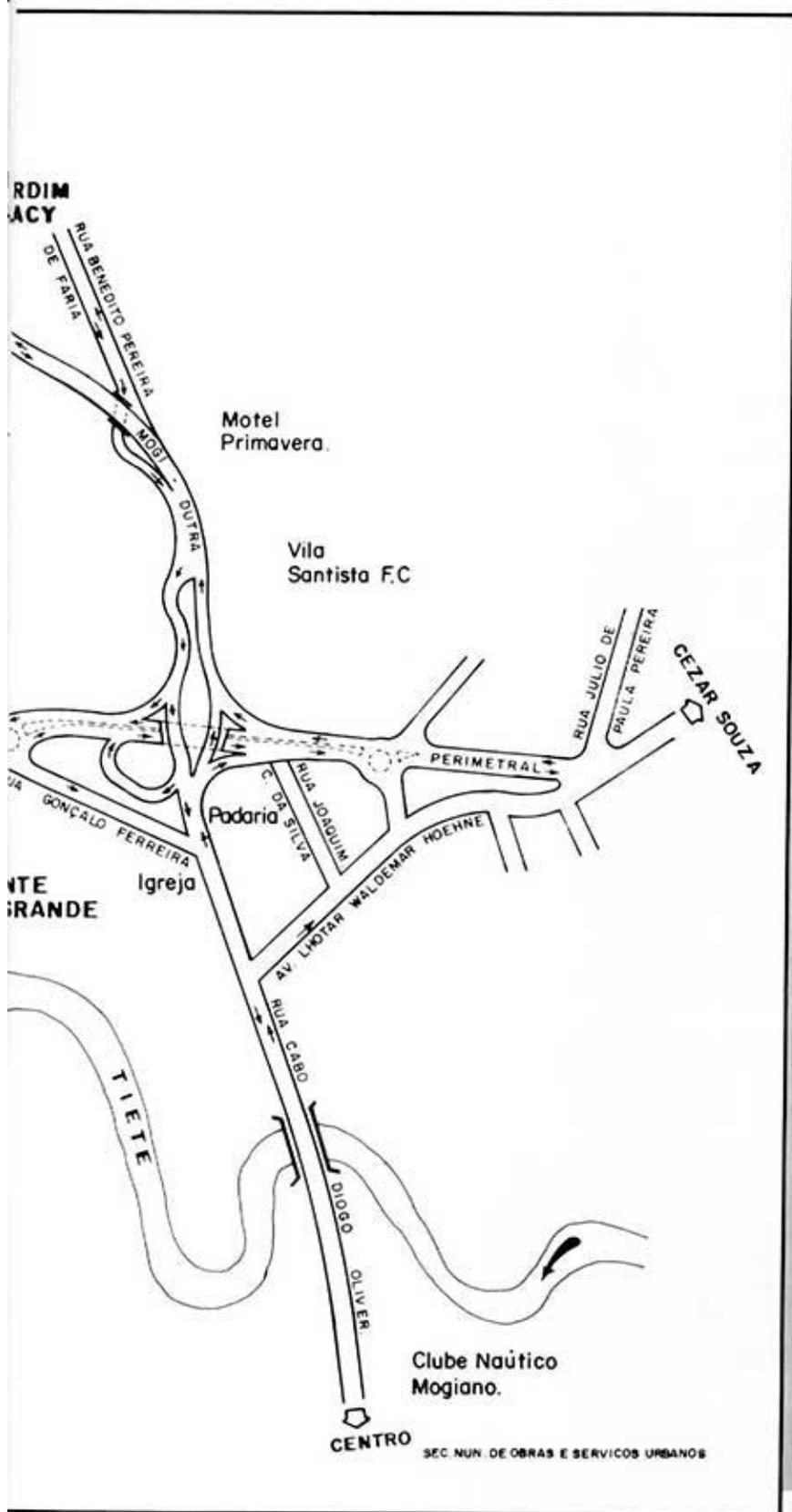
Este primeiro trecho, já em andamento, além da rotatória, inclui uma passagem inferior para os veículos que vêm do Jardim Aracy em direção ao centro de Mogi, uma interligação de 500 metros com a avenida Cavalheiro Nami Jafet, na Vila Industrial, e mais um trecho de aproximadamente 2,5 quilômetros do Anel Viário, propriamente dito.

Como pode-se observar na ilustração ao lado, todas as mudanças de direção que se fizerem através da rotatória, serão executadas sem nenhum cruzamento, portanto, sem necessidade de semáforos, o que naturalmente vai agilizar o tráfego de veículos.

Quando a obra estiver pronta, todo o trânsito que vêm para a cidade através da Mogi-Dutra, com destino a Bertioga, Braz Cubas e Suzano, será desviado por meio do Anel Viário para o lado da estrada de Volta Fria. O trânsito com destino às universidades, César de Souza e Vale do Paraíba, será desviado para o lado do bairro do Rodeio.

Ainda está nos planos da Prefeitura Municipal desviar todo o tráfego dos caminhões que se dirigem para a cidade pela Mogi-Dutra, para o Anel Viário através da estrada do Pavan, que também será totalmente pavimentada.

A partir da rotatória, o Anel Viário terá o seguinte percurso: rotatória, estrada da Volta Fria, avenida Prefeito Henrique Peres, estrada São Luiz, estrada do Shigueno, avenida Presidente Castelo Branco, avenida Dante Jordão Stoppa, avenida Howa, avenida Ricieri José Marcatto, trecho já aberto da avenida Perimetral e avenida Waldemar Lothar Hoehne até a rotatória.



Rostos sintéticos

Unesp tem forma de tratar as deformações faciais

A população do Vale do Paraíba tem onde recorrer para solucionar problemas de deformações faciais. Funciona em São José dos Campos, na faculdade de Odontologia da Unesp, uma clínica de atendimento público para implantação de próteses na face, onde a grande vantagem para o paciente é pagar apenas o material gasto na confecção da prótese. O professor Rolf Rode, 60 anos, 30 deles dedicados a pesquisa de novas próteses, coordena uma equipe de dez alunos que, dentro de um ano, farão parte da primeira turma de dentistas especializados em Próteses Buco Maxilo Facial, em nível de pós-graduação, que sai da faculdade de Odonto de São José dos Campos.

Em 1975, uma mudança curricular suprimiu a Prótese Buco Maxilo Facial como disciplina regular do curso de Odontologia. Poucas faculdades como a de São José continuaram mantendo em atividade a disciplina e, segundo o professor Rode, este é o principal motivo para muitos dentistas recém formados sequer conhe-

rem a existência da especialidade. "Estatisticamente, a prótese facial é usada com menos frequência que outros recursos odontológicos, mas nem por isso é menos importante. Até porque, é utilizada em casos graves de mutilação", explica Rolf Rode, dentista formado na Universidade de São Paulo.

Em São José dos Campos, os casos graves de mutilação que necessitam de prótese e recorrem a faculdade de Odontologia se resumem a cinco por mês, quatro deles em média para prótese ocular. Segundo Rode, os acidentes mais comuns que levam a perda de um dos olhos são os de trabalho e os ocorridos, em geral, na área rural. "Nesses lugares, é comum perfurações nos olhos com arames farpados ou galhos. Nesses casos, colocamos um olho de acrílico pintado a mão, que se adapta perfeitamente aos músculos remanescentes e permite movimentos perfeitos, mas que devem ser removidos e limpos diariamente", diz o professor.

RECUPERAÇÃO RÁPIDA - Embora as próteses oculares sejam as mais frequentes, a equipe da faculdade de Odontologia faz também próteses de narizes, orelhas, lábios superiores, cavidade ocular e até mesmo partes ósseas do rosto e do crânio. Para essas próteses, os materiais utilizados variam dos elásticos, como borracha e silicone, até o acrílico, de maior durabilidade. Os

preços dos produtos empregados também variam conforme o tamanho e a área a receber a prótese, podendo oscilar entre NCz\$ 4 e NCz\$ 6 mil.

Ainda assim, a prótese facial leva vantagem sobre a cirurgia plástica, com economia de tempo e dinheiro. "Para um caso de mutilação grave do nariz, por exemplo, seriam necessárias até 30 cirurgias de reconstituição do tecido vivo, com um prazo de quatro a cinco meses entre cada uma. Com uma prótese, a deformação é simulada em menos de um mês, o que influi muito na recuperação psicológica do paciente", exemplifica o professor.

Nos últimos anos, no entanto, a prótese passou a ser empregada cada vez com mais frequência como complemento de cirurgias plásticas, especialmente as que necessitam de reconstituição óssea. Para casos desse tipo, uma prótese do osso facial ou crânio afetado é implantada e recoberta com pele, sem deixar vestígios. O trabalho cuidadoso e inédito na região, realizado pela equipe do professor Rode, ainda é pouco divulgado. Para ele, poucas pessoas, inclusive profissionais da área, conhecem o trabalho eficiente desenvolvido em São José dos Campos na área de prótese facial. "Tenho certeza que existem por aí pessoas que se escondem com suas deformações, sem saber que elas podem ser solucionadas", lamenta.

INFORME PUBLICITÁRIO

COLÉGIO BANDEIRANTES



O Colégio Bandeirantes de Mogi das Cruzes se norteia em princípios básicos tais como a disciplina, as regras de bom comportamento, a autoridade do mestre, o respeito à hierarquia, à liberdade com responsabilidade.

É tradicional nesses princípios, mas é inovador na sua ação pedagógica, propiciando às crianças experiências desafiadoras, que as levem a se descobrir como seres pensantes, criando experiências que as auxiliem a desenvolver suas potencialidades reflexivas inatas.

Seus alunos questionam o porquê das coisas e é através da compreensão da realidade que podemos nos unir em torno de um único ideal, o verdadeiro significado da vida.

O Colégio Bandeirantes de Mogi das Cruzes parabeniza Mogi - terra de Bandeirantes - nesse seu 429º aniversário de fundação.

COLÉGIO BANDEIRANTES

Av. Brás de Pina, 1.125

Telefones: 469-3990 e 469-9789

Agora dá pra segurar.



A União Paulista Seguros chegou para atuar em todos os ramos. Segurança em Seguros desde 1962, a União Paulista traz para Mogi experiência, tradição e todo um complexo operacional que envolve o que existe de mais moderno em comunicação e informática.

Essa estrutura é responsável pela agilidade, competência e facilidade com que agora você protege seu patrimônio.

Conheça o sistema UPS de seguro para automóvel, solicite um

representante pelo

fone 4694066, telex

(011) 60423, fax 4691016

ou faça uma visita aos escritórios da União Paulista em Mogi; Rua Tenente Manoel Alves, 550.

★ QUINTAL ★

UPS
UNIÃO PAULISTA
Seguros S.:
S.:S.:

Conheça o sistema UPS de seguros!
Menor custo, menor franquia! Confira: fone 4694066

Cirurgia evitada

Novas descobertas na área de urologia podem impedir o mau hábito no país de se operar sem necessidade

Você já foi a um urologista? Se o leitor não teve nenhum problema diretamente relacionado com essa quase desconhecida área da Medicina, a urologia, a resposta, com certeza, será não. A negativa, aliás, é mais freqüente do que se pensa. Poucas mulheres, por exemplo, vão a um urologista. Mas certamente têm seu médico ginecologista. O homem, por sua vez, pode até ter um cardiologista, mas dificilmente vai se lembrar de solicitar os serviços médicos de um urologista, a não ser em caso de necessidade. Geralmente por isso, os médicos urologistas têm seu primeiro contato com seus pacientes longe de um consultório, mas já na mesa de operações.

Vários fatores são responsáveis por esta falta de prevenção; um deles está relacionado com as áreas da Medicina mais exploradas pela imprensa. A sexualidade costuma ser tema freqüente: no caso das mulheres, assuntos como menopausa, gra-

videz ou friquidez são constantes em artigos de jornais e revistas. Já para o homem, sempre surgem novas drogas capazes de combater a ejaculação precoce ou a impotência. Isso quando não aparecem novas técnicas de vasectomia.

Mas a urologia, a exemplo de outras áreas médicas, também vem sofrendo, nos últimos dez anos, avanços consideráveis que são pouco registrados. "A ordem do dia é operar o mínimo possível e descobrir novas técnicas para resolver problemas renais, de bexiga, ou até relacionados com a sexualidade", ensina o médico mogiano Rubens Takeshi Gunji, 29 anos, membro de uma equipe de oito médicos do Hospital Menino Jesus, em São Paulo, especializada em urologia. É ela quem tem feito boa parte das novas descobertas na área e poupado muitos pacientes de cirurgias. "São técnicas brasileiras, mas que por falta de confiabilidade são desenvolvidas lá fora", lamenta Takeshi. Mesmo assim, ele ressalta

que em áreas como a cardiologia e a urologia, o Brasil não deve nada aos países mais avançados.

Várias técnicas já estão sendo aplicadas em diversos casos. Um progresso para a urologia brasileira, que até bem pouco tempo, só era lembrada nas operações de fimose e próstata. Agora, existem até mesmo novas técnicas para a avaliação das condições renais do paciente. A investigação do trato urinário, para se ter uma idéia, é feita com uma espécie de ultra-sonografia. Ela pode detectar, inclusive, problemas renais no feto de uma gestante e evitar complicações futuras. "Essas novas técnicas já são utilizadas nos Estados Unidos há dez anos", assegura Takeshi.

SEM DOR - Outra operação que utiliza uma tecnologia de vanguarda é a de cálculo renal. Nela, dependendo da região em que o cálculo está situado, é utilizado um método chamado leco, uma espécie de ultra-som com laser que quebra o cálculo sem anestesia e sem dor. Já nas cirurgias de hipospádia - má formação do pênis -, a inovação é ainda maior. A operação, que antes era feita em quatro etapas, foi reduzida a uma só e o paciente pode ir para casa no mesmo dia. "São casos em que o meato uretral fica embaixo da região ventral do pênis. Nós apenas colocamos o meato para frente, fazendo uma noe-uretra, ou seja, uma nova uretra", explica o médico. Antes da técnica,



**GRÁFICA
GASTAR**®

FELIZ POR MOGI NOS SEUS 429 ANOS

- OFF - SET
- IMPRESSOS TIPOGRÁFICOS
FISCAIS E COMERCIAIS
- CARTAZES
- MALAS DIRETAS
- CARTÕES E
- CONVITES PARA CASAMENTO

R. Cabo Diogo Oliver, 183 - Centro - Cep 08760 - M. Cruzes - S.P.

FONE: (011) 469-0717



Takeshi: técnicas em níveis dos países desenvolvidos

problemas de obstrução e infecção eram constantes nesses casos.

PROBLEMAS INFANTIS – Existem novidades também no tratamento de refluxo – quando a urina volta da bexiga para o rim – um problema que ataca as crianças. “Não há necessidade de se operar em todos os casos”, garante Takeshi, mas adverte que isso só pode ocorrer quando o problema é diagnosticado a tempo. Assim, recorre-se a um tratamento quimioterápico, que acompanha a evolução da doença. “Fazemos o exame de urografia excretora e uretro cistofagia. Eles são capazes de avaliar o estado do paciente e mostram se há possibilida-

um retardo na maturação do sistema nervoso infantil. “A maturação começa a ocorrer a partir de um ano e meio de idade. Se nesse período a criança não aprende a controlar a urina (é nessa época, segundo ele, que a mãe deve insistir no aprendizado), acontece um retardo.” Por completo desconhecimento, o problema pode se arrastar até a adolescência. As estatísticas, aliás, são arrasadoras. Elas mostram que 15% das crianças com mais de cinco anos apresentam enurese e 5% delas continuam com ela até os 14 anos. “Tudo isso poderia ser resolvido se os pais procurassem um urologista”, lembra Takeshi.

de de um tratamento clínico”, esclarece o médico.

A exemplo do refluxo, outra questão que é motivo de preocupação para os pais, porque também atinge sobretudo crianças, tem respostas dentro da urologia. Trata-se da enurese – quando a criança urina na cama. Atribuído muitas vezes à questões psicológicas, a enurese nada mais é do que

Só os urologistas também é que são capazes de resolver um problema que atinge muitas mulheres: a bexiga caída, resultado de gestações seguidas. “Nós utilizamos uma técnica mais incisiva do que a perineoplastia – técnica que consiste em levantar o músculo perineo. Por via endoscópica, somos capazes de ver exatamente em que ângulo se encontra a bexiga e assim, removê-la ao lugar certo, sem deixá-la flácida, o que acarretará na perda da urina com uma tosse, espirro ou espástica, que, ao contrário, causará uma retenção do líquido”.

As aplicações das modernas técnicas em urologia não param aí. Segundo Rubens Takeshi, que também é médico do Hospital Ipiranga, em Mogi das Cruzes, do Hospital Campos Salles, em Suzano, e do Hospital do Servidor Público, em São Paulo, o campo é amplo e difícil. “É fácil diagnosticar. O complicado mesmo é tomar uma conduta”, analisa ele. Nesse aspecto, a equipe pioneira do Menimo Jesus, que tem entre seus membros nomes como Sidnei Glina, especialista em reprodução humana, e Milton Boreli, chefe da Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD), tem se mostrado competente. “Nossos estudos têm nos provado muitas coisas. Com a evolução, percebemos que doenças que eram atribuídas a certas causas já estão sendo imputadas a outros fatores”, conclui o médico.

(M.G.)

**BERÇÁRIO
MINI-MATERNAL
MATERNAL
JARDIM**



Uma nova opção para seu filho.
Assistência global à criança com
acompanhamento psicológico
pedagógico e de saúde.

Atendimento
das 7:00h às 23:00h.
de 2ª à 6ª feira
Fone: (011) 468-3374

TICO E TECO
hotelzinho

R. José Urbano Sanches, 218.
Vila Oliveira
M.Cruzes - SP

AUDIÊNCIA NÃO SE
CONQUISTA DA NOITE
PRO DIA.

A RÁDIO CLUBE ESTÁ
COMPLETANDO 43 ANOS.
SÃO 43 ANOS DE TRADIÇÃO
E LIDERANÇA ABSOLUTA!



SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

AM - 1.120 Khz



625
ANÚNCIOS
185.182
CENTÍMETROS
QUADRADOS

CERTIFICADO DE GARANTIA

No ano passado, ATO veiculou em suas páginas 625 anúncios, totalizando 185.182 centímetros quadrados. As empresas que confiaram nesta alternativa encontraram o caminho mais curto para cobrir os segmentos desejados.

E obtiveram o retorno adequado para seus investimentos publicitários. Ao escolherem esta opção confiável e segura, todos os clientes receberam paralelamente um verdadeiro **Certificado de Garantia**. Aproveite-o.

ato

8 ANOS DE BOA INFORMAÇÃO



Boutique

VOCÊ NÃO PODE DEIXAR DE CONHECER

R. JOSÉ BONIFÁCIO, 226 · CENTRO.
M. CRUZES

Niptel

COMPRA — VENDA — FINANCIAMENTO

De Telefones
e Planos de Expansão
São José - Jacareí -
Vale e Litoral

Rua Humaitá, 304
- Em Frente à Telesp -
SJCAMPOS SP.

TELS: 21-3699
21-4133



ADMINISTRAÇÃO

Margarida gigante

Varredora recuperada após danos na gestão Machado

Mais um dos casos mal explicados da administração passada em Mogi das Cruzes vem à tona e promete criar muita polêmica. A máquina varredora pertencente à Prefeitura Municipal — um caminhão Mercedes, acoplado à três escovas, duas laterais e uma central —, utilizada na limpeza de guias e ruas e que, em pleno funcionamento, equivale ao trabalho de 60 margaridas, sumiu de circulação nos últimos seis meses da administração Machado Teixeira.

Na verdade, ela estava abandonada no depósito da Prefeitura Municipal, depois que a Coletora Pioneira, empresa que na administração de Machado era responsável pela limpeza da cidade, deixou-a em péssimo estado e sem condições de uso. Segundo um funcionário da Prefeitura, que também trabalhou durante a administração passada e prefere não se identificar, a varredora teria sido locada para a Coletora Pioneira, assim como coletores de lixo e outros equipamentos de limpeza pertencentes ao município. Consta até, que a máquina teria sido utilizada na limpeza das ruas de outro município, Jacareí, que também mantém contrato com a Pioneira. "Ela foi muito judiada", atesta o funcionário.

Agora, depois de algum tempo de trabalho, até encontrar peças disponíveis para o conserto da varredora, de fabricação estrangeira, ela foi recuperada, pintada e voltou à ativa. Mesmo não sendo muito nova (foi adquirida na segunda administração do prefeito Waldemar Costa Filho — 1976-82), a máquina agora está em condições de funcionar um bom tempo. Tempo suficiente, pelo menos, para que o município possa adquirir uma outra nova, que segundo o funcionário da Prefeitura, já chega à casa dos NCz\$ 250 mil. ●



A varredora: trabalho de 60 margaridas

**MOGI:
A CHAMA DO SEU
PROGRESSO
CONTINUA ACESA**



30 ANOS
NGK DO BRASIL

Imagem melhor

*Amplimatic e Martinelli
lançam consórcio de antenas*

Há mais aparelhos de televisão povoados de fantasmas e chuviscos do que se pode imaginar. Eles normalmente invadem os televisores em regiões pouco habitadas onde não há sistemas de repetição de imagens de TV por perto, ou mesmo nos apartamentos das áreas urbanas com grande densidade de edifícios. Com a tecnologia hoje disponível, só uma boa antena parabólica e alguns outros componentes têm força para acabar com fantasmas e chuviscos – elas estão disponíveis no mercado, mas seu preço é livre e geralmente superior ao de dois videocassetes ou quatro bons aparelhos de TV.

A Amplimatic, indústria instalada há 25 anos em São José dos Campos, acaba de criar uma alternativa para quem quer melhorar a imagem que entra no seu televisor. Associada à Martinelli Serviços, ela criou um consórcio baseado em grupos de 25 pessoas, no mínimo, e 50, no máximo, e duração de 25 meses, prevendo a entrega de dois sistemas Black Spider 3000 por mês – um por lance e outro por sorteio. O con-

sórcio foi apresentado em julho e está funcionando em áreas testes do Estado de São Paulo, para ser lançado a nível nacional neste mês de setembro.

A preços de agosto, uma cota do consórcio custava NCz\$ 234,80, enquanto o sistema Black Spider alcançava NCz\$ 5.104,08. O que define os reajustes de preços do equipamento são os aumentos de mão-de-obra e matéria-prima, especialmente do alumínio que há tempos está com seu preço defasado e sofrendo ajustes pesados ultimamente. Diluindo o preço em 25 meses, a Amplimatic espera dominar o mercado de parabólicas por consórcio em dez ou 12 meses.

O diretor comercial da empresa, Augustin Thomas Woelz, calcula que até o final do ano deverão ser formados 75 grupos,



representando 3.750 sistemas de recepção via satélite. É um cálculo otimista, mas compatível com um mercado que tem potencial para absorver até 20 mil unidades por ano gerando negócios de cerca de US\$

40 milhões. O limite da empresa está na sua capacidade instalada – ela produz 250 sistemas por mês com um turno de trabalho e tem planos para duplicar a produção para seis mil sistemas por ano com mais um turno.

O consórcio não é o primeiro no gênero, mas é o único que oferece um sistema completo de recepção via satélite, formado por uma antena parabólica de três metros de diâmetro, suporte e tubo de sustentação, componentes eletrônicos e acessórios, além do receptor de sinais



Augustin: domínio da Black Spider

de satélite. A Amplimatic é a única que produz todas as partes do sistema de recepção de imagens via satélite e tem quase 300 técnicos treinados e credenciados em todo país para a assistência técnica.

Na ALESKA DECORAÇÕES

*você encontra móveis
acessórios e muitos
objetos de extrema
beleza que caem
muito bem em sua casa
ou no escritório.
A variedade de
opções é grande e
você encontra desde
prateleiras em
aramados de várias
cores, biombos,
cabides, até obras
de artes. Há ainda
enfeites para mesa,
estantes, mesinhas
de centro e de canto
cadeiras em tubos e
estofados. Um dos
destaques da loja
são as prateleiras
em mogno, com*

**móveis
acessórios
objetos**

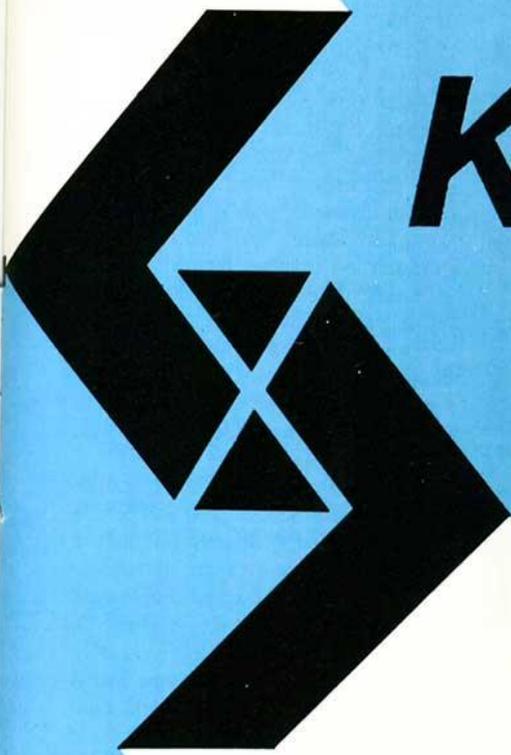


*utilidade para
vários ambientes,
desde a formação de
um bar como estantes
para livros,
televisão, vídeo,
som, etc*

*Além disso, na
ALESKA DECORAÇÕES
você tem acesso aos
últimos lançamentos
do mercado em termos
de tubos e aramados.
Os móveis são leves,
simples mas de grande
beleza, com a
vantagem de decorar
qualquer ambiente,
afinal apresentam
um alto grau de
funcionalidade e são
muito mais em conta
que os móveis
tradicionais em madeira.*

Aleska

R. D. Antonio Cândido
de Alvarenga, 147
Esquina com a
R. Barão de Jaceguai – M. Cruzes
Tel.: (011) 460-3777



KIMEN SEGUROS

**ESTAMOS EM
MOGI DAS CRUZES
HÁ 20 ANOS TRANSMITINDO
CONFIANÇA, TRADIÇÃO E
SEGURANÇA PARA
SEUS BENS.**

- AUTOMÓVEL
- COMÉRCIO
- RESIDÊNCIA
- ROUBO
- INCÊNDIO
- VIDA EM GRUPO
- DEMAIS RAMOS

R. Dr. Antonio Cândido Vieira, 425 - M. Cruzes
Fone: (011) 469-5566 (KS)



**PORTO SEGURO
SEGUROS**



A produção de rosas aumenta consideravelmente com a chegada dos meses de calor

NEGÓCIOS

Lucro cor de rosas

Em Guararema, o maior produtor de rosas do país planta 150 mil pés em 80 alqueires e "puxa" um mercado em alta

Apostar na beleza das flores é investir em um negócio lucrativo. Foi o que fez Massumi Fukushima há nove anos, quando resolveu abandonar seus pessegueiros e cobrir os 80 alqueires de sua chácara, em Guararema, com rosas das mais variadas espécies. Hoje, cercado por um "império" de 150 mil pés de 12 espécies diferentes, Fukushima ocupa a cômoda posição de maior produtor particular de rosas do país, tem um faturamento mensal de

NCzS 200 mil e prova que apostar em flores é bom negócio.

Fukushima não é uma exceção. Dezenas de floricultores se implantaram na região, ou abandonaram suas antigas culturas pelas flores, atraídos pelo clima e pela localização estratégica da área entre os mercados consumidores do Rio e São Paulo. Para todos eles, setembro é um mês polêmico – positivo para as plantas pela chegada da primavera, que traz maior umidade para a terra e

dias de sol mais longos. Essas mesmas características dividem os produtores na chegada do período popularmente conhecido como "mês das flores".

O motivo é claro. A terra mais úmida e o sol mais intenso podem até triplicar produções, inflacionando o mercado e fazendo o preço das rosas "desfolhar" rapidamente. Os pequenos produtores recebem setembro com entusiasmo, pois é hora de voltar à atividade, após deixarem de produzir no inverno frente ao custo alto dos defensivos agrícolas e da baixa produtividade. Já os grandes, vêm em setembro o mercado inundado de concorrentes. Os preços baixos fazem com que muitos falem em deixar as rosas apodrecerem nos pés, ao invés de colhê-las.

Para Massumi Fukushima, entretanto, do alto de seus 150 mil pés de rosa, setembro é apenas um mês a mais. Ele sempre está em atividade e isso significa abastecer semanalmente quatro grandes capitais – São Paulo, Rio, Belo Horizonte e Recife –, além da cidade de Santos e algumas outras do Sul do país. Para isso, ele conta com uma frota de 70 carros, entre caminhões e peruas, além de uma equipe de vendedores próprios. "Com isso, eliminamos o atravessador, que impede o pequeno produtor de crescer. E garantimos a boa qualidade do produto até as floriculturas", explica Fukushima, que também coordena o trabalho de 300 funcionários.

INOVAÇÃO – Toda esta estrutura, que forma uma verdadeira "indústria de flores" com produção diária de oito mil dúzias de rosas no inverno e cerca de 25 mil no verão, foi conquistada, ao longo dos anos, graças ao método próprio que Fukushima desenvolveu. Esse método conseguiu um aumento de até 600% em sua produtividade. Fukushima deu espaço para as plantas crescerem e deixou a famosa "mãe natureza" fazer o resto. O resultado foi significativo: uma roseira que produzia de três a



CHAVEIRO DE OURO

CHAVES, FECHADURAS E CADEADOS EM GERAL. FECHADURAS EM ESTILO RÚSTICO E COLONIAL. FERRAGENS PARA PORTAS E JANELAS.

RUA FRANCISCO PAES, 361 — TEL. (0123) 21.7124 — S.J. CAMPOS

quatro dúzias por ano, passou a produzir quantidade equivalente a cada 60 dias.

"No começo, eu utilizava o método comum de plantio, com cada canteiro com carreiras duplas de roseiras. Observei, então, que faltava espaço para que as roseiras crescessem direito e que os defensivos pulverizados não atingiam todos os pés. Passei a plantar canteiros com apenas uma carreira de roseiras e, em pouco tempo, deu para concluir que a minha teoria estava certa. As pragas passaram a atacar menos as plantas e a produção aumentou muito", conta o floricultor.

Além do método que desenvolveu, Fukushima credita parte de seu sucesso à sua experiência no manuseio do solo. Para ele, é importante conhecer as necessidades da



O floricultor Fukushima: faturamento de NCz\$ 200 mil mensais

cultura a que se dedica, saber a hora certa de balancear a acidez da terra, livrar-se das pragas, das formigas, e do acra – uma espécie de piolho de rosas – e não abusar dos defensivos agrícolas. Mesmo com todos

estes fatores reunidos, Fukushima afirma que não consegue garantir um lucro líquido final de mais de 10%. Segundo ele, plantar flores é um investimento de risco, que depende não só de fatores climáticos, mas também da estabilidade econômica do país, que se reflete diretamente nos preços de implementos agrícolas.

Takemi Tanaka, presidente da Associação dos Floricultores da Via Dutra, que reúne as cidades de Arujá, Guararema, Mogi das Cruzes, Jacareí e São José dos Campos, tem outros cálculos para os lucros – ele acredita que podem variar de 10% a 25%. O restante do faturamento fica dividido entre adubos e inseticidas (30%), transporte e manutenção da frota (25%) e mão-de-obra (20%). Apesar

Para exportação

Há 18 anos, Shigero Katayama adquiriu, a preços baixos, 120 mil mudas de orquídeas da variedade "Cynbidium", de fácil adaptação a climas frios e com floradas somente no inverno. Um negócio de ocasião, mas que ele não sabia como tocar em sua chácara em Campos do Jordão. Esperou com paciência quatro anos para a primeira florada e os primeiros clientes. Aprimorou as mudas, e hoje é o maior exportador de orquídeas da região, atendendo semanalmente o mercado europeu, especialmente Holanda e Itália.

O tempo que separou a compra das primeiras mudas e a conquista do mercado internacional exigiu de Katayama muita força de vontade, especialmente quando iniciou as exportações e teve por dezenas de vezes seu produto rejeitado.

"Na Holanda, o consumo de orquídeas é muito alto, mas o mercado é exigente. Se uma orquídea chega com um fungo ou inseto, toda a partida é queimada. Eles tem medo de que doenças de plantas daqui peguem nas plantas de lá", conta. Cada vez que isso acontecia Katayama não recebia nada pelas flores que exportou.

Hoje a situação é muito diferente – 70% dos 20 mil botões produzidos mensalmente são vendidos para a Europa com boa aceitação. A seu favor, o floricultor tem as estações do ano. "Quando aqui é inverno e a produção está em alta, lá é verão e as orquídeas não produzem", disse.

Com 12 mil vasos de orquídeas, Katayama mantém cinco mil metros quadrados de sua propriedade, na Colônia Renópolis, cobertos com sombrite, uma tela de "nylon" que funciona como filtro solar. E espera, com a mesma paciência, que cada um floresça a cada quatro anos, e somente uma vez por ano. Enquanto isso não acon-

tece, ele se dedica ao cultivo de nectarinhas, pêssegos e verduras, sem descuidar da aquisição de novas mudas, especialmente germinadas em laboratório em São Bernardo do Campo. Cada muda tem seu preço fixado em 32 centavos de dólar, mas Katayama garante que este é um dos poucos investimentos necessários para o cultivo de orquídeas. "O investimento é baixo, mas o retorno é deorador. Por isso a necessidade de diversificação de produção", argumenta o floricultor.

Ele acredita na expansão do consumo do produto no mercado interno, assim como o crescimento do internacional, que transformou as orquídeas em flores tão populares quanto as rosas. "As orquídeas são muito mais resistentes, chegam a durar 30 dias no vaso. Acho que o brasileiro ainda não descobriu as vantagens delas. Mas vai descobrir", confia Katayama.

Av. Benedito Matarazzo, 9403
CenterVale Shopping — Loja 418
12215 — São José dos Campos

TEL. 21-6217

COXIXO

boutique

VOCÊ REALIZA O SEU BOM GOSTO

ROUPAS FINAS PARA TODAS OCASIÕES

ESTAMOS EMPENHADOS EM FAZER
SEMPRE O MELHOR, PORQUE SABEMOS
QUE A EDUCAÇÃO, NO SEU
SENTIDO MAIS AMPLO, É A LUZ
MAIOR DE UM POVO

MOGI 429 ANOS



**COLÉGIO
SANTA MÔNICA**

VENHA SE DELICIAR...



Av. Narciso Yague Guimarães, 786 - Tel. (011) 460-3206 - M.Cruzes - SP.



ABERTO DE 3º A DOMINGO

**RODÍZIO DE FRUTOS DO MAR
TODAS AS SEXTAS-FEIRAS
DAS 11:00H ÀS 15:30H.
E A PARTIR DAS 18:00H.**

**ACEITAMOS TODOS OS
CARTÕES DE CRÉDITO**

A UNIÃO FAZ A FORÇA



USINAGEM DE PEÇAS EM SÉRIE
TORNO MECÂNICO
REVÓLVER E AUTOMÁTICOS
FREZAS E RETÍFICAS

AV. LOURENÇO S. FRANCO, 1385
M. CRUZES
TEL.: (011) 461-1742



MULT-TEC

USINAGEM E CALDEIRARIA
SISTEMA HIDRÁULICO P/ FORMAS
DESILZANTES DE CONCRETO
PEÇAS PARA TRATORES DE ESTEIRA

FONE: (011) 461-6566
M. CRUZES

COMPUTADORES



R. Tte. Manoel A. dos Anjos, 580
1º Andar - s/ 13 - Tel.: (011) 468-1292
M. Cruzes



PALLE

ELÉTRICA INDUSTRIAL LTDA.

Av. Lourenço S. Franco, 1231 - M. Cruzes
Tel.: 461-1444 - Telex: 11-461-1281



KUBOTA

FREIOS E EQUIPAMENTOS FERROVIÁRIOS

R. Pedro Genoves, 253 - César de Souza
M. Cruzes - Tels.: (011) 460-1455 •
460-1568 • 460-1941
Telex: 11.34422 - KFEF



ESPECIALIZADA EM SERVIÇOS DE
TORNO, FREZA, PLAINA E RETÍFICA

R. Gertrudes C. Cabral, 208
Tel.: (011) 469-2069 - M. Cruzes



Dei Gobbi

MOGI PEÇAS

USINAGEM E FABRICAÇÃO DE PEÇAS

R. PRES. CAMPOS SALES, 365
TEL.: (011) 469-7121
M. CRUZES



ZORNITA

Arquivo, Mapotecas e
Pastas Suspensas

Av. Presidente Tancredo Neves, 1741-A
Ferraz de Vasconcelos
Tels.: 467-1099 • 467-2888
467-2470 • 467-2123



Carretas ensiladeiras
Distribuidores de forragem
Esparramadores de esterco
Formadora de Canteiro
Transplantadeira de mudas

CAIXA POSTAL 17
TEL. (011) 462-1087
TELEX: 1154537



MANUFATURA DE ROUPAS PROFISSIONAIS

R. José Éboli, 122 - M. Cruzes
Tels.: (011) 469-9415 • 460-1381 • 460-1293

ESTAMOS UNIDOS PARA CRESCERMOS E FAZERMOS MOGI CRESCER CADA VEZ MAIS

dos gastos cada vez maiores e da queda do consumo de flores, Tanaka, produtor em Mogi das Cruzes, afirma que o número de floricultores está aumentando na região. "Hoje temos 86 associados e mantemos contato com colônias japonesas como a Cerejeira, de Guararema, que já reúne 60 produtores de rosas. Já a região serrana de Santo Antônio do Pinhal e Campos do Jordão está se firmando como uma boa opção para espécies de climas frios, principalmente orquídeas", exemplifica.

INVESTIMENTOS ALTOS – Enquanto os novos floricultores vêm se instalando na região cada vez com mais frequência, os que já estão implantados procuram investir em equipamentos modernos para diminuir as perdas e garantir um bom produto final. Hissao Katuragui é um bom exemplo disto. Há dez anos, num sítio de 12 alqueires, onde planta rosas de seis variedades, ele descobriu que a mecanização é a melhor saída para a crise do setor. Hoje, Katuragui possui, junto a seu sítio, em Jacareí, duas câmaras frigoríficas com capacidades para 20 e 30 mil dúzias de rosas, onde mantém a



Em Jacareí, 1,5 mil dúzias de rosas por dia

produção diária até que, duas vezes por semana, um caminhão, também frigorífico, leve todo lote para o Rio de Janeiro. As águas de um pequeno córrego, que passa em suas terras, também foram canalizadas

até a plantação e automaticamente esguichos são ligados para manter a umidade necessária à plantação. "É tudo automático, os esguichos permanecem ligados sobre determinadas áreas por um período que varia de 40 minutos a uma hora", diz. Com isso, Katuragui barateia os custos de produção e consegue manter os 100 mil pés de rosas com apenas 30 funcionários, que se revezam entre a colheita e o empacotamento das flores.

Sua colheita mensal – cerca de 30 mil dúzias de rosas – vai integralmente abastecer o mercado do Rio de Janeiro, segundo ele, mais exigente do que o paulista e onde o consumo é garantido. Para atender esse público exigente, Katuragui não descuida de suas matrizes, que

fornece mudas novas para sua plantação. As primeiras mudas vieram da Europa, onde cada espécie é cuidadosamente desenvolvida em cores e tamanhos variados. "Assim eu garanto um bom produto e tenho um consumo certo. Principalmente no inverno, posso vender por um preço mais alto", argumenta.

Para Hissao Katuragui, como para outros grandes produtores, a primavera, apesar dos aspectos positivos, nem sempre é bem vinda. Ela significa, muitas vezes, excesso de produção e falta de mercado comprador. Os preços caem muito e chega a compensar deixar as flores apodrecerem no pé. "No verão, eu produzo o dobro que em outras épocas do ano e somente próximo a Finados ou nas festas de fim de ano as vendas aumentam", reclama.

Dificuldades eventuais à parte, o mercado está em expansão e deve permanecer assim enquanto a magia das rosas despertar algum sentimento no ser humano. Em setembro, entretanto, apenas os produtores têm direito a um espetáculo belíssimo: os campos floridos, tingidos em diversos tons por diferentes espécies de rosas. Um canteiro gigantesco, que torna o lucro desses homens "cor-de-rosa".

Fugindo das rosas

Os espinhos do cultivo das rosas lançaram o pequeno Oswaldo Oda, há três anos, no cultivo de outra flor mais resistente e fácil de plantar: os crisântemos. "Antes plantávamos rosas e gladiolos. Mas são culturas com controle de produção difícil, fáceis de serem atacadas por pragas e muito dependentes do solo úmido. O crisântemo, ao contrário, é mais resistente e tem preço estável no mercado o ano todo", explica. Hoje, com um alqueire coberto por dez variedades de crisântemos, no Jardim Ana Emília, em Taubaté, Oda tem uma produção de mil maços por mês, vendidos diretamente por sua família no Mercado Municipal. Apenas 20% dos crisântemos vão para floriculturas, em

Taubaté, Pindamonhangaba e Caçapava.

O cultivo dos crisântemos é fácil e depende de poucos cuidados especiais. No inverno, as flores recebem três horas de iluminação artificial por dia. E no verão, elas são protegidas por coberturas plásticas para evitar as chuvas e o excesso de vento. Essa resistência auxiliou a escolha da família Oda que, além das rosas e gladiolos, passou pelo cultivo de verduras e legumes – produtos que tinham perdas constantes.

Longe da estrutura dos grandes floricultores, nas terras da família Oda os cinco membros dividem o trabalho de colher e vender os crisântemos. Mas Oswaldo Oda diz gostar do que faz, mostrando a propriedade coberta por flores de cores variadas. "Quantas pessoas trabalham em um lugar tão bonito e perfumado nos dias de hoje?", pergunta.

PLUG

TINTAS E FERRAGENS



CENTERVALE SHOPPING PISO TÉRREO – LOJA T 610
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – S.P.
Fone: (0123) 22-1044

QUANDO SENTIRES
QUE NINGUÉM MAIS
NO MUNDO
TE COMPREENDE, ABRA O
CORAÇÃO PARA UM AMIGO

CVV Samaritanos

FONE: (011) 468-2530

R. Gaspar Conqueiro, 647
Alto do Ipiranga – M. Cruzes

MOGI:

A FORÇA DO SEU DINAMISMO,
SOBREPONDO TODOS OS
OBSTÁCULOS E DIFICULDADES,
ABRE CAMINHOS NOVOS PARA O SEU
INEXORÁVEL CRESCIMENTO.

Komatsu Dresser

Brasil

ESCRITÓRIO

AV. PAULISTA, 1.439 - 4º ANDAR - CERQUEIRA CÉSAR
TEL.: (011) 284-7955 - S. PAULO

FÁBRICA 1

RODOVIA ÍNDIO TIBIRIÇÁ, 2.000
TEL. (011) 476-3355 - SUZANO

FÁBRICA 2

ESTAÇÃO ENG. CÉSAR DE SOUZA, S/Nº
TEL.: (011) 460-1477 - M. CRUZES

dB — telecomunicações
REPRESENTANTE AUTORIZADO

VENDAS
CONSÓRCIO

LORENA (0125) 52.4799
S.J. CAMPOS (0123) 23.3100



FAX SIMILE 3030



IS30plus

CONSÓRCIO NACIONAL



Itautec

TRADIÇÃO

Velho São Joaquim

Colégio espera alunos famosos para o centenário

Três importantes personagens das eleições presidenciais de novembro têm, escondidos em seu passado, uma formação comum. O deputado paulista, Ulysses Guimarães, candidato a presidente da República pelo PMDB, Francisco Rezek, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) — o "xerife" das eleições —, e o ex-presidente Jânio da Silva Quadros passaram algum tempo de suas vidas sentados nos pesados bancos de madeira de um dos mais antigos colégios do país, o São Joaquim, em Lorena.

No colégio, que completa 100 anos em 3 de março de 1990, com muita festa por parte dos ex-alunos, Rezek e Jânio têm suas fotos na galeria dos ex-alunos e Ulysses fez ali o Madureza, repetindo a trajetória de boa parte dos filhos da elite paulista nas décadas de 30 e 40, anos áureos do São Joaquim. Outro ex-aluno famoso, por exemplo, é o ministro de Desenvolvimento da Indústria e do Comércio, Roberto Cardoso Alves.

Terceiro colégio da Ordem Salesiana no Brasil, o São Joaquim foi fundado em 1890 em terras doadas pelo conde de Moreira Lima e funcionou, no início, apenas com cursos de aprendizagem básica. Com o tempo, tornou-se centro educador dos filhos de fazendeiros e da elite econômica do Estado e de boa parte do país.

CENTENÁRIO DUPLO — O colégio foi exclusivamente masculino durante anos, passou a funcionar preferencialmente como seminário e hoje é uma escola mista, com aproximadamente 1,2 mil alunos, núcleo central de uma estrutura que tem duas faculdades — a de Filosofia, Ciências e Letras (com 37 anos) e a de Direito, em fase de reconhecimento pelo Ministério da Educação e Cultura (Mec).

Animada com o seu passado tradicional, a direção do São Joaquim calcula que o colégio possui hoje cerca de 20 mil ex-alunos em condições de participar das festas do centenário. Centenário, aliás, duplo — em 23 de junho de 1890, os salesianos fundaram, anexo ao colégio, uma obra social voltada para meninos, o Oratório São Luiz, que também funciona até hoje.

As comemorações do centenário começaram no dia 3 de março último, se intensificam com várias programações neste segundo semestre e alcançarão o ponto máximo no próximo ano, quando o colégio São Joaquim espera ver retornarem muitos de seus ex-alunos, personalidades ou não, agora para matar saudades e lembrar os velhos e áureos tempos de colégio. ●



RUBI



RELÓGIOS

SEIKO

UMA SUGESTÃO PARA
AGRADAR INTEIRAMENTE

R. Dr. Deodato Wertheimer, 1330
fone: (011) 469-1599 — M. Cruzes
R. Dr. Deodato Wertheimer, 1277
fone: (011) 469-1624 — M. Cruzes
R. Gal. Francisco Glicério, 360
fone: (011) 476-1698 — Suzano



O novo prédio da clínica odontológica da UMC: 2,3 mil metros quadrados

EDUCAÇÃO

Tripla comemoração

UMC celebra 25 anos de ensino superior com a volta do curso de Medicina e a venda do hospital

A história da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) se confunde com a história da própria cidade. Afinal, foi com ela que Mogi das Cruzes, conhecida como cidade universitária, ganhou projeção nacional. Os cursos de Medicina, Odontologia e Engenharia, foram capazes de atrair, no final da década de 70 quando a universidade conhecia seu auge, mais de 32 mil vestibulandos. Sem dúvida, um número capaz de alterar a vida da cidade, então com cerca de 180 mil habitantes.

A história de Mogi também se mistura com a de um religioso da ordem dos jesuítas, designado para vir a Mogi em 1662, disposto a promover a educação e já interessado em política. Hoje, quase 20 anos após ter abandonado a batina, os mogianos não negam a importância do trabalho de Manoel Bezerra de Melo na área da Educação mas teimam em chamá-lo, ainda agora, de Padre Melo. Eleito três vezes deputado federal, a última delas pelo Ceará, Bezerra de Melo mudou-se para Fortaleza, mas arriisca uma volta a Mogi exatamente num ano em que a UMC tem muito a comemorar: 25 anos de ensino superior, a inauguração da nova clínica odontológica dentro do campus universitário, a venda do hospital Luiza Pinho de Melo (obra inacabada que sofreu intervenção do Estado e, logo após, foi comprada pelo Suds) e a volta do curso de Medicina, suspenso pela UMC há dois anos. Todos estes motivos são parte da festa que a Universidade promove em 89, mas, oficialmente, a UMC comemora os 25 anos de ensino superior, com direito a selo comemorativo e uma grande festa no en-

cerramento do ano. Na verdade, a UMC iniciou seus cursos em 1962, quando ainda utilizava o nome da entidade mantenedora, Organização Mogiana de Educação e Cultura (Omecc). Nessa época, o curso oferecido era apenas o de admissão ao ginásio e funcionava na rua Senador Dantas, onde hoje está o colégio São Marcos. Em 63, a Omecc passou a ter os cursos ginásio e colegial e, finalmente, em 64, Manoel Bezerra de Melo trouxe para Mogi os primeiros cursos superiores na área de Ciências, Letras e Filosofia. "Esta foi a pedra fundamental para a UMC", atesta a reitora Maria

Conceição Bernardo Silva, 55 anos. Os cursos que iniciaram o nível superior na UMC e em Mogi das Cruzes, portanto, foram Pedagogia, Letras, Ciências Sociais e Filosofia. Hoje, a UMC conta com 21 cursos nas áreas de Humanas, Exatas e Biomédicas, sem contar as habilitações na área social.

NOVA OPÇÃO - "O primeiro vestibular da UMC surgiu como uma opção para alunos e até professores, inspetores, delegados de ensino e outros da área de Educação que até então só tinham a USP, a PUC e o Mackenzie", conta a professora Conceição. Mas melhor que o primeiro vestibular, para a UMC, foi a vinda dos cursos de Medicina e Engenharia, em 68. O primeiro, veio com a criação da Policlínica, um prédio de 3,4 mil metros quadrados anexo à Santa Casa de Misericórdia de Mogi das Cruzes, que funciona como hospital-escola. Além desses, surgiram também em 68 os cursos de Administração de Empresas, Ciências Contábeis e Relações Públicas.

Apenas um ano depois, a UMC já contava com os cursos de Odontologia (e uma clínica odontológica na rua Dr. Deodato Wertheimer), Psicologia (assessorado por um laboratório na rua Dr. Paulo Frontin) e Educação Física, que iniciou a construção do Centro Esportivo da UMC, instalado no bairro do Mogilar, numa área de mais de 155 mil metros quadrados. Hoje, esta área comporta um ginásio, seis quadras poliesportivas, duas quadras de tênis, pista atlética, dois campos de futebol e uma piscina olímpica.

Em 73, após o reconhecimento das faculdades pelo Conselho Federal de Educação (CFE), a Omecc tornou-se, finalmente, universidade. Nessa época iniciou-se a construção do campus universitário, que unificaria, num só local, todos os cursos. Para atender todas as áreas da Educação, a

O número um

O funcionário que tem em seu holerit de pagamento o número de registro 001 chama-se Raimundo Luiz de Souza e tem, de tempo de casa, a mesma idade da Universidade de Mogi das Cruzes, 27 anos. Raimundo, 48 anos, funcionário mais antigo da UMC conheceu Bezerra de Melo no Recife e, desde então, se tornaram amigos. Com a vinda de Melo para Mogi, Raimundo foi convidado a vir também e aceitou: trabalhou na Omecc, na rua Senador Dantas, numa gráfica caseira, quase artesanal que imprimia com mimeógrafo. Hoje, ele comanda a gráfica da UMC que tem capacidade para confeccionar 80 mil produtos por mês, entre folhetos, informativos, folhas de prova, e até livros e re-

vistas. (Aliás, está prevista a criação da revista do Centro de Ciências Humanas para o mês de outubro.) Modesto, Raimundo prefere falar mais de seu trabalho do que de seu tempo de casa. Quando questionado porque permanece há tanto tempo na UMC, só consegue responder: "Aqui tem tudo de bom".



Raimundo, na gráfica: tudo de bom

UMC inaugurou os cursos de Direito, Comunicação Social, Enfermagem e Arquitetura. "Assim, ampliamos nosso leque", gaba-se a reitora.

ESTRUTURA QUENTE - A construção do campus e a criação da Universidade, para Conceição Bernardo Silva, revolucionaram a Educação na cidade. "Fervemos o campo educacional", exagera ela. De qualquer forma, a UMC tem hoje uma estrutura, no mínimo, quente: o campus universitário, com 86 mil metros quadrados, 43 mil deles de área construída, distribuída em cinco prédios - o de Ciências Exatas (com 13 mil metros quadrados), o de Ciências Biomédicas (com 12 mil metros quadrados), o de Ciências Humanas (com 11 mil metros quadrados) e ainda os prédios de Arquitetura, Mecânica, um biotério, um canil e onze laboratórios, os mais recentes, de fotografia e desenho.

Mas, o novo orgulho da UMC é o prédio da clínica odontológica, que funciona desde o início do ano numa área de 2,3 mil metros quadrados (estão previstos mais quatro mil metros de construção). A clínica fornece assistência dentária a preço simbólico e até realiza pequenas cirurgias e tratamento de canal, com auxílio de professores. Aliás, este é apenas um dos serviços que a UMC presta à comunidade. Além dele, a Univer-



Conceição: sem clima de violência nos trotes

sidade tem o Serviço de Verificação de Óbitos (SVO), capaz, entre outras atribuições, de esclarecer "causa mortis", realizar necrópsias, expedir guias de sepultamento, remover ao IML os casos suspeitos, fiscalizar o embarque de cadáveres, ossadas ou restos exumados para fora do município, realizar embalsamentos e lacrar urnas funerárias que vão para o exterior, além, é claro, de prestar colaboração técnica e didática ao departamento de Anatomia da UMC e aos estudantes de Medicina. "Nosso laboratório de Anatomia é um dos melhores do país", garante a reitora.

Sem dúvida, é necessário investir no curso de Medicina, o principal carro-chefe da UMC em seus anos de existência. Esse

fato pode ser comprovado após os dois anos de ausência de vagas para os vestibulares de Medicina. No ano anterior ao fechamento, a UMC recebeu 23 mil vestibulandos. No ano seguinte, esse número caiu para 17 mil (26% a menos). Por isso, a Universidade comemora tanto a reabertura de 60 vagas para o vestibular de 1990. Após contornar pressões dos estudantes de Medicina, contra os aumentos das mensalidades e a inutilização do hospital Luzia Pinho de Melo, a reitora explica que nesse período "paramos para refletir e decidimos que não temos como manter o

hospital", diz ela. Perde-se de um lado, ganha-se de outro: a venda do hospital reverterá num fundo para a própria UMC.

Outro dos momentos de crise enfrentados pela UMC foi a morte de um estudante de Comunicação Social, num trote, em 1982. Embora o caso tenha ocorrido fora das dependências da UMC, ganhou repercussão nacional. Com o episódio, a Universidade passou a interferir mais ativamente nessa tradição estudantil. "Resolvemos tirar esse clima de violência dos trotes e humanizar", conta a reitora. Sinal de que a UMC também aprendeu com as experiências amargas nesses 25 anos. "Estamos mais fortes e amadurecidos", analisa a reitora Conceição. ●

Parabéns Mogi!

ESTAMOS CUMPRINDO NOSSO PAPEL

NO PROGRESSO DA NOSSA CIDADE

GRAFICA

Santana

IMPRESSOS EM GERAL - OFF-SET
TRADIÇÃO, ARTE E BOM GOSTO

R. Dr. Paulo Frontin, 395
TEL.: (011) 469-9066 - M. Cruzes
R. XV de Novembro, 676
Salesópolis

O combustível sadio

Instituto do CTA desenvolve e testa em ônibus motor a gás que não polui e economiza óleo importado

Cerca de 30% da toda a poeira em suspensão no ar das grandes cidades saem diretamente dos canos de escapamento dos veículos automotores. Boa parte dessa poluição entra diretamente no organismo humano através das vias respiratórias. O cardápio é extenso e muito indigesto: monóxido de carbono, hidrocarbonetos, óxidos de nitrogênio, dióxido de enxofre, entre outros gases resultantes da queima de combustível, principalmente os derivados do petróleo, como a gasolina e o óleo diesel.

Enquanto esses poluentes minam, pouco a pouco, a saúde já um tanto debilitada do brasileiro, pesquisadores de todo o mundo buscam alternativas para atacar de frente esse problema cuja tendência é levar as grandes cidades a um estado de calamidade. Alguns falam em reduzir o número de veículos circulando pelas ruas, outros na instalação de filtros antipoluentes. Porém, a solução mais próxima e mais viável está na



MARCO AURELIO

Ramos: aposta no motor a gás brasileiro

mudança do combustível que move a frota – ou parte dela – dos centros urbanos.

DO ÁLCOOL AO GÁS – Responsável pelo mais contundente esforço de substituição dos derivados de petróleo como combustível (o desenvolvimento da tecnologia

do motor a álcool que hoje está presente em boa parte da frota nacional de veículos de passeio), o Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento (IPD), um dos institutos mantidos pelo Centro Tecnológico de Aeronáutica (CTA), em São José dos Campos, iniciou em 1987 o desafio de projetar um motor que utilizasse o gás natural como combustível. Depois de consumir US\$ 6,5

milhões (US\$ 6 milhões financiados pela Finep e US\$ 500 mil em verbas do Ministério da Aeronáutica), o motor desenvolvido pelo IPD já equipa um ônibus, cedido pela CMTC, que vem rodando pelas ruas internas do CTA. E neste mês de setembro um outro ônibus, levando em seu bojo o motor brasileiro, circulará pelas ruas da cidade de São Paulo. Aprovado neste último teste, o motor estará em condições de equipar boa parte da frota nacional de ônibus rodoviários e caminhões com capacidade entre 12 e 30 toneladas de carga bruta.

“Em um período de dois anos será possível colocar uma frota de dez mil ônibus a gás no país”, estima o engenheiro Ruderger Almeida de Oliveira Ramos, do IPD, gerente do projeto. Ruderger confia plenamente na viabilidade do motor, mas reconhece que



Decoração NOVO LAR

CARPETES: FADEMAC

BANDEIRANTE-TABACOW-SÃO CARLOS-ELO-ENTRURIA-ITA

Carpets, cortinas, forros e divisórias. Os melhores preços do Vale.

ORÇAMENTO SEM COMPROMISSO

Atendemos todo o Vale do Paraíba, Litoral Norte e Sul de Minas.

RUA HUMAITÁ, 116 - CENTRO
S.J.CAMPOS-SP

FONES: (0123)
22.4271 / 22.1992

Os testes do gás

A tecnologia desenvolvida pelo IPD para o motor a gás é um prolongamento do desenvolvimento do motor a álcool. A continuidade das pesquisas levou à concepção de um motor de oito cilindros, do ciclo "Otto", movido a gás natural comprimido (GNC), que pode ser obtido nos lençóis petrolíferos ou através da fermentação de substâncias orgânicas, que formam o biogás (o chamado gás dos pântanos). Em testes realizados com o ônibus cedido pela CMTC, carre-

gado com três toneladas de carga útil, o motor a gás natural registrou um consumo de 2,34 quilômetros por metro de gás, durante uma simulação de trânsito urbano. Na estrada, verificou-se um consumo menor: 3,9 quilômetros por metro cúbico. Por ser mais leve que o ar, o gás natural apresenta alto grau de segurança em sua utilização. Ao entrar em contato com a atmosfera, o gás obedece a tendência de subir e dispersar-se. "É um combustível tão seguro que a aeronave russa Tupolev vem utilizando o gás natural", observa o engenheiro Rudger de Oliveira.

seu sucesso depende do interesse dos fabricantes de veículos e de autopeças. O interesse é grande por parte da Petrobrás, uma vez que o gás natural substituiria uma parte das importações de óleo diesel que o país é obrigado a fazer para abastecer a frota nacional. Já a Maferesa - estatal em vias de privatização - deve receber os protótipos desenvolvidos pelo IPD e poderá ser a responsável pela produção seriada do motor. Quanto ao interesse dos fabricantes tradicionais, quase todos multinacionais, Rudger não esconde que nesse ponto reside a maior barreira para a aceitação do motor.

"Essas empresas têm que seguir as diretrizes de suas matrizes no Exterior e por isso relutam em adaptar-se para produzir um motor que, teoricamente, só seria utilizado no Brasil", lamenta o gerente do projeto, lembrando que esse argumento das multinacionais poderia cair por terra quando se sabe que hoje os Estados Unidos estão desenvolvendo um programa de utilização do álcool como combustível, enquanto o Brasil já domina essa tecnologia desde o final da década de 70.

BRASILEIRO X CONVERTIDOS - O uso do gás natural já está sendo feito, em caráter experimental, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Natal e Aracaju, onde alguns ônibus circulam com motores convertidos do diesel para o gás,

ou ainda adaptados para queimar uma mistura dos dois combustíveis. Os resultados têm sido animadores, mas o motor brasileiro, especialmente desenvolvido para o uso do gás, tem tudo para vencer a batalha contra os convertidos.

Além de ter 50% do peso do motor diesel, sua vida útil estimada em 500 mil quilômetros, é superior aos 300 mil quilômetros do motor diesel. Nos testes realizados com o ônibus cedido pela CMTC, o motor brasileiro recebeu aprovação total, tanto dos técnicos quanto de motorista e passageiros, tendo como principal qualidade, na visão dos usuários, baixo nível de ruído.

Gastos dois anos entre pesquisas e desenvolvimento, e depois de consumir US\$ 6,5 milhões, o motor a gás brasileiro está saindo do controle dos órgãos de pesquisa pronto para enfrentar uma batalha ainda mais melindrosa, onde as respostas às dificuldades que surgirão não podem ser encontradas nas pranchetas dos engenheiros ou nos laboratórios de pesquisa. A Maferesa, privatizada, continuará tendo interesse no projeto? As multinacionais tentarão torpedear-lo para proteger seus interesses econômicos? Enquanto se aguarda o desfecho dessa história, os poluentes continuarão saindo dos canos de escape e invadindo o organismo humano. Até quando? **Wagner Matheus**

Sem dano à saúde

A drástica redução da descarga de poluentes na atmosfera é a vantagem mais perceptível para a população dos grandes centros com a fabricação, em série, de ônibus e caminhões equipados com motores a gás natural. Por ser um combustível em estado gasoso, o gás natural não emite as partículas sólidas que - como ocorre nos motores a diesel - são lançadas na atmosfera pela incapacidade da câmara de combustão do motor provocar a queima total do combus-

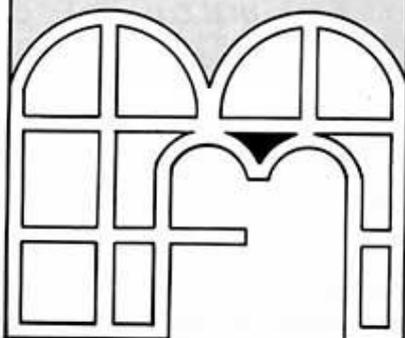
tível. "A emissão de monóxido de carbono e dos hidrocarbonetos é sensivelmente menor no motor a gás natural", explica o engenheiro Rudger Almeida de Oliveira Ramos, do IPD, gerente do projeto do motor brasileiro. "Além disso, a cadeia carbônica presente nos vários tipos de combustíveis mostra que o gás é o mais puro entre todos eles. Por exemplo, enquanto no diesel estão presentes 16 carbonos e na gasolina oito, o gás natural possui apenas um carbono em sua estrutura. Esse é um fator que mostra sua menor capacidade poluente", completa ele.

PORTAS e JANELAS

LINHA RETA
E COLONIAL
PORTAS LISAS
E APLICADAS
PORTAS BALCÃO

(IMBUÍA, CEREJEIRA,
MOGNO)

VITRÔS DIAGONAIS,
QUADRICULADOS
CAPELINHA, ROSÁCEAS,
VITRÔS MÁXIMO-AR E
PORTAS DE CORRER



MADEFER

PORTAS E JANELAS COM ARTE

R. DR. DEODATO WERTHEIMER, 1930
TEL.: (011) 469-3061
MOGI DAS CRUZES



Anastácia:
um Chevrolet 28
com 900 mil kms
rodados servindo
como carro da
família Varallo

HOBBY

Máquinas maravilhosas

A paixão por carros antigos transforma pessoas comuns em incríveis restauradores de veículos que venceram o tempo

Se esses carros falassem, poderiam contar muitas histórias. Parte da história oficial do Brasil, da crise do café, em 1929, até a decretação do AI-5, em 1968. Histórias de aventura, "causos", histórias de amor e abandono. Momentos que valeram muitos quilômetros rodados na vida dessas máquinas que vão, teimosamente, vencendo o tempo. E há também uma história especial de paixão – a paixão que esses carros despertam em alguns homens, transformados em mecânicos e restauradores, garimpeiros de peças antigas, na esperança de verem remontados e perfeitos carros que muitas vezes começaram a rodar quando eles nem ao menos tinham nascido.

Em Taubaté funciona um santuário dessa paixão, o Clube de Automóveis Antigos de Taubaté. As 70 peças de seu acervo saíram de garagens empoeiradas, galpões de armazenamento e até galinheiros para virarem tesouros de até NCzS 30 mil. Mas que, na

maior parte das vezes, não são vendidos por preço algum.

"Me ofereceram um apartamento na Tijuca em troca, mas não aceitei. Não vendo esse carro por preço algum", afirma o mecânico João Varallo, 70 anos, um dos 22 membros do clube, proprietário há 39 anos de um Chevrolet 1928, carinhosamente chamado de Anastácia em homenagem a um filme de Mazaropi. O velho Chevrolet já rodou 900 mil quilômetros, quilometragem suficiente para dar mais de 22 voltas ao redor da Terra ou fazer uma viagem de ida-volta-ida até a Lua. E ainda roda – Anastácia é o veículo de uso diário da família Varallo.

Anastácia é apenas um exemplo. Esses velhinhos ainda encantam com seus acessórios extravagantes – como o banco da sogra, colocado na parte externa dos veículos –, sua mecânica primitiva, responsável por boa parte dos princípios que ainda hoje regem os motores até de últi-

ma geração e, sobretudo, pela resistência. **CARRO NA ESTANTE** – Os membros do Clube de Automóveis Antigos trocam os fins de semana com a família por garagens sujas de óleo, onde se dedicam ao paciente trabalho de lixar um paralamas com 50 anos de uso, polir as peças cromadas ou, simplesmente, admirar suas raridades. Sábado e domingo também servem parra passeios orgulhosos à bordo dessas antiguidades.

Mesmo que os passeios sejam curtos. "Muitas vezes vamos de Taubaté a Tremembé tomar cerveja. O importante não é a distância, mas mostrar que nossos carros andam bem", afirma o presidente do clube, Benedito Moreira de Andrade Neto, engenheiro e proprietário de 16 veículos – entre eles um Ford Bigode, de 1929.

Nesses passeios em "câmera lenta", não falta nem uma buzina estridente para chamar ainda mais a atenção. Mas nem só de passeios vive o clube. Esse grupo, formado há dois anos por amigos que até então des-

conheciam o interesse comum, serve de banco de peças e informações sobre carros que poderiam muito bem ter transportado homens na Revolução de 30 ou muitos vovôs e vovós para suas luas-de-mel.

Hoje, os colecionadores adquirem peças antigas de automóveis mesmo sem utilização imediata, guardando-as para eventuais trocas ou necessidades. "O segredo é comprar as peças que aparecerem. A gente não sabe se, amanhã ou depois, vai comprar um carro que use algumas delas", ensina Andrade Neto. Quando fica impossível encontrar a peça até na famosa loja de autopeças antigas Relicário,

em São Paulo, a saída é reconstituí-la – um recurso demorado e que multiplica o valor dessa peça, mas garante a qualidade original do veículo. João Varallo é um desses mecânicos especializados em peças antigas, embora o grosso do mercado esteja localizado em São Paulo.

Mas, se a mecânica é um problema contornável, a funilaria para restauração de um carro antigo não é. O que significa um problema para carros encontrados muitas vezes em lugares úmidos e maltratados – ferrugem e madeiramento apodrecido são problemas comuns nos carros recém-ad-



Chevrolet Bel-Air – 1951, coupê duas portas. Modelo "saia e blusa", com capota e carroceria em cores diferentes. Proprietário: Benedito Andrade Neto (Taubaté).

quiridos pelos colecionadores. "Faltam funileiros que conheçam a estrutura dos carros antigos para realizar um bom trabalho", reclama o presidente do Clube.

Um pequeno reparo leva um tempo mínimo de espera de seis meses. Tempo dilatado para alguns anos caso haja necessidade de restauração do veículo. Há nove anos, um Lincoln Continental de 1947, propriedade de Andrade Neto, está completamente desmontado em uma oficina. Peças de estofado, painel e rodas, sobretudo as cromadas, estão guardadas cuidadosamente embrulhadas em jornais, em uma estante na

garagem do presidente do Clube. "Esse deve ser um trabalho cuidadoso e paciente. Não tenho a mínima pressa", diz.

GALINHEIRO – No fechado universo dos profissionais de restauração, faltam novos especialistas. Não há novos tapeceiros – a mão-de-bora que trabalha tem, em média, 60 anos e trabalhou em muitos dos carros que hoje recuperam. Além de mecânicos, funileiros, pintores e tapeceiros, os automóveis antigos, que poderiam ter transportado Humphrey Bogart nos filmes de gangsters na década de 30, necessitam também de marceneiros.

Um exemplo é a Plymouth 1932, mais conhecida como "Barata", caracterizada pelo banco da sogra na traseira, que precisou de uma revisão na marcenaria antes de ir ao funileiro. Adquirida por Andrade Neto em agosto de 1988, sua restauração só ficará pronta no final deste ano. Outro carro, um Sinca Topolino 1949, de fabricação francesa, também aguarda há cinco anos o início de sua restauração na garagem de meio-quarteirão que o presidente do Clube tem no centro de Taubaté.

Essa demora no processo de restauração não diminui a paixão dos donos dessas má-

Packard 120 Eight – 1939, carroceria reconversível. Utilizado na visita da rainha Elizabeth II e do príncipe Phillip ao Brasil, em 1968. Dirigido na ocasião pelo fundador do Museu do Automóvel de Caçapava, Roberto Eduardo Lee. Propriedade: Museu do Automóvel.

Packard Super Eight – 1931, carroceria especial feita sob encomenda. Compartimento embutido para tacos de golfe e banco da sogra na traseira. Propriedade: Museu do Automóvel.

Alfa Romeo Grand Prix – 1932, originalmente propriedade da corredora francesa Helle Nice. Em 1936, em um acidente na avenida Brasil, matou oito pessoas. Propriedade: Museu do Automóvel.

Willys "Peixe Frito" – 1906, carroceria de madeira. Partida à manivela, direção do lado direito. Velocidade máxima 35 km/h. Propriedade: Museu do Automóvel.



Chevrolet – 1939, quatro portas. Motor seis cilindros, três marchas. Proprietário: Benedito Andrade Neto (Taubaté).

quinas maravilhosas. Em 1950, João Varallo encontrou em um galinheiro um Chevrolet 1928 semi-desmontado, comprou-o como ferro-velho, restaurou e reconstituiu muitas partes. Até hoje roda com ele diariamente, inclusive em viagens. "Trabalhei dia e noite nele", lembra o mecânico. No final, o Chevrolet recebeu o apelido de Anastácia, em homenagem ao Chevrolet 1928 chamado Anastácio que era dirigido por Amâncio Mazzaropi no filme Sai da Frente, na década de 50. Dez anos depois, a própria Anastácia seria estrela de cinema ao lado do mesmo Mazzaropi, no filme Japão Brasileiro.

A paixão de João Varallo nasceu no momento em que viu o velho Chevrolet abandonado no galinheiro. Esse amor acidental marca muitos dos colecionadores do Clube. Andrade Neto seguiu o mesmo caminho. "Em 74 comprei um Mercedes Benz com dez anos de uso, com planos de trocar por um mais novo em dois anos. Nunca mais o vendi", lembra. Esse carro, de estofamento de casimira, leva as noivas da família à igreja e está avaliado em NCz\$ 30 mil.



Dodge – 1946, fabricação Chrysler. Originalmente lançado com câmbio semi-automático. Proprietário: Paulo Simonetti (Taubaté).

"Mas por esse preço, não venderia", acrescenta. Outro colecionador, o comerciante Paulo Simonetti vendeu seu primeiro carro, um Ford 1929, ainda moço e se arrependeu. Comprou outro imediatamente e decidiu começar a colecionar veículos, tamanho o trauma inicial. Hoje, Paulo possui seis carros antigos – entre eles uma "jardineira" de 1928, sem portas, com capacidade para oito pessoas.

UM BOM NEGÓCIO – Particularidades interessantes nos carros que compõem o acervo do Clube não faltam. Uma aquisição curiosa, por exemplo, aconteceu recentemente e ficou por conta do comerciante Wladimir Salim Minhoto – um Aero Willys 1969, com 62 mil quilômetros rodados, que pertenceu ao bispo diocesano de Taubaté, dom Francisco Borjes do Amaral, morto em maio último. A motorista oficial do bis-

O sonho acabou

Em 1948, o sonho de Preston Tucker, retratado pelo cineasta Franz Ford Coppola, colidiu com a realidade e se espatifou. A indústria que pretendia construir o carro do futuro deixou dívidas gigantescas e um saldo de apenas 48 veículos fabricados. Hoje, restam apenas cinco deles no mundo. Dois deles são de Coppola e aparecem no filme Tucker – Um Homem e Seu Sonho, em cartaz no Brasil há dois meses, outros dois estão também nos Estados Unidos e o quinto carro revolucionário está no Brasil, abandonado em um canto do Museu do Automóvel de Caçapava.

O Tucker de Caçapava não lembra nem de longe a sensação causada pelo modelo na década de 40, fora o contraste de suas formas retas frente as formas arredondadas dos veículos da época. O Tucker apresentou inovações para os anos 40 – cinto de segurança (incomum na época), um terceiro farol dirigível dianteiro e uma velocidade imaginável de 160 km/h.

O carro do Museu do Automóvel nem anda. Está sem motor. E o farol direcional descansa no banco dianteiro. O Tucker não tem uma das rodas, apresenta pequenos amassados, pontos de ferrugem na grossa lataria e desgaste da pintura em vários locais. Um dos últimos Tucker do mundo está encostado em um canto úmido de um museu semi-desativado há 14 anos, desde a morte de Roberto Eduardo Lee, idealizador do Museu e apaixonado por carros antigos. Um homem que, como Tucker, teve um sonho e tentou transformá-lo em realidade.

SONHOS E GOTEIRAS – Roberto Lee amava seus carros. Passava horas sujo de graxa para colocar em funcionamento um de seus modelos. Hoje, resta de seu acervo um punhado de carros enferrujados sob a insistência de goteiras, como o Alfa Romeo Coloniale 1923, feito sob encomenda para o fazendeiro Eliseu Teixeira Camargo – direção do lado direito, apenas seis iguais no mundo –, ou o Packard 1927, com madeiramento podre e estofamento rasgado. Uma pendência judicial sobre o acervo impediu durante anos que os carros fossem vendidos a colecionadores, mas deixou a manutenção e o uso dos veículos escassos.

Vivo, Roberto Lee passava os finais de semana cuidando dos carros nessa antiga fábrica de amido transformada em Museu, um conjunto de prédios de arquitetura marcante e com as paredes cobertas de hera. Hoje, a herdeira do acervo, Maria Eugênia, algumas vezes visita o local. Expostos estão 26 automóveis e dois galpões guardam outros à espera de restauração. Alguns veículos ainda se salvam – o Hupmobile 1938, último modelo fabricado pela Hupp motor Corporation, e o Willys Owerland modelo Whippet 1929 são dois bons exemplos. Alguns modelos marcantes, como um Hispano Suiza da década de 20, o mais belo e melhor conservado do acervo durante muitos anos, não estão em exposição – a explicação é que vêm sendo restaurados em São Paulo.

Talvez esses veículos nunca mais voltem a exibir pintura nova ou o barulho de seus motores. Mas, talvez, debaixo de alguns dedos de poeira, eles sonhem com a volta de um Roberto Lee, alguém que ame os carros antigos como ele amou. Alguém que tenha um sonho a realizar.

po, uma freira, não poupou cuidados e observações ao novo dono – que não revela quanto pagou no carro, mas garante que foi barato. “Tive sorte”, explica.

Sorte é algo que todos os integrantes do Clube de Automóveis Antigos de Taubaté acreditam ter. “Às vezes encontramos carros bons em garagens semi-abandonadas, que são vendidos abaixo do que valem por pessoas que nem imaginam seu valor real”, relata Paulo Simonetti, que em janeiro deste ano comprou um Ford 1947, modelo “Barata”, em Campos do Jordão, por NCz\$ 2 mil. Outras vezes, preço baixo atrai cuidados maiores de recuperação – o Plymouth de Andrade Neto foi comprado em 1988 por NCz\$ 350, mas custará NCz\$ 10 mil para ser restaurado. Dinheiro que não será jogado fora. Depois de pronto, o Plymouth triplicará seu valor.

Vendê-lo? Nem pensar. Os gastos, segundo Andrade Neto, justificam o prazer de ver funcionando, depois de anos, um veículo tão antigo. Um carro que, se falasse, poderia contar muitas histórias.

Célia Paccini

De marcha-à-ré

Em dezembro de 1988 foi inaugurado em Taubaté o Museu dos Transportes, pela Prefeitura, com a finalidade de montar um acervo de automóveis antigos para o município. Oito meses depois, o acervo do Museu continua restrito aos mesmos quatro carros da inauguração, permanece fechado à visitação e sua finalidade começa a ser avaliada pelo Departamento de Educação e Cultura, ao qual está vinculado.

O objetivo do Museu era criar um recinto de exposição para colecionadores e aos poucos formar acervo próprio. Nem uma idéia, nem a outra frutificaram. Os colecionadores acham o espaço insuficiente para manobras de automóveis e o atual diretor de Educação e Cultura, Mauro Antônio Pires Dias da Silva, acha improvável a aquisição de carros pela Prefeitura. “Este é um hobby caro, reservado para aficionados”, comenta. No Museu estão um Ford 1929, um caminhão militar GMC de 1940, um Jeep 1947 e um Gordini Sedan 1966. O espaço fica nos fundos do Museu Municipal Paulo Camiller Florençano e não há visitantes suficientes que justifiquem que ele fique aberto ao público, segundo explicações do porteiro. O Departamento de Educação e Cultura planeja instalar em seu lugar um Museu da Imagem e do Som.

Gold

Snooker ★★★★★

**18 mesas de snooker
a sua escolha,
oficial inglesa e nacional.**

**Choperia - lancheteria
café expresso - som e TV
ambiente familiar.**

**Venda de acessórios
para bilhar - atacado e varejo.**

R. Dirceu Alves Rodrigues, 32 – Mogilar – M. Cruzes
(Trav. Av. Francisco R. Filho, 554/Sede Própria)
FONE: (011) 469-5541

ARQUITECH®

FIBERGLAS

- Serviços de Manutenção, Montagem e Revestimento Anti-Corrosivo p/ Indústria
- Peças Técnicas de P.R.F.V. – Flanges, Tanques, Tubulações etc
- Calhas, Rufos e Fechamentos para Galpões
- Novo Depto. Especializado em Recuperação de Estruturas de Fibra de Vidro: Carros Esportes, Barcos, Caminhões, Piscinas, etc...

Requisite nossos serviços. Atendemos em todo Brasil

ARQUITECH FIBERGLAS IND. E COM. LTDA.

R. Dr. Deodato Wertheimer, 2570 – M. Cruzes
Tels: (011) 469-7445 • 469-2648

Telex: (011) 39257 – TRRL-BR – Telefax: (011) 4613705

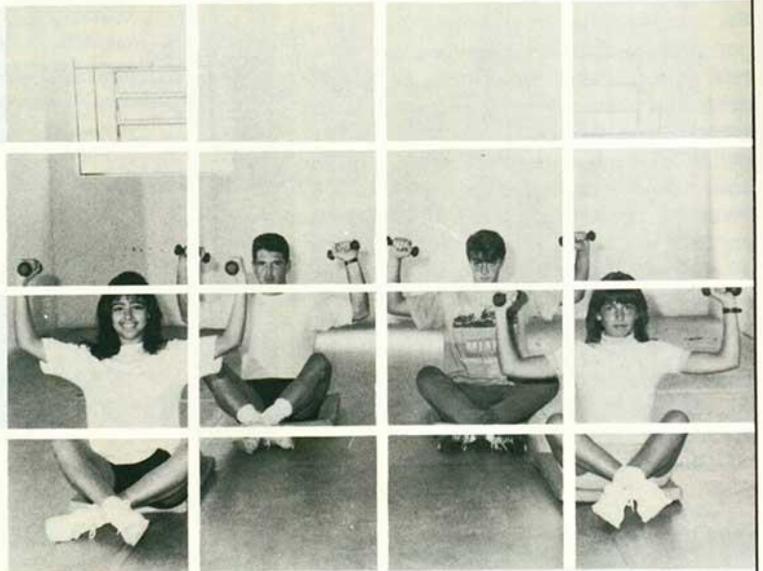
CORPUS LINE STUDIO DE DANÇA



- BALLET CLÁSSICO
- JAZZ
- MODERNO
- ALONGAMENTO E FLEXIBILIDADE
- RESISTÊNCIA MUSCULAR LOCALIZADA
- AERÓBICA
- GINÁSTICA PARA GESTANTES
- BABY-CLASS E BABY-JAZZ
- TRATAMENTO PARA:
 - FLACIDEZ
 - GORDURA LOCALIZADA
 - CELULITE GRAU I E II
 - GINÁSTICA PERSONALIZADA E INDIVIDUAL

Condicionamento Físico

SERGINHO LEITE



ANDRÉA MARINHO COUTO GODOY TOLEDO
Diretora

R. Cruzeiro do Sul, 184 – Vila Oliveira – M. Cruzes
Fone: (011) 469-6211

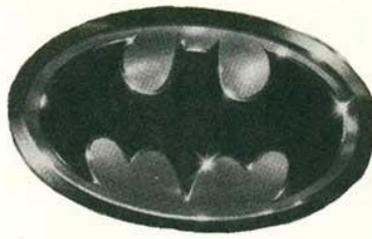
RENATO JOSÉ ARGENTINO



**arquitetura
projeto e
construção**

**Pedras para
Piso e revestimento**

R. CEL. CARDOSO DE SIQUEIRA, 851 – M. CRUZES TEL. (011) 469-0285



PANORAMA



O POP MORCEGO

Os guerrilheiros da paz

Finalmente uma notícia interessante na imprensa diária. O jornal Folha de S. Paulo anunciou que a organização ecológica Greenpeace está se preparando para chegar ao Brasil.

Nunca se falou tanto em ecologia como em 1989. Se você passar hoje por uma banca de jornais, certamente irá encontrar um grande volume de reportagens ecológicas, de revistas ecológicas. Virou moda, sem dúvida. Somente nos últimos seis meses, a revista francesa "Paris-Match" já dedicou mais de 20 páginas a nosso cacique Raoni. Salvar a Amazônia, salvar as baleias, salvar os índios, são palavras de ordem do dia-a-dia. A televisão brasileira não pára de mostrar índios, bichos, florestas. Todos juntos, na mesma emoção.

Mas, muito antes de se falar em ecologia — na verdade a ecologia começou a ser falada no Brasil no início dos anos 80 — um grupo de militantes, no início da década de 70, já estava em plena ação. Eram os sonhadores da **Greenpeace**, uma organização que luta pela preservação da natureza, do Planeta Terra. A **Greenpeace**, que começou como uma organização pequena, fruto de sonhos, hoje é a maior e uma grande organização, que começa a se espalhar pelo mundo todo. Carregando sua bandeira de paz.

O jornal **Folha de S. Paulo**, em sua

edição do dia 19 de junho passado, anunciou que a **Greenpeace** está se preparando para montar o seu primeiro escritório no Brasil. Com a presença da **Greenpeace** no Brasil, aqueles que burlam as leis poluindo os ares, os mares, aqueles que constroem

usinas nucleares ou caçam baleias, terão que pensar duas vezes. Ou, pelo menos, contar com a presença desses heróis dos tempos modernos. Os militantes da **Greenpeace** não lutam apenas em praças públicas ou no papel. Eles vão à luta, quase que literalmente. Sempre

foi assim. A marca registrada da organização é a ação in loco. Já escalaram usinas nucleares na Alemanha, já enfrentaram baleeiros japoneses, já dependuraram faixas no famoso Big Ben de Londres ou na Torre Eiffel, em Paris.

Essa aventura em defesa da natureza já custou até mesmo uma vida. Um fotógrafo português, militante da organização, foi assassinado em julho de 85, quando preparava para zarpar rumo ao atol de Mururoa, no Oceano Pacífico, onde a França fazia suas experiências nucleares.

O anúncio da chegada da **Greenpeace** ao Brasil, é sinal de que a luta ecológica vai continuar. Não vai ser apenas uma moda nas páginas das revistas, nos telejornais ou nas estampas das camisetas. Os militantes da **Greenpeace** têm uma coisa na cabeça: Terra, só tem uma. **Alberto Villas**



Greenpeace: a luta ecológica vai deixar de ser apenas moda



Photo Design

Obra Fotografada na Rua Ceramista Roberto Weiss, 333 - Jardim das Colinas - São José dos Campos.

POR TRÁS DA BELEZA DE UMA PORTA FREEMAX, QUALIDADE EM CADA DETALHE.

*Uma porta Freemax, automática ou manual, é sinônimo de beleza, segurança e muita qualidade. Qualidade que começa no atendimento especializado por técnicos e arquitetos experientes, e que continua com um projeto inteligente, que oferece o melhor desempenho por muitos anos. A marca da qualidade Freemax está presente em cada peça, dando a você a segurança de estar adquirindo o melhor em portas basculantes e em portões pivotantes e deslizantes. **AUTOMATIZADOS COM PRODUTOS H.D.L.** Venha fazer uma visita ao show room da Freemax. Qualidade não tem preço, mas tem endereço certo.*



Freemax Representações Ind. e Comércio Ltda.
Av. Prof. Vicente Rao 850 - Fone 241 8899
Telex 115 4576 FREX BR - CEP 04636 - São Paulo - SP

COMASA COMERCIAL DE MADEIRAS SATÉLITE LTDA.

Rua dos Solimões, 50 - Tels.: (0123) 22-9899 e 21-6527 - São José dos Campos - SP.

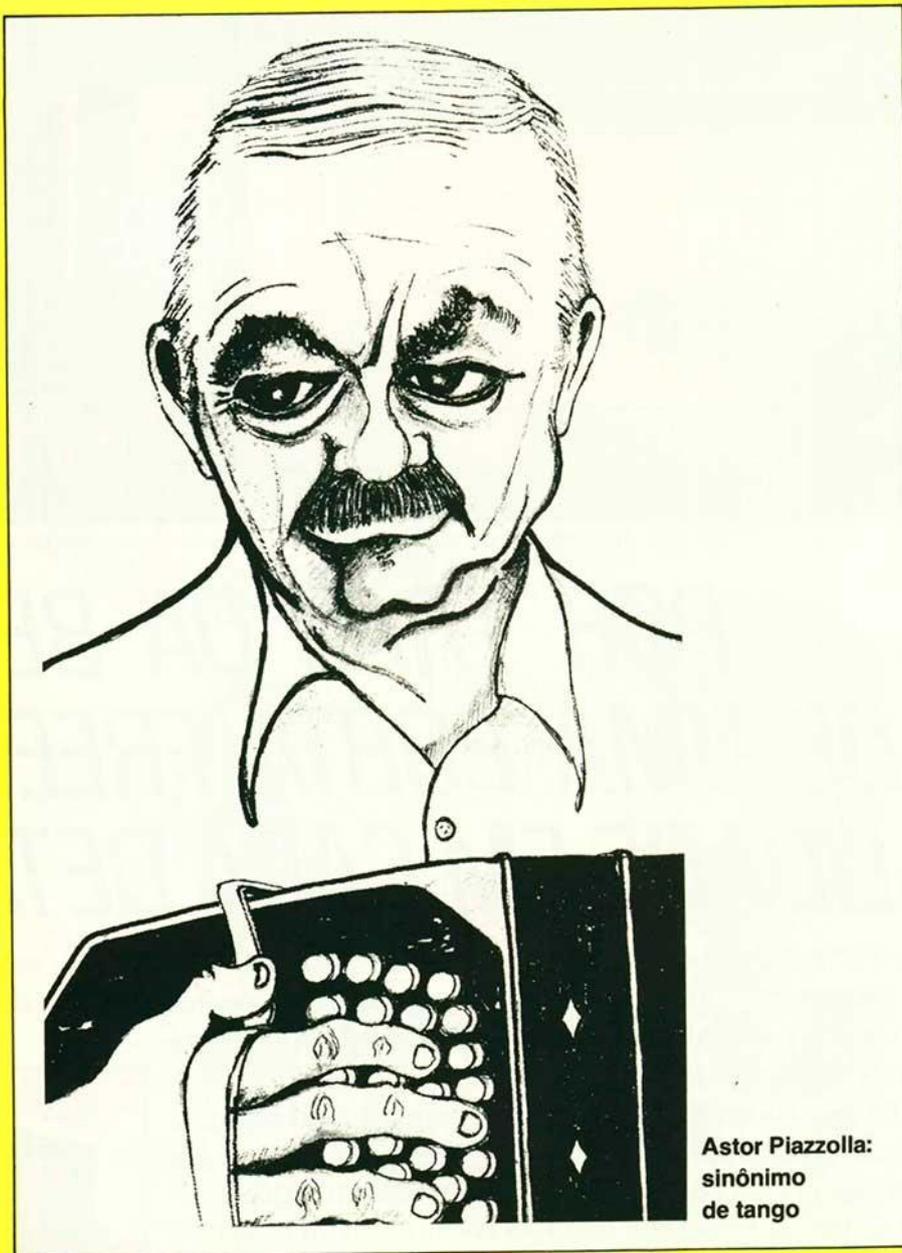
O primeiro tango em Buenos Aires

Depois de fazer um enorme sucesso em Paris, há dois anos, a Associação dos Autônomos do Brasil mostra uma ópera-tango de Piazzolla.

Existem nomes que são sinônimos. Por exemplo, Pelé é sinônimo de futebol. Gonzagão é sinônimo de baião. Astor Piazzolla é sinônimo de tango. O argentino Piazzolla é puro tango. Desde que nasceu em Mar Del Plata, seguramente ao som de um tango. Há 20 anos ele compôs uma ópera-tango, **Maria de Buenos Aires**, que agora chega ao Brasil sob a direção de Jacobo Romano e Jorge Zulueta, dois argentinos radicados no Brasil, que entendem do assunto.

Maria de Buenos Aires conta a história de uma prostituta que vivia em um bairro de Buenos Aires, misturando vadiagem com barra-pesada mesmo. Maria um dia morreu mas sua sombra continuou vagando pelo bairro Portenho por muitos e muitos anos. Num clima noir, de porre e recordações, Piazzolla montou uma peça grandiosa, irônica, dramática.

O curioso é que ao criar **Maria de Buenos Aires**, Piazzolla não imaginava em transformá-la numa ópera. Na verdade, ele queria era uma música com princípio, meio e fim. Mas a história se alongou tanto que acabou virando uma ópera. É uma obra clássica e moderna ao mesmo tempo. Romântica. É a quarta vez que Maria sobe ao



Astor Piazzolla:
sinônimo
de tango

e em vários países da Europa. Apesar de ter sido escrita há 20 anos, não perdeu uma gota de modernidade. Retrata fielmente o lado boêmio e muitas vezes cruel de uma das cidades mais calorosas do mundo.

O cenário da ópera-tango de Piazzolla é grandioso. Um enorme bandolion ao fundo, que se abre aos poucos, mostrando a carne viva de Buenos Aires: suas casas, ruas, prostíbulos, bares. É um espetáculo perfeito para quem gosta de tango, de ópera ou de balé, sem contar o teatro. O espetáculo envolve várias dezenas de artistas. Só o coral da Aliança Francesa, que também participa, colabora com 17 vozes. É a hora e a vez do tango superstar.

Maria de Buenos Aires lembra o tempo das prostitutas históricas, prostitutas que também circularam pelas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Piazzolla conseguiu criar um clima dramático realista de primeira grandeza. A idéia de matar uma prostituta e fazer

com que ela ainda perambule anos e anos pelo seu habitat é pura realidade. Até hoje existem prostitutas perambulando pelas ruas de Buenos Aires. Elas não morrem jamais. Como a música de Astor Piazzolla, ou melhor Astor Tango Piazzolla. ●

palco. Quando estreou em Buenos Aires, em 1968, numa temporada curtíssima, a ópera causou a maior polêmica no meio tanguístico. Talvez por sua modernidade.

A Maria que chega ao Brasil, chega depois de uma temporada vitoriosa na França

O rei da selva

*Sting deixou o rock momentaneamente de lado e partiu para uma outra luta. É o que ele conta no livro **Amazônia - Luta Pela Vida**.*

De depois de uma carreira vitoriosa à frente do grupo de rock Police, Sting partiu para uma carreira solo, também vitoriosa. A invés de se acomodar, se transformar numa super estrela do rock como Michael Jackson ou Madonna, Sting pôs a mão na consciência e decidiu partir para outra luta. A luta pela preservação da natureza. Sting acabou se apaixonando pelo Brasil, por suas riquezas cada dia mais pobres. Sting resolveu dar um tempo ao rock e se embrenhar mata a dentro.

Depois de viajar pelo Brasil, pela Amazônia, denunciando e apontando soluções, Sting – ao lado do cacique Raoni – saíram mundo afora. Visitaram reis e rainhas, presidentes e primeiros-ministros e até mesmo o papa. Juntos, sempre juntos.

Para registrar a luta de Sting e Raoni, a editora francesa JCLattès decidiu lançar um livro luxuoso de 130 páginas, impresso no melhor papel couché e inteiramente em cores. O livro não tem previsão de lançamento no Brasil.

À primeira vista, o álbum pode parecer um produto turístico ou oportunista, aproveitando essa onda verde que tomou conta da Europa. Mas não. Além das belezas das



Sting:
luta com
arco e flecha

fotos, ali está a luta de dois homens que estão realmente preocupados com o futuro do Planeta Terra.

Com a ajuda do jornalista Jean-Pierre Dutilleux, Sting traça um panorama do que é a Amazônia hoje e o que ela poderá se

transformar se não houver um governo competente nos próximos anos. Na verdade, o livro **Amazônia - Luta Pela Vida** é uma longa reportagem. Sting, que no ano passado escreveu uma reportagem para a revista "Actuel", resolveu ir um pouco mais além. Conta suas aventuras na floresta Amazônica, em forma de diário. Ele narra com uma simplicidade indígena cada episódio que viveu em solo brasileiro. É um livro que tem apaixonado europeus e americanos. Mas que tem provocado a ira de alguns brasileiros que acham que nenhum estrangeiro tem o direito de meter o nariz em nossa floresta.

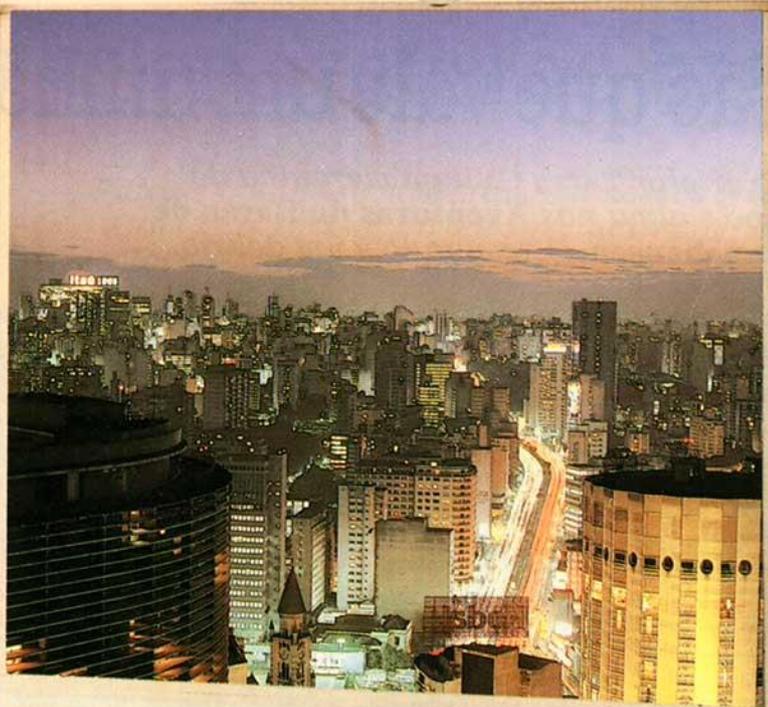
O livro de Sting é um bom "recuerdo". Um livro bonito e simples, apesar de todo o luxo da edição. Ele contribui, sem radicalismo, para formar a consciência de um povo. Abrir os olhos de gregos e troianos para o grande problema que a floresta brasileira enfrenta. É um livro moderno, que faz o

leitor se apaixonar pela ecologia, pela beleza pura da vida. É verdade que o texto não se aprofunda muito nos problemas da selva mas levanta a bola. Coloca em discussão um dos temas que vão predominar na década de 90: a nossa sobrevivência. ●



Aceita-se reserva

A Cuisine Elgin reserva para você a tendência marcante do design moderno. O conforto, a funcionalidade e a qualidade que você exige. Afinal você merece e nós sabemos disso.



Cuisine
O espaço mais gostoso da casa
ELGIN

Um barão que vale um milhão

O diretor Terry Gilliam mergulha de corpo e alma nas Aventuras do Barão de Munchausen. O resultado é um delírio.

Depois de ter assassinado de rir alguns milhões de pessoas com "O Sentido da Vida", conquistado outros tantos com o cult "Brazil", o diretor Terry Gilliam abre sua Caixa de Pandora (que é mais perigosa do que a original) e deixa escapar mais duas horas de delírios cinematográficos. Filmar **As Aventuras do Barão de Munchausen** custou US\$ 40 milhões e algumas rugas a mais para o rosto do gnomo do ex-integrante do grupo inglês Monty Python. Beirando meio-século de idade, Terry Gilliam descobre um barão que rejuvenesce contando falsas verdades sobre suas façanhas no exército de Frederico, o Grande, em 1781. Duzentos anos depois, Gilliam usa a falsa verdade do cinema para fazer da filmagem de **As Aventuras do Barão de Munchausen** um copo do elixir da longa vida, mesmo que apareçam rugas e cabelos brancos depois do drink.

No princípio, era o caos. Depois de três anos de dificuldades financeiras, os US\$ 23 milhões do orçamento inicial foram estou-

rados em apenas cinco semanas. Os cenários foram construídos nos estúdios da Cinecittá italiana, e em locações na Espanha. Verdadeiras torres de babel modernas. Gilliam é obrigado a dar ordens em quatro línguas diferentes: italiano para os técnicos, alemão para os produtores, inglês para os atores e espanhol para os figurantes. É claro que ninguém se entendia. A loucura furiosa de Gilliam é contagiosa.

Para viver as aventuras do Barão o escolhido foi John Neville, um ator de teatro shakespeariano que apesar da pouca experiência em cinema está muito bem. Perde algumas cenas para a pequena prodígio Sarah Pooley, que faz o papel de Sally, uma garotinha que vive numa cidade em ruínas por causa da guerra com os turcos, e que o Barão promete salvar. Sally acompanha o Barão em suas viagens para reencontrar seus quatro ajudantes, perdidos pelo Universo por contingências do destino. Voam num balão até a Lua, onde o Barão é amigo do rei (que fala italiano). Caem no Etna,

e são recebidos pelo deus Vulcão e seus Cyclopes (isto não é mais uma banda do rock nacional). O Barão tem um lindo e fugaz caso de amor com a deusa Vênus, para em seguida ser arremessado por Vulcão a uma linha nos mares do sul. Ao invés de dançarinas de ula-ula, são recebidos por um monstro marinho. Já na companhia de Albrecht, Gustavus, Adolphus, Bertold, e montado em Bucéfalo, seu fiel cavalo, o Barão retorna para salvar o vilarejo alemão do exército turco. Afinal, Munchausen não fez mais do que cumprir sua obrigação, pois foi o causador da guerra. Ao lado de Danton, Robespierre, Saint-Just, o Barão de Munchausen foi um dos grandes homens que fizeram a história da Europa no final do século XVIII. Acredite, se quiser.

Jonathan Price, o ator preferido de Terry Gilliam, faz o funcionário público enviado pelo imperador para governar a cidade durante o período de guerra. É mesquinho, burocrata, aproveitador, exatamente o papel oposto ao que fez em "Brazil". É o vilão da história, o homem que destrói os sonhos do Barão com as leis da sociodinâmica.

A participação especial é do cantor inglês, naturalizado txucarramãe, Sting. Ele é um oficial do exército alemão que é apresentado às autoridades da cidade após vencer grandes batalhas. Sting empresta seus belos olhos azuis por 30 segundos à câmera de Gilliam, e diz a frase: "Eu fiz o que pude". Realmente, entre a Amazônia e a Europa, os Kuarups e os discos, 30 segundos de herói era tudo o que ele podia fazer por Munchausen e seus amigos.

A Morte passa ao lado do Barão onde quer que ele vá. Ela sempre acompanha os aventureiros. Terry Gilliam deve ser um dos que estão sempre às voltas com ela. Se fica louco quando não está filmando, e mais louco quando está, o jeito é aproveitar essa loucura furiosa para fazer genialidades.

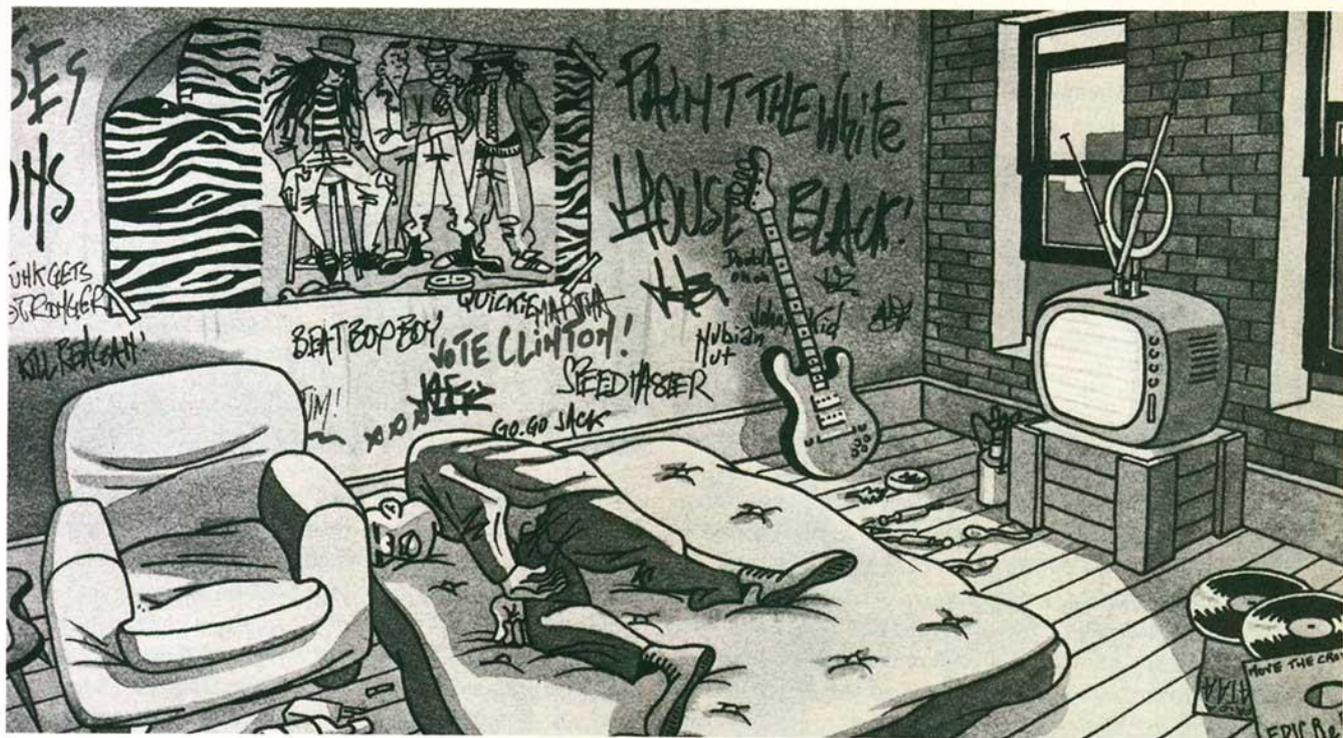
Oscar R. Aves



As Aventuras do Barão de Munchausen: loucura furiosa do diretor Terry Gilliam

O telenovelismo brasileiro

Fatos e boatos se misturam em nossos telejornais. Com isso, tem muito telespectador confundindo o Jornal Nacional com a novela Que Rei Sou Eu?



Brasil: que jornal sou eu?

Jornalismo se faz com fatos. Essa é uma das lições mais ensinadas em qualquer escola de jornalismo. É verdade, jornalismo se faz com fatos. Mas no Brasil de 1989, cada vez mais, se tem feito jornalismo com boatos. Rumores. Justiça seja feita. O telejornalismo no Brasil, em 1989, passou da água para o vinho. Em um período de 20 anos, o país assistiu, passivo, o Jornal Nacional da Rede Globo, sem que nenhum concorrente passasse por perto. Neste final de década, o panorama mudou. O SBT de Sílvio Santos tem um bom jornal – o TJ Brasil –, a Record tem um bom jornal, a Manchete e a Cultura a mesma coisa. São jornais bem feitos, cada um à sua maneira.

Mas se você perceber bem, vai notar que uma boa porcentagem do noticiário, principalmente o econômico e político, vem sendo feito com rumores. Cria-se uma novela e trabalha em cima dela durante vários dias.

Até que o Ibope caia. Por exemplo: O governador Orestes Quércia vai ser ou não vai ser candidato? Quem será o vice na chapa de Ulysses Guimarães? O Brasil vai ter ou não vai ter uma hiperinflação? Em cima desses rumores, o noticiário vai se alimentando dia após dia. A gasolina vai ou não vai aumentar? Alguns telejornais chegam a jogar no ar preciosos minutos explicando hipóteses. Se a hiperinflação chegar, veja como vai ficar sua vida. Se ela não chegar, veja também.

O Brasil é um país que, pouco a pouco, confunde a sua própria realidade com a ficção. Se você, por exemplo, somar os minutos – minuto é uma coisa preciosa em televisão – gastos para explicar o novo valor do salário mínimo, é algo impressionante. E o mais impressionante ainda é cair na realidade que a maioria dos brasileiros que assiste diariamente esses telejornais, no final da história, acabou ficando

sem saber o real valor do salário mínimo.

Com essa constatação, vai ser difícil saber se um candidato à Presidência em seu horário político estará falando a verdade ou tudo não passa da ficção. A verdade é essa: o telespectador, muitas vezes está confundindo o que é fato e o que é novela. E o que é mais impressionante no país de José Sarney é que a Rede Globo de Televisão, a emissora que tem o maior Ibope, colocar no ar, todos os dias, antes do seu jornal nobre, uma novela – Que Rei Sou Eu? – que, na verdade, é mais realidade que ficção. Que Rei Sou Eu?, para quem assiste nas entrelinhas, é muito mais verdadeiro que o próprio Jornal Nacional. Porque ali está uma realidade irônica. O retrato do Brasil.

Com essa confusão de fatos e boatos, talvez o correto seria começar um jornal assim: As notícias de hoje são essas: tais, tais e tais. O resto... é pura especulação.

Alberto Villas

MARMORARIA NACIONAL

Para sair da crise, a expansão

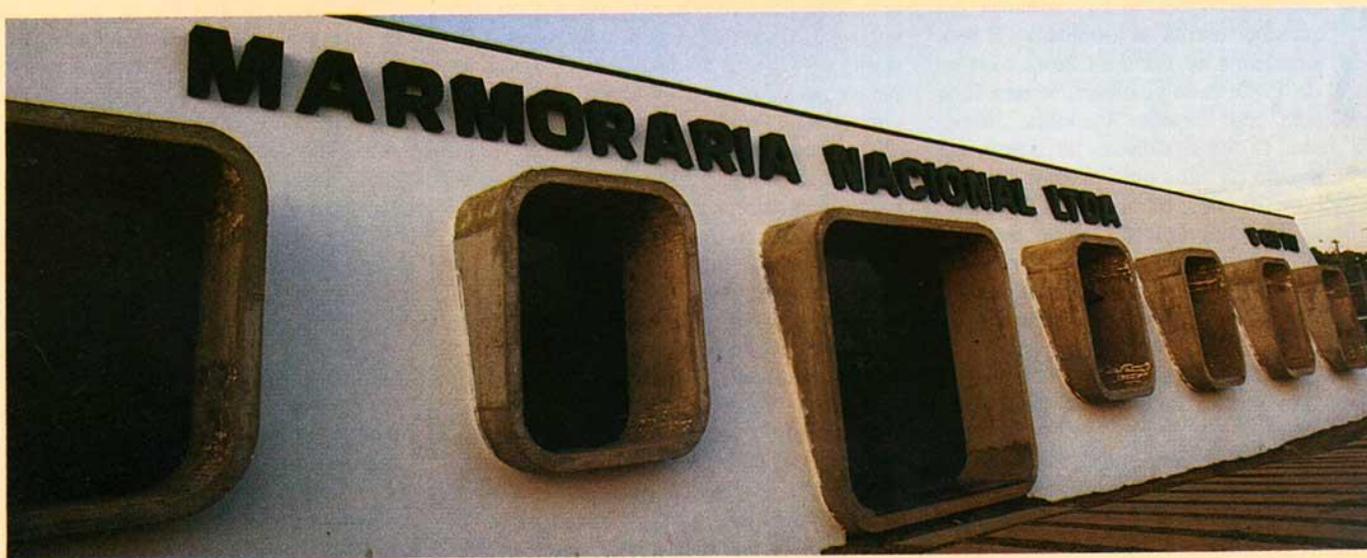
Há empresários que apesar da crise que assola o país ainda acreditam no potencial do Brasil e investem cada vez mais na esperança de expandir seus negócios. É o caso de Edimar Alves Martins e Oscar Pachler Neto, que após anos de sucesso à frente da Mogi Mármore e da Mármores e Granitos Caraguá decidiram montar uma nova firma na cidade, mais estruturada e com uma capacidade de produção ainda maior que suas antecessoras.

Trata-se da **Marmoraria Nacional Ltda**, uma das mais modernas empresas do setor e com uma produção mensal em torno de seis mil metros quadrados de mármores e granitos. "Trabalhamos com tecnologia de ponta, das mais avançadas, para garantir um produto de alta qualidade para nossos clientes", diz Edimar, acrescentando que a empresa trabalhará com pequenos e grandes consumidores e ainda destinará 50% de sua produção para atender o mercado externo. A exportação, aliás, é uma nova opção que conquistou os empresários, já que a **Marmoraria Nacional** tem contrato firmado com os EUA e outras negociações encontram-se em andamento para que a empresa exporte para alguns países da Europa.

A **Marmoraria Nacional** irá produzir lajotas para pisos, fachadas de prédios, pias moduladas e convencionais e uma infinidade de outros produtos ligados ao setor de mármores e granitos, e sempre com uma vasta variedade de opções de cores, preços e materiais diversos. A empresa também irá agilizar a entrega dos pedidos, que antes chegavam a levar meses devido ao grande número de encomendas. "Agora, as entregas serão praticamente imediatas", explica Edimar Martins, otimista com o sucesso de sua empresa.



A **Marmoraria Nacional Ltda.** fica na rua Dr. Deodato Wertheimer, 3001, telefone (011) 469-7111, na saída da Mogi-Bertioga. Situada num terreno de dois mil metros quadrados, dos quais 750 são destinados ao galpão industrial e 160 ao escritório administrativo, a empresa está localizada numa região de fácil acesso e conta com um amplo estacionamento para os clientes. Quanto à crise, Edimar é bastante taxativo: "Todo trabalho honesto e bem feito se sobressai a qualquer crise. É nessas horas que você tem de provar que é bom e procurar uma saída."



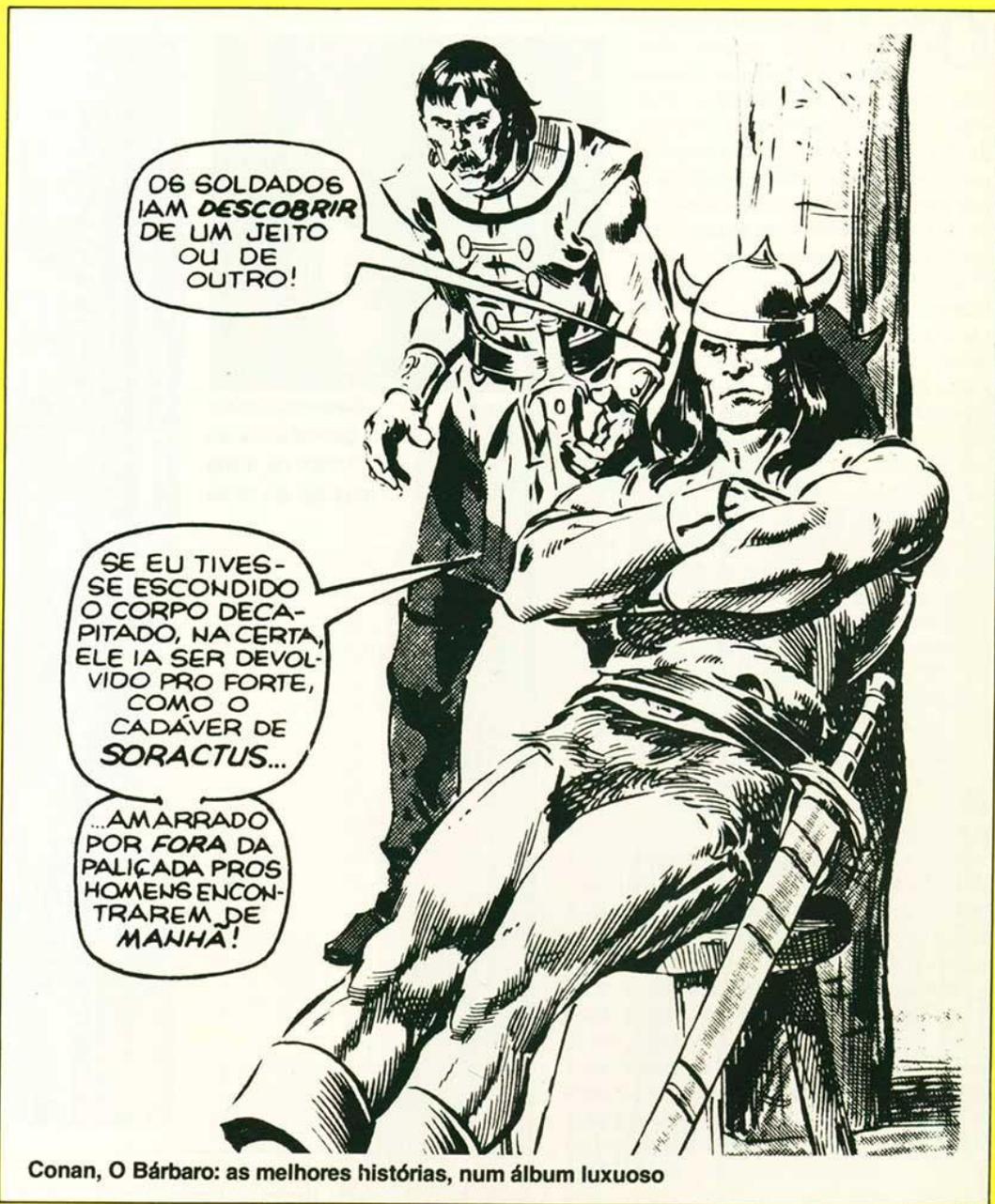
Vale a pena ler de novo

A Editora Abril reúne as melhores histórias de Conan, O Bárbaro num luxuoso álbum, em preto e branco. O herói tem milhares de fãs, que estão em festa.

Há alguns anos, a Editora Abril vem colocando nas bancas, todos os meses, com enorme sucesso, uma revista de quadrinhos chamada Conan, O Bárbaro. Não se trata de um quadrinho futurista, a mais nova onda do quadrinho atual. Conan é um clássico. Como Príncipe Valente foi. Conan é dono de um dos maiores fãs clubes no Brasil. Fãs que estão com ele e não abrem. Depois de ganhar fãs a cada mês, a Abril, entusiasmada com o sucesso de Conan, resolveu lançar alguns números do herói à cores. Vieram protestos de todos os lados. Quem gosta de Conan, gosta de Conan em preto e branco, nada de colorir.

Agora, a Abril resolveu valorizar Conan. Reuniu as melhores histórias num álbum luxuoso de cem páginas, com papel couché e tudo mais. Em preto e branco. Conan vestiu um traje à rigor mas continua tão bom quanto o original, num papel jornal de melhor qualidade.

Este é apenas o primeiro álbum de uma série. O número 1, que custa NCz\$ 1,60, traz duas histórias. A primeira, "A Fronteira do Fim do Mundo", foi publicada originalmente entre os números 14 e 15 da Espada Selvagem (o Conan mensal) - o argumento é de Roy Thomas e os desenhos de John Buscema e Tony De Zuniga. "A Maldição da Deusa-Gato", a segunda história, faz parte do oitavo número e tem desenhos de Pablo Marcos e argumento de Roy Thomas. "A Maldição da Deusa-Gato" narra as estranhas transformações que uma estatua, aparentemente inofensiva, provoca em Conan.



Conan, O Bárbaro: as melhores histórias, num álbum luxuoso

Os desenhos de Conan nos levam aos tempos dos deuses, das grandes batalhas. Tempo de aventura sem informática. Conan é aventura clássica, bem construída, sem fugir da modernidade. O tempo de

Conan é o tempo dos bravos. Da selva, de embarcações perdidas, de caminhos sombrios e estranhos. Conan, que já virou longa-metragem, é um tipo inesquecível, é bárbaro.

A batdance de um príncipe

A maior homenagem ao cinquentenário de Batman é, sem dúvida, a trilha sonora composta por Prince. Uma ópera-funk futurista, o som de Gotham City.

O filme foi lançado nos Estados Unidos e, em poucos dias, conseguiu esquentar ainda mais o verão norte-americano. Batman, o filme, já foi visto por milhões de fãs de quadrinhos, aventura, cinema e música. O mundo está mesmo precisando de heróis. O filme dirigido por Tim Burton tem todos os ingredientes de um produto de sucesso. E um desses ingredientes chama-se Prince. Além das estrelas Jack Nicholson, Michael Keaton e Kim Basinger, Tim foi buscar o superstar da música pop para dar o seu toque de genialidade nas aventuras do homem-morcego. O disco, lançado nos Estados Unidos e Europa em julho, deve chegar ao Brasil no início de outubro.

Batman, o disco (lançamento WEA), é uma ópera funk futurista, que leva a marca registrada de Prince. São nove canções que tomaram a forma de um dos compositores mais criativos e polêmicos da década de 80. A trilha sonora mantém um clima pop que vai de "Future" à magistral "Batdance", passando por "Electric Chair", "The Arms of Orion", "Partyman", "Vicki Waiting", "Trust", "Lemon Crush" e "Scandalous".

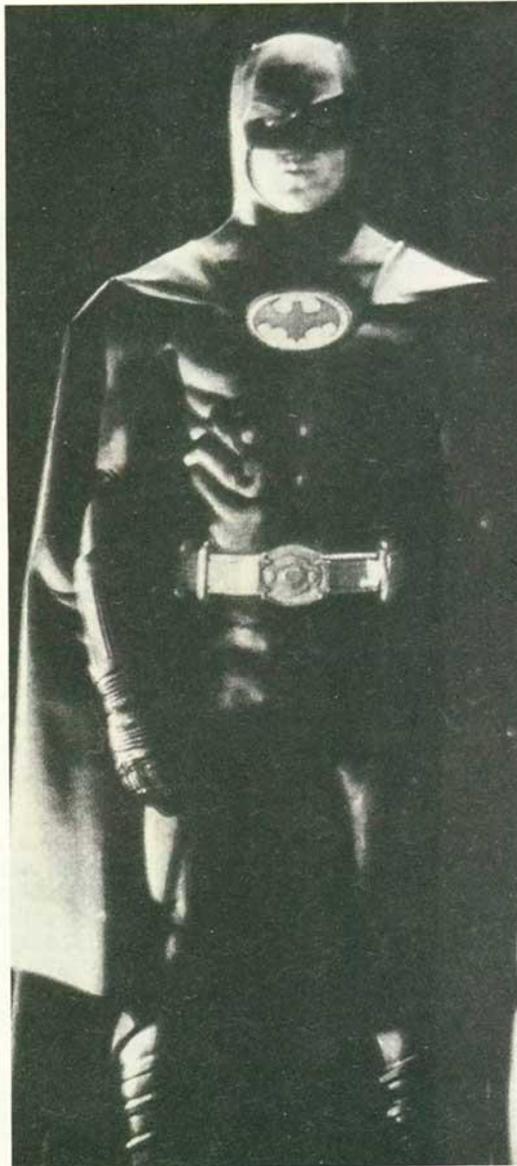
Prince, um dos mais produtivos compositores pop dos últimos tempos, recria, em cada canção, o clima dos quadrinhos levado à tela. São aventuras pop-futuristas, ao pé da letra. Gotham City, cidade do futuro, superpovoada, louca, mistura de concreto e metal, é um prato cheio. A modernidade a toda prova.

Muitas vezes, uma trilha sonora serve de complemento às imagens. No caso de **Batman**, o Batman de Prince, a trilha é um produto independente. Enfim, é um novo disco de Prince. Mais uma vez, super produzido. Com todos os requintes de um produto classe A. Quando Batman aterrizar no Brasil, seguramente vai trazer junto com as imagens, a surpresa de uma porção pop dos quadrinhos mais famosos do mundo.

Batman está fazendo 50 anos e depois de ganhar inúmeras revistas especiais luxuosas, livros e até teses de doutorado, fecha a festa com uma trilha grandiosa, digna dos grandes heróis. O mistério de **Batman**, o



Batman: toda a genialidade de Prince na trilha musical do filme



disco, está na própria figura de Prince. Um artista cheio de sofisticação. Quando você ouve, por exemplo, "Batdance", a canção que fecha o álbum, você tem a impressão de que Prince é o próprio Batman. A força, o vigor, o ritmo que ele dá ao tradicional refrão Batman ... Batman ... impressiona.

A trilha composta por Prince pode ser, ao mesmo tempo, uma ópera-funk, uma balada progressiva ou um disco-dance. Vale tudo quando o personagem principal é um herói. Ou melhor, quando os personagens principais são dois heróis: Batman e Prince.

Alberto Villas



Em foto assinada por Gerson Garcia, a bela Malka Borenstein Ariza. Recém formada na FAAP em Administração de Empresas, ela assessora seu pai Henrique Borenstein na Finacional e na Helbor Empreendimentos Imobiliários.

Novo valor

Liliane Maria Bonani de Almeida, mineira de nascimento mas mogiana por adoção, é uma das revelações no setor musical. Ela gravou para o LP "Que Rei Sou Eu" Internacional, a faixa "When I Fall In Love", com o nome artístico de Lil Constant, que já vem fazendo grande sucesso nas paradas. Filha de Emlia Bonani e Josias de Almeida, aos 24 anos, ela cursa a faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo e passa os fins de semana em Mogi, revendo seus familiares e amigos.

O mais rico

Em Nova Iorque, pelo terceiro ano consecutivo, a revista norte-americana Forbes elegeu o japonês Yoshiaki Tsutsumi, de 55 anos, o homem mais rico do mundo. A fortuna do diretor do grupo Seibu de Ferrovias é avaliada em pelo menos US\$ 15 bilhões. Mas seu império perdeu US\$ 3 bilhões em relação ao ano anterior. O segundo lugar ficou para outro japonês, Taikishiro Mori, de 85 anos, com cerca de US\$ 14 bilhões e 72 prédios comerciais em Tóquio. O americano San Walton vem a seguir, com US\$ 8,7 bilhões.

ato

Social

Destaque Fapija

Luiz Sérgio Barros Pereira foi um dos maiores premiados da Fapija neste ano. Seu garanhão Esquema AJ faturou nada menos que quatro troféus entre os animais da raça Mangalarga Marchador. Além de Luiz Sérgio, que começou há pouco tempo na criação de cavalos, quem mais comemorou foi a bela Lécia Maria Veloso Bertolini, sua esposa.



Camila Joki Cortez comemorou mais um aniversário, em agosto, junto com amigos e com seus pais, Rose e Carlos Roberto Cortez. Ela está na sexta série da Escola Monteiro Lobato e faz jazz com Ana Araújo.



SOLANGE NUNES

SOCIAL



Em família,
Ana Maria Bueno
Silva Pinheiro,
filha de Therezinha e
Ozires Silva,
comemorou seu
aniversário.
Parabéns.

Boa imagem

Vice-comodoro do late Clube de Santos, Angelo Martinelli Bonomi doou ao clube um sistema de recepção de imagens de TV via satélite, da Amplimatic. Ele comprou o sistema através do consórcio lançado e administrado por sua empresa, a Martinelli de Serviços, durante coquetel no Nacional Clube de São Paulo. A antena vai ser instalada na sub-sede em Angra dos Reis. Em tempo: também é do late Clube e tem seu lujoso barco em Angra o todo poderoso José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni da Globo.



JARBAS M. ROSA

Maria Aparecida Coelho tem 1,68 m de altura, 23 anos, e formou-se em Secretariado Executivo na Universidade de Taubaté (Unitau). Ela foi eleita Garota Embraer – empresa onde trabalha há três anos e que representará em solenidades, comemorações e eventos sociais. Seu hobby preferido é viajar.

Cuca fresca

Depois de queimar na fogueira das discussões em torno do problema ecológico da devastação da floresta amazônica, o pesquisador Alberto Setzer resolveu esfriar a cabeça. Pegou a filha e foi descansar passando merecidas férias em Bariloche. Ele já está de volta, novinho em folha, para cuidar com muita satisfação do programa de acompanhamento e fiscalização, através de satélites, das queimadas na Amazônia, São Paulo, outras regiões do país, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.



Anos a fio, Luiz Carlos Nassif dedicou-se a aperfeiçoar técnicas e sua arte de tornar as pessoas mais felizes com sua aparência. Após um bom tempo vindo algumas vezes por semana de São Paulo para atender pacientes no Vale, resolveu montar sua clínica de cirurgia plástica em Jacareí, onde passa a atender a partir deste mês.

Curtas & Boas

• Com programa que durou todo o mês de agosto, a Associação Esportiva São José comemorou seus 76 anos. Houve de tudo, de exposição histórica a torneios esportivos regionais, de sessões solenes e missa de ação de graças (no dia 15, data do aniversário) a jantares dançantes. Com música da orquestra Osmar Milani até Banda Champanhe e discoteca. Ponto para Roberto Celeste e sua diretoria.

• O deputado José de Castro Coimbra corre o Vale agitando suas bases políticas e, em São José dos Campos, recebeu título de cidadania. Articulações contra ele também não faltaram e havia grupos, no mesmo mês de agosto, preparando chumbo grosso.

• Em petit comité, a diretoria da Mecânica Pesa, em Taubaté, recebeu o cônsul geral da França, monsieur Ives Sailard, numa visita que foi muito além do caráter social. Dias depois, o cônsul estava inaugurando a exposição "O Espírito da Informática", na Estação Ciência, em São Paulo, junto com o presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Clodowaldo Pavan.

• Começou dia 14 a Primeira Festa da Cultura Popular do Vale e do Litoral, em Ubatuba. No programa, ainda, painel de poesia e um concurso de contos.

• Thereza e Tom Maia acabam de lançar o caderno "Vale do Paraíba - Vida Cultural" que produziram com o apoio do Centro Cultural Objetivo, Instituto de Estudos Valeparaibanos e Museu Frei Galvão. Na mesma ocasião, na bela Fazenda Boa Vista, foi aberta a exposição de pinturas da artista primitivista de Caçapava, Lenice. Como lá estavam vários dos principais interessados no tema, aproveitou-se para mais uma reunião dos dirigentes e agentes culturais da região.

• A Associação Comercial e Industrial de São José dos Campos comemorou seus 54 anos, em 18 de agosto, com jantar de confraternização no Tênis Clube.

• O ex-prefeito Sérgio Sobral de Oliveira, em todas as oportunidades que lhe surgem, procura incentivar a criação de um movimento destinado a estimular a promoção de eventos culturais em São José. "Só a cultura pode criar raízes do povo com sua cidade", diz ele.

• Neste mês das flores, Márcia Sampaio e José Henrique Righi, de Taubaté, comemoram suas Bodas de Prata com uma missa na Basílica Nacional de Aparecida e um jantar no restaurante Paturi, em Guaratinguetá.

• Dia 22 de setembro é dia de ouvir o genial Washington Olivetto falar de publicidade no Centro Empresarial Saul Vieira.

• Lançada em Guaratinguetá a revista "Tribos 90", do colunista social José Luiz de Souza. Aborda arte, cultura, moda e variedades e tem artigos de José Luiz Pasin, Thereza Maia, Eliane Carvalho e reflete a sociedade da região em suas 80 páginas.

• Nilson Dutra recebeu os parabéns de seus inúmeros amigos ao comemorar, em casa, o seu aniversário.

Burle Marx

Entre tantas boas comemorações, Burle Marx curtiu especialmente duas festas em homenagem aos 80 anos. A primeira, foi no seu ecológico Sítio Santo Antônio da Bica, em Guaratiba, no Rio de Janeiro. A segunda, no ambiente que ele próprio define como o seu melhor projeto paisagístico e o que melhor respeita as características de sua criação: a Fazenda de Clemente Fagundes Gomes, em Areias. A festa foi no domingo, 6 de agosto, e reuniu para um almoço a fina flor dos amigos de Burle Marx. Entre os 100 convidados, Leni Piquet Carneiro — tia do campeão mundial de Fórmula 1, Nelson Piquet — Sérgio Colombo, Raul de Souza Martins e o casal da sociedade joseense Cristina e Sérgio Borghoff.

Às origens

Mais uma vez, um enorme grupo de refinados engenheiros, muitos deles diretores e pesquisadores de grandes indústrias e laboratórios ou de elevadas funções no governo, se reúnem no Ita para contar causos, rever amigos, "cantar e chorar na cova dela". São os milhares de formados pelo Ita participando de mais um Sábado das Origens. A confraternização serve para reforçar os laços de amizade entres aqueles que estudaram nas mesmas turmas e ampliar o círculo de amigos. Desta vez, eles têm uma comemoração nova: vão ver a posse da nova diretoria da Rádio Universitária Santos Dumont que volta a funcionar em nova fase, com reconhecimento do Ministério das Comunicações, no âmbito do Ita e, breve, do CTA.



Cíntia Kerber e José Eduardo Alves Cardoso iam muito bem com sua sociedade na Plataforma Turismo, operando nas atividades tradicionais. Quando sentiram que a empresa precisava expandir-se, foram buscar alguém que entende tudo de viagens comerciais. Então convidaram Jorge Luiz Beluco, que trabalhava na Martinelli e é um dos melhores especialistas no ramo aqui no Vale do Paraíba. A Plataforma, agora, são esses da foto: José Eduardo, Cíntia e Jorge Luiz, e vai cada vez mais alto.

Caixa Alta

HÍPICA — Está lançada a Sociedade Hípica de Guaratinguetá, empreendimento de alto nível dos empresários Ruy Ottoni de Mesquita (foto), José Carlos de Almeida Caloi, José Luiz Paiva de Andrade, Alberico Moreira Querido Filho, Cícero Barbosa, Francisco de Vasconcelos Neto, Flávio Salama e Alberto Luiz Du-Plessis Filho. Trata-se de um clube social com uma hípica e fino loteamento residencial, numa área de oito alqueires na estrada da Colônia do Piaguá, a quatro quilômetros do centro de Guaratinguetá. O projeto prevê tudo em termos de conforto, salões de jogos e práticas esportivas e é assinado pelo arquiteto Manoel Carlos de Carvalho. São apenas 30 lotes distribuídos em dois alqueires com muito verde.

NOVAS INDÚSTRIAS — Por inspiração da delegacia do Ciesp e do empresário Angelo Albiero Filho, está tomando forma um loteamento industrial em Mogi das Cruzes. Vai utilizar um terreno de 600 mil metros quadrados, que pertencia à Companhia Siderúrgica de Mogi e foi adquirido por um grupo imobiliário paulistano. A idéia é aproveitar tudo que de bom surgiu em projetos como Alphaville e Tamboré Industrial.

MANGALARGA — Criador de cavalos de fina linhagem, Renato Duprat Filho (Unicor) foi reeleito presidente da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Mangalarga. Ele está agitando mais uma série de leilões da raça nos

mais finos ambientes do Mofarrej-Sheraton, Palace, Gallery e outros.

SHOPPING — O grupo D.F. Coelho, dirigido pelo empresário João Carlos Vieira Coelho, marcou para 9 de novembro a inauguração de seu Taubaté Shopping Center. A abertura do Guará Shopping será no início de 1990.

CASA NOVA — A MLF Engenharia inaugurou sua nova sede na avenida Miguel Variez, 289, em Caraguatatuba.

gação, conduites e outros usos. Ele já tem contratos de exportação de máquinas para fabricação de plásticos para empresas do México, Chile e Argentina.

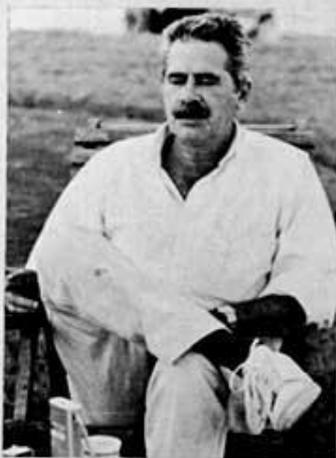
MINI-VAN — A General Motors está investindo, desde já, US\$ 170 milhões na produção de ferramental e nos projetos de engenharia do Mini-Van, planejado pela GMC para atender basicamente aos programas de exportação. Sinal de que a companhia já tem tudo bem de-

finido no rumo de uma decisão de produzir o novo carro de sete lugares no seu parque de São José dos Campos. Havia as alternativas de fazer o novo carro no México e na Coreia.

SIMÃO — A Indústria de Papel Simão investiu US\$ 12 milhões para modernizar uma de suas máquinas de papel, para permitir uma ampliação de 35% na produção desde agosto. Significa uma produção adicional de 2,5 mil toneladas por mês de papel off-set.

COMÉRCIO — Em fase final os testes do novo sistema de SPC/Prócheque do Sindicato do Comércio Varejista. Formado por linhas diretas lojas/computadores (telefones azuis), terminais de vídeo-textos e terminais de computador

nas grandes lojas, o sistema foi aprovado. Foram pioneiros os grandes supermercados, Piratininga e Planalto, a Savilar e a Muricy. A previsão do sindicato é que em 1990 todas as grandes lojas aposentem o telefone comum para fazer consultas de SPC e Prócheque. E de que fique obsoleto o novo sistema de Telecheque da Associação Comercial e Industrial.



Ruy Ottoni de Mesquita



Saulo Frossard

SOCICAM — A rodoviária de São José dos Campos está sob a administração da Socicam Administração, Projeto e Empreendimentos que, nos próximos dias, estará iniciando as obras de reformas do terminal. O contrato de cessão assinado com a Prefeitura tem duração de dez anos.

MACKPLAST — Saulo Frossard (foto), da Mackplast, em contatos de excelentes perspectivas para ampliar seu mercado de tubos plásticos para irri-



Pelo circuito social, a presença jovem e a beleza oriental de Sabrina Goto.

Em Campinas

Os queridos amigos Neicy Torquato e José Umberto Brocanelli fixaram residência em Campinas e não deixaram de me escrever enviando o novo endereço. Merci pela atenção.

Clube de Campo

O mês que passou foi dos mais movimentados para o Clube de Campo de Mogi das Cruzes, quando da comemoração de seus 32 anos de fundação. No início do mês, os diretores sociais José Machado Pinto e Luiz Carlos Marcatto comandaram no Privê a concorrida Noite de Karaokê, articulada por Nobuaki Hayashida, do NH Karaokê, que reuniu mais de uma centena de associados. No dia 26, aconteceu o grandioso Baile de Aniversário, abemolado pela Banda Fascinação, que sem sombra de dúvidas foi um verdadeiro sucesso.



Em noite de largos sorrisos a presença sempre notada e anotada de Ana Maria Terrencilla Correia.

Amaryldes

A bela Miss Mogi 85, Amaryldes Nóbrega dos Santos, que atualmente vive em Roma e trabalha no setor de moda, regressou ao Brasil, no mês passado, para trocar alianças na mão esquerda, com o italiano Walter Accoroni, durante cerimônia oficiada na Catedral de Santana. Como não poderia deixar de ser, ela estava radiante.

Embriagante

Atenção admiradores e colecionadores de bons vinhos: a Sotheby's, de Londres, vai levar a leilão, em março de 90, 13 mil garrafas do que havia de melhor na adega do czar Nicolau II. Quem quiser saborear um Sétimo Céu, de 1880, ou um Lágrima de Cristo, de 90 anos, que fique de olho, pois o leilão com certeza atrairá gente de todo o mundo.

Idade nova

A jovem Cinthya Hayashida comemorou idade nova, recebendo dezenas de parentes e amigos, em noite das mais animadas, realizada no NH Karaokê, e que teve como "piecé de resistance" pratos da cozinha japonesa. Uma noite das mais agradáveis, sem dúvida.

NGK, 30 anos

A NGK do Brasil comemorou os 30 anos de sua implantação em Mogi das Cruzes, incluindo na programação visitas às suas dependências abertas ao público, churrascos, shows e o Baile de Aniversário, no Clube Náutico Mogiano. De parabéns a diretoria e todos aqueles que através da empresa contribuem para o crescimento de nossa cidade.



Em cerimônia religiosa oficiada na Catedral de Santana, Edimara Cristina Miranda Andreucci e Antonio Carlos Najar Hermandes tornaram-se marido e mulher pela lei de Deus. No Clube Náutico Mogiano oficializaram sua união perante os homens e ofereceram recepção das mais bem cuidadas.



O simpático Serginho Vicco foi o anfitrião mais que perfeito na noite em que recebeu dezenas de amigos em sua casa da Rômulo de Brito, para comemorar mais um ano de vida. Com muito bom gosto e requinte, ele produziu o jantar, elogiadíssimo por todos os presentes. Figura humana das mais queridas, ele reuniu grupo dos mais homogêneos, que esticou noite adentro em papos bastante agradáveis.

João Pedrosa

Comerciante de antiguidades bem sucedido, ele se diz assustado com o consumo de drogas por jovens no país

Filho de uma tradicional família do Vale do Paraíba – seus pais são Diva e Alberto Pedrosa –, João Alberto Ferreira Pedrosa saiu de São José dos Campos aos 14 anos para estudar no Colégio São Luiz, em São Paulo, e depois formar-se em Administração de Empresas. “Não deu nada certo – lembra ele –, pois estudei apenas o primeiro ano na PUC e mudei para o curso de História, terminado em 82.” Hoje, tudo que ele administra é uma galeria de arte e antiguidades que funciona em sua própria casa, no Brooklin, em São Paulo.

É colaborador da **Folha de S. Paulo**, das revistas **AZ**, **Casa Vogue** e **Guia das Artes**, foi colunista social da revista **Gallery Around**, tem uma vida social das mais intensas e agora quer também escrever um livro, um romance sobre os anos 80 – no momento, ele está muito interessado na cultura em geral, decida-se muito à leitura, teatro e cinema, e procura analisar o contexto dessas atividades, buscando as fontes de produção cultural, sua inspiração e ideologia, na atualidade.

“Quanto eu entrei no mundo das artes – conta João Pedrosa – esperava encontrar harmonia e pessoas satisfeitas por trabalharem com o que gostam, mas não foi nada disso, eu encontrei mediocridade, inveja e pouco dinheiro.” Mais que isso, ainda, ele anda assustado com o mundo das drogas que vai envolvendo as pessoas e seus ambientes.

“Eu frequento altas festas paulistanas e vejo nelas que muita gente boa anda mergulhada na droga e na cocaína, principalmente. Eu acho que a coca é uma droga de burro que quer se sentir inteligente, ela acaba com o astral das pessoas, destrói a saúde e vida de todos”, lamenta.

– Depois desse verdadeiro libelo contra as drogas, vamos falar de coisas boas. Da sua trajetória, por exemplo. Como você entrou no negócio de antiguidades?

– Posso dizer, sem modéstia nenhuma, que eu fui o iniciador do **Revival** dos anos 50 no Brasil. Eu já tinha acompanhado, desde que me interessei pela arte, os dois **revivals** desses estilos modernos. No começo dos anos 70, o **revival** do Art Nouveau, e no final dos anos 70 a volta do Art-Déco. Partindo daí, comecei uma pesquisa sobre o que viria depois e descobri que despertava o interesse pelas coisas dos anos 50.

Na verdade, o que veio depois foi um



Pedrosa: início com estampas em camisetas

estilo imposto pela indústria americana que procurava tornar atraentes os seus produtos diante de um mercado consumidor que, na época, estava oprimido pela crise da Bolsa de Nova Iorque, pela Depressão dos Anos 30. Trata-se de um estilo denominado “Streamline”, ou estilo aerodinâmico, símbolo de modernidade, de busca do futuro, do sonho da eficiência e sua celebração.

Essa tendência está de volta, e seu retorno está novamente ligado ao desgaste cultural, à fragilidade das estruturas econômicas e sociais, à busca do mais moderno, da harmonia e da segurança. Assim, a conselho das agências de propaganda, os fabricantes começaram a absorver a tendência de “estetizar” os produtos exigindo essa obra dos ilustradores, designers gráficos, cenógrafos, vitrinistas. O “estilo aerodinâmico” está em vários objetos, está na cultura, nas artes, nos móveis, nos eletrodomésticos, nos objetos em geral, até nos veículos.

– João, quem compra seus objetos?

– Bem, logo que comecei a pesquisar, também fui comprando peças antes desses objetos entrarem no mercado, e, nas conversas, fui fazendo a cabeça de um círculo reduzido de pessoas que tinham visão desses fatos e poderiam colecionar esses objetos. Os que compram antiguidades de meu acervo são, portanto, empresários, artistas, arquitetos, decoradores, marchands e socialites, gente culta, muito bem informada, todos frequentadores de museus e galerias de arte. Gente como Adolfo Lerner, José Leonilson, José Carlos Thomé, Cláudio Elizabetsky, Rodolfo Scarpa, Maria Helena Lacerda, Luiza Spina e outros cujos nomes se pode encontrar nas mais finas colunas sociais do país.

– Os socialites estão todos nessa onda?

– Não, os socialites em geral querem os estilos da moda, não são colecionadores. E para quem não é colecionador os interesses são outros, para eles a moda continua sendo o Neo-clássico, estilo do século, uma espécie de enobrecimento instantâneo.

Esses objetos João Pedrosa costuma levar às suas exposições. Ele já fez quatro até agora e está com mais duas engatilhadas para o ano que vem. Por enquanto, ele sabe apenas que uma delas será num shopping de São Paulo (Iguatemi ou Morumbi) e a outra está acertada para a Galeria Milano. Em ambas a mesma atração: uma mostra da produção de mobiliário do arquiteto J.C. Sanine, inspirado também nos anos 50.

Nessas exposições, além de bons negócios, ele mostra o que foi aprendendo na sua trajetória profissional. Quem plantou nele o interesse pelas artes foi Aparício, da Galeria Rastro, na rua Augusta, onde fizeram juntos três exposições. Numa delas, João Pedrosa conheceu o marchand Benjamin Steiner que o convidou para trabalhar em sua loja de antiguidades – depois de alguns meses, mudou de emprego. Acabou Relações Públicas do Gallery e colunista social da revista **Gallery Around**, a convite de José Victor Oliva.

– Meu trabalho era convidar personalidades para irem jantar no Gallery e fazer fotos deles para a minha coluna. Era como se todas as pessoas interessantes que chegassem a São Paulo fossem correndo para o Gallery, que nesta época era um lugar super-elegante e super bonito. Na verdade, todos iam lá convidados por mim, e hoje, o Gallery é apenas uma grande empresa.

Dali, João Pedrosa criou o seu próprio negócio. Começou com “art-shirt”, estampando camisetas com obras de artistas famosos, interesse que evoluiu para arte em design, especializando-se em coisas dos anos 50. E nesse negócio, cada dia ele vê o valor de suas peças multiplicar, pois cada colecionador só se dispõe a vender quando consegue pela peça o dobro do preço que pagou.

– Eu já tive peças vendidas por US\$ 14 mil para o Museu de Amsterdã e sei que essas peças hoje valem US\$ 50 mil. E podem estar certos de que peças de antiguidade vão valorizar sempre, pois há muito mais gente querendo comprar do que gente querendo vender. Afinal, tudo deste século já foi dissecado. Só há novidade mesmo nas coisas antigas e só alguns podem descobri-las.

Entrevista a Solange Nunes



Fernandez: agora, com um objetivo

Queixoso por se tornar mais uma vítima da falta de incentivo ao esporte mogiano, o corredor **Rogério Fernandez**, o "Formiga", 17 anos, acaba de trocar as pistas de Mogi das Cruzes pelas de São José dos Campos. Desde que se mudou para o Vale, há quatro meses, Fernandez garante que tudo melhorou: suas marcas nos 100, 200 e 400 metros evoluíram e ele até conseguiu dois patrocinadores, diga-se de passagem, mogianos – a Serralheria Niquinho e Luiz Antônio Imóveis, ambos do distrito de Braz Cubas. Fernandez, que corre há três anos, iniciou sua carreira na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) e já obteve bons resultados desde então, como num torneio em Taubaté,



Namura: agenda completa

onde conseguiu o terceiro lugar nos 100 metros, quarto nos 400 e primeiro no revezamento 4x100. Com sensível melhora também no condicionamento físico, Fernandez disputa desde o mês passado uma série de competições no Paraná e tem como plano uma possível viagem ao exterior. "Agora tenho um objetivo", alivia-se.

Ana Carolina Coimbra dos Santos seria uma típica garotinha de 9 anos, que gosta de bonecas e de pular corda, ver televisão e jogar vôlei, não fosse a coleção que ela guarda com muito cuidado em sua casa, em Jacareí. São 16 medalhas de ouro e quatro de prata, troféus e prêmios conquistados pela "garotinha" que ganhou este ano o título de campeã paulista de judô, categoria mirim meio-leve. Um título que valeu como passaporte para o Campeonato Brasileiro de Judô, neste segundo semestre. Aluna da 4ª série do 1º grau, Ana Carolina treina todas as segundas, quartas e sextas-feiras durante duas horas com o professor Paulo Graça e quer seguir carreira, já acostumada a vencer – em junho, por exemplo, foi primeira colocada no Campeonato Regional de Judô do Vale do Paraíba, realizado em Taubaté. A pequena campeã, fã incondicional da Xuxa, sonha, entretanto, ir bem mais longe – quer disputar, o mais breve possível, as Olimpíadas e ser "faixa preta".

O mogiano **Marco Aurélio Namura**, 36 anos, tem bons motivos para comemorar. Afinal, ele vem se destacando como artista plástico tanto em Mogi como no Exterior. Como professor da Escola Internacional de Pintura sobre Porcelana, sua especialidade, Namura já visitou boa parte da Europa e dos Estados Unidos ministrando cursos. No ano que vem, segue para a Itália. "Todos os anos temos aulas marcadas em alguma parte do mundo", conta. Mas quem quiser ter a chance de conhecer seus trabalhos aqui mesmo, pode visitar sua exposição de telas na Galeria Parada, no dia 27. Lá, estarão expostos 35 trabalhos em óleo sobre tela tendo como tema central paisagens campestres e casarios. Querem mais? Namura ainda encontra tempo para ministrar aulas de Topografia na faculdade de Engenharia da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), já que também é enge-

neiro e conta com o patrocínio da UMC para seus trabalhos. Haja talento.

Mário Sérgio Machado Torquato, 24 anos, formado em Educação Física pela USP há um ano, instalou em agosto, em São José dos Campos, a Gráfico Tecnologia em Avaliação Física. Sua empresa traz para a região a última coqueluche nas academias de ginástica da capital: um "check-up" físico que indica os exercícios permitidos e proibidos para cada pessoa, a porcentagem ideal de gordura no corpo, dietas alimentares e possíveis problemas cardiovasculares. O programa, to-



Ana Carolina: judô e bonecas



Rogério, Alberto, João, Mário e José: por computador

talmente computadorizado, foi desenvolvido por Mário Sérgio com o auxílio dos sócios João Fernando Laureto Gagliardi, Rogério José de Azevedo Meirelles e José Roberto Fregnani Gonçalves, todos professores de Educação Física. A Gráfico dará consultoria às academias instalando seu programa, ensinando professores e fazendo avaliação física dos alunos. "Atualmente muitas academias têm problema de evasão de alunos pela não adequação de cada um aos exercícios físicos. Com a avaliação física computadorizada é possível direcioná-los dentro dos objetivos que cada um quer alcançar", explica Mário Sérgio. ●

MOGI NÃO ENVELHECE



PORQUE SE RENOVA SEMPRE

 **HÉLIO
BORENSTEIN S/A.**

 **FINACIONAL**

 **MARBOR
ADMINISTRAÇÃO E
NEGÓCIOS**

 **HELBOR
EMPREENDIMENTOS
IMOBILIÁRIOS**

ELETRÔNICA SIDERAL

Serviços em
Vídeo-Cassete
TV à cores, som
e vídeo-game
Orçamento
gratuito
Técnicos treinados
na fábrica
Seis meses
de garantia



ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Atendimento
à domicílio
Estacionamento
próprio
Cortesia e
atendimento
perfeito
Que já são
tradicionais
na Sideral.

R. Flaviano de Mello, 313 - Centro - Fone: (011) 469-5244 - M. Cruzes - S.P.



Ferolla: contra a pressão das potências

CTA

Ordem de batalha

Ferolla volta disposto a ampliar prestígio do órgão

O mundo deu muitas voltas desde aquela tarde em que, fechados no auditório da Direção Geral numa reunião de oficiais e generais, dois coronéis da Força Aérea Brasileira desfiaram um rosário de reclamações diante do então ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos. Como o encontro terminou sem alternativas para salvar o Centro Técnico Aeroespacial (CTA) da crise em que estava mergulhado, os dois coronéis acabaram aconselhando que o último a "abandonar o barco" apagassem a luz.

Pois um daqueles coronéis está de volta ao CTA, onde passou grande parte da sua vida militar antes de ser designado, por uma espécie de punição, para acompanhar o desenvolvimento do Programa AMX, na Itália. Aquele coronel é hoje o brigadeiro Sérgio Xavier Ferolla, engenheiro eletrônico, incansável lutador pela tecnologia nacional, agora diretor geral do CTA.

Ele assumiu o cargo interinamente durante uma solenidade realizada na praça de esportes do CTA na tarde de 21 de agosto, em substituição ao major brigadeiro Luiz Carlos Boavista Accioly, que foi comissionado para a Diretoria de Material Bélico da Aeronáutica. Ferolla já teve uma passagem pela vice-direção do CTA por pouco tempo, antes de ser designado para a função de assistente da Aeronáutica no Comando da Escola Superior de Guerra.

Sua última função foi de sub-diretor de Operação da Diretoria de Eletrônica e Proteção ao Voo e, na carreira, somou 4,5 mil horas de voo. Volta para o CTA como o primeiro lugar na fila dos oficiais generais que aguardam promoção ao posto de major brigadeiro e, certamente, com a garantia de que será promovido no próximo dia 22 de outubro. Pois, segundo as infor-

CONFIABILIDADE É ISSO!



Flagrante da assinatura de contrato de obras, entre o Sr. Dante Melani (Construtora Galpão) e NÉGA Estacas.



néga-estacas

"SISTEMA STRAUSS"

469-2924

R. Gertrudes Conceição Cabral, 223 - M.Cruzes - Fone: 469-2924



Accioly: falta pessoal especializado

mações que circulam nos bastidores da Fab, todo o esquema de promoções para Ferolla está definido. Esse acerto, em geral, envolve os princípios de antiguidade no posto e de merecimento, mas num ano eleitoral não há como evitar a influência política nas promoções – afinal, elas definem o titular e a linha de ação do próximo Ministério da Aeronáutica, com presidente novo.

Como ocorreu em outros casos, o brigadeiro Ferolla deve ser promovido em outubro e confirmado no cargo de diretor do CTA. O que justifica as conversas e os planos revelados por ele em encontros com amigos. Ferolla sente que o CTA precisa resgatar o prestígio e a boa imagem pública conquistada através do desenvolvimento de projetos tecnologicamente avançados e inovações que, muitas vezes, colocaram o país no rol das nações desenvolvidas.

O CTA que Ferolla encontrou, no entanto, não é muito diferente daquele que foi mostrado, há anos, ao ministro Délio Jardim de Mattos. Segundo o ex-diretor, major brigadeiro Accioly, "há uma grave deficiência de pessoal provocada pela defasagem salarial e sérias dificuldades orçamentárias que interferem no andamento de alguns programas". Ele calcula que o CTA tem uma defasagem de 300 pessoas em seu corpo técnico e, da forma como está, não há condições de assumir responsabilidade por qualquer outro projeto de porte.

Em alguns departamentos, a situação é mais crítica, pois as equipes ficaram tão reduzidas que não é possível sequer criar um pequeno projeto. Outras pesquisas não podem avançar pela falta de pessoal especializado, basicamente porque a defasagem salarial no CTA subiu para além dos 40% em relação à média salarial das empresas de grande porte na região. Esse é um problema estrutural que o brigadeiro Ferolla pretende negociar com seus superiores, bem como a questão orçamentária. E ele parte para essas batalhas com o apoio do funcionalismo e do pessoal militar com quem conviveu no CTA e que nele aprendeu a confiar como amigo de todos e profissional competente. ●

Edifício Via Veneto

Centro - Suzano

Espaço, conforto, emoção, nobreza, requinte.

Tudo em 500 ms². de área construída, assim distribuídos:

ESPAÇO SOCIAL: 100 ms². de salas de jantar, estar, escritório

Para os dias de frio: aquecimento central e lareira

acrescentando calor e conforto

ESPAÇO ÍNTIMO: 5 dormitórios (2 suítes com closet e hidromassagem),

sala para TV, e piano com terraço

ESPAÇO DE SERVIÇO: copa ou sala de almoço, cozinha, despensa,

lavanderia e dependência para 2 empregadas,

garagem para 3 autos, salão de festas, jogos, ampla área de lazer.

Visitas com hora marcada pelo telefone:

(011) 477-4007 ou 477-3882 (chaves no ato)



R. Gal. Francisco Glicério, 36 - Centro - Suzano

Creci J4998



SEGURANÇA

CONFIABILIDADE

APTOS. A PREÇO DE CUSTO REAL EXATO

LOCAÇÃO COM GARANTIA DO ALUGUEL

DEPTO. JURÍDICO PRÓPRIO

**R. GAL. FRANCISCO GLICÉRIO, 36
SUZANO - CENTRO
FONES: 477-4007/477-3882**

O túnel do tempo

Inpe terá supercomputador para as previsões de tempo e vai recuperar um atraso de 30 anos na meteorologia

O Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) vai definir na primeira semana de outubro o modelo e fabricante do supercomputador que será instalado na cidade de Cachoeira Paulista, peça fundamental para permitir o funcionamento do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cpetec). A expectativa é de que haja quatro concorrentes, sendo dois do Japão (NEC e Fujitsu) e outros dois dos Estados Unidos (Cray e IBM).

Será o maior computador instalado no Brasil, com capacidade de realizar 235 milhões de operações por segundo (megaflops), o que significa que será dez mil vezes mais rápido que um modelo IBM/PC, ou dez vezes mais veloz que o maior equipamento instalado no Brasil atualmente, o IBM 3090/200, da Petrobrás. Junto com outros componentes do sistema — computador de arquivo, minicomputadores, estações de trabalho, programas, treinamento e manutenção —, o pacote pre-

visto na concorrência internacional aberta em 6 de agosto custará em torno de US\$ 20 milhões.

Com esse sistema computacional, o Cpetec poderá receber informações meteorológicas de todo o mundo e, através de um gigantesco programa de 350 mil linhas de códigos, fazer previsões de tempo com até oito dias de antecedência. Essas previsões, segundo calcula o diretor de Meteorologia do Inpe, Luiz Gylvan Meira Filho, terão grau de acerto médio em torno de 60% para prazos de até cinco ou seis dias de antecedência — quanto menor o prazo, maior o grau de acerto.

30 ANOS DE ATRASO — Gylvan Meira Filho calcula ainda que o Centro poderá estar funcionando no início de 1991, devendo ficar por cerca de quatro meses em caráter experimental. Na fase operacional, ele vai produzir perto de mil cartas meteorológicas a serem utilizadas por milhares de entidades, órgãos de governo, operadores

de aviação civil e da Marinha, agricultores, empresas e centros de pesquisa, além de serem distribuídas para outros centros de previsão de tempo nos Estados Unidos, Europa, Japão, Austrália, Índia e outros países.

Com o supercomputador em funcionamento será possível fazer previsões de tempo com até dois dias de antecedência para todos os pontos do território brasileiro distantes 60 quilômetros entre si. Trata-se de informação de vital importância para a aviação, para a Marinha e para os sistemas de defesa civil que ficariam, com isso, sabendo da aproximação de grandes tempestades, ocorrências de chuvas de granizo e outros fenômenos de repercussão social ou econômica.

Para se ter uma idéia, a previsão de tempo feita hoje no Brasil vale apenas para 24 horas, tem margem de acerto abaixo dos 60% e é válida para pontos com mil quilômetros de distância entre si. Em outras palavras, a previsão atual supõe que as cidades de São Paulo e Curitiba têm as mesmas condições de tempo, enquanto a futura previsão estabelecerá as diferenças, por exemplo, entre as condições de tempo dos municípios de Mogi das Cruzes e São José dos Campos. Significa recuperar um atraso de pelo menos 30 anos que o Brasil tem nesse setor em relação aos países mais desenvolvidos.

PARABÊNS MOGI!

Temos muito orgulho por representarmos, com nosso trabalho, uma pequena parcela do seu crescimento

CONCESSIONÁRIAS
FIAT
Automóveis s.a.

VP Veículos

R. Tte. Manoel Alves dos Anjos, 222
M. Cruzes — Fone: (011) 469-4005

SUZANO E REGIÃO EM CONSTANTE CRESCIMENTO

Em vez de simplesmente elaborar uma mensagem e parabenizar o município de Mogi das Cruzes por ocasião da passagem de seu 429º aniversário de fundação, a atual administração de Suzano decidiu-se por elaborar um trabalho mais detalhado, que mostrasse para toda a população o grande avanço que a região vem apresentando nos últimos meses.

O município de Suzano é, na região, o principal exemplo desse crescimento. Em pouco mais de sete meses de novo governo, a cidade deu um enorme salto, deixando para trás uma situação caótica e repleta de problemas.

Para se ter uma idéia, o atual prefeito de Suzano, Estevam Galvão de Oliveira, assumiu a Prefeitura, em janeiro passado, com uma dívida estimada em Cz\$ 3 milhões e ainda com a necessidade de investir mais Cz\$ 4 milhões na recuperação e compra de novo maquinário para iniciar as primeiras obras. Isto é, somando-se a dívida e o investimento chegavasse à casa dos Cz\$ 7 milhões, nada menos que um terço da previsão orçamentária para este ano.

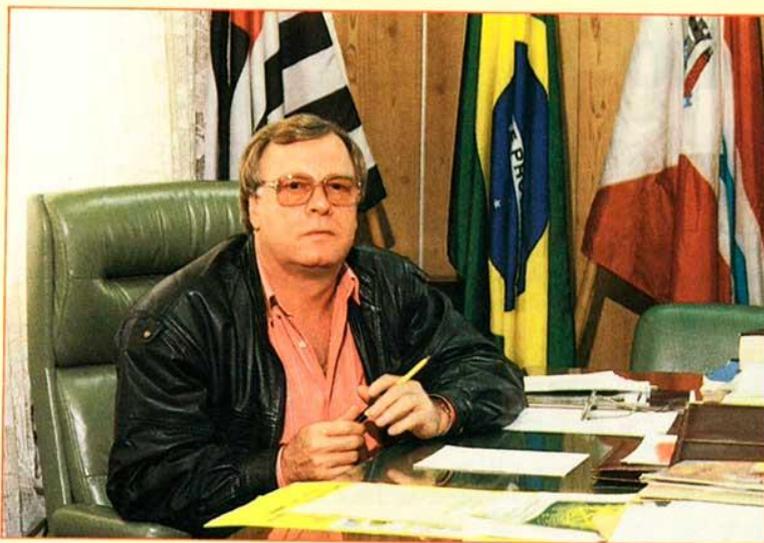
Além disso, a Prefeitura estava marcada por uma série de irregularidades, como o desaparecimento de vários materiais e a contratação excessiva de funcionários, fatos que a levaram a ser destaque no Jornal Nacional, da Globo.

No entanto, apesar dos inúmeros problemas, a atual administração de Suzano conseguiu recuperar a cidade e iniciar em curto espaço de tempo um programa de crescimento jamais visto. O prefeito Estevam Galvão afirma que Suzano é um dos municípios que tem mais obras em andamento no Estado.

Entre elas, destacam-se a construção de dois importantes hospitais nos bairros de Casa Branca e Boa Vista; três ambulatórios; conclusão do Terminal Rodoviário; pavimentação completa do Jardim Suzano e também da avenida Major Pinheiro

Froes; além da duplicação da avenida Boa Vista, que liga o Sesc à Suzano-Dutra, e das obras de saneamento básico e iluminação pública. "Não existe hoje em Suzano um bairro que ainda não tenha recebido melhoramento público", atesta, lembrando que os trabalhos não param por aí e que um administrador tem de ter uma visão ampla, para ter condições de cuidar das prioridades da comunidade.

E um dos pontos mais importantes deste trabalho é que a grande maioria das obras está sendo executada com recursos do próprio município. "Somos movidos por



um ideal e por isso desenvolvemos um trabalho sério, honesto, respeitando o dinheiro público. E é nossa obrigação aplicar esse dinheiro de maneira correta para que o retornemos à sociedade em benefícios e obras de interesse da coletividade e não beneficiando um grupo restrito de pessoas", avalia Estevam.

DISTRITO INDUSTRIAL – O prefeito de Suzano também conseguiu nesses sete meses de governo iniciar a implantação de três distritos industriais na cidade, favorecendo a instalação de novas empresas.

Trata-se de um programa que visa incentivar a vinda de mais indústrias para Suzano, ampliando assim seu pólo industrial e proporcionando muitos benefícios para a população.

Com isso, o prefeito pretende aumentar a arrecadação de impostos, principalmente ICM, fazendo com que a cidade retorne à posição de destaque que

ocupava há sete anos, quando se situava entre as que mais arrecadava ICM em todo o Estado, inclusive superando Mogi das Cruzes.

"É muito importante dar incentivos às indústrias para que elas venham para Suzano. Aliás, é isto que estamos tentando fazer, afim de aumentar a arrecadação de impostos e favorecer inclusive as próximas administrações", garante Estevam.

Outro ponto importante a ser destacado refere-se às promoções que elevaram a cidade em níveis nacional e internacional, como o Mundialito de Tênis de Mesa que

Suzano sediou e que proporcionou a vinda de atletas de vários países. Aliás, de um modo geral, a atual administração sempre viu com bons olhos o esporte, não medindo esforços para incentivá-lo.

Mas tudo isto só é possível através de um trabalho sério, que vá de encontro aos interesses da população, e pela mobilização de políticos de força, que conseguem benefícios para a região. Agora, com esse intercâmbio regional entre os prefeitos, a luta é para

conseguir do governo do Estado a duplicação da rodovia SP-66 (antiga São Paulo-Rio), obra que beneficiaria toda a região, favorecendo em muito o escoamento das produções agrícola e industrial.

Por isso, no aniversário de Mogi das Cruzes, a Prefeitura de Suzano deseja à cidade os votos de muitas felicidades e se coloca à disposição para que ambas desenvolvam um trabalho sério, em conjunto, que consiga resultados altamente positivos e que promovam a nossa região como um todo. Parabéns Mogi das Cruzes!



SÉRGIO CASTRO

Frederico Ferrero, o Kiko: cuidados com o kart, a escola e o futuro.

KART

Dá-lhe Kiko

Frederico Ferrero, 14 anos, é a principal revelação de um esporte caro que reúne crianças, jovens e adultos

Com um tipo esguio e descontraído, um metro e meio de altura, 40 quilos e vivos olhos azuis, o garoto Frederico Luiz Ferrero, de 14 anos, gosta de cultivar um certo jeito de galã de cinema. Kiko mora há nove anos em São José dos Campos e começa a ser celebrado por um fã clube formado, em primeiro lugar, pelo pai, Luiz, a mãe Abgail e as irmãs Ana e Silvia, que formam sua equipe e lideram uma torcida aguerrida. Todos torcem para que ele continue chegando em primeiro lugar e para que ele possa seguir a mesma estrada que levou um seleto grupo de brasileiros, como Fittipaldi, Piquet, Senna e Gugelmin, ao mundo fantástico da Fórmula 1.

Kiko é a revelação de um campeonato que é marginal – o Campeonato de Kart de São José dos Campos – um conjunto de dez provas que não são reconhecidas pela Federação Paulista de Automobilismo, não costuma ter grande apoio da administração municipal e ainda não conseguiu atrair o interesse de empresários-patrocinadores na região. Mas apesar das dificuldades e dos riscos, o kart tem se revelado uma fonte inesgotável de sonhos de garotos e seus

pais imaginando entrar, um dia, no Circo da Fórmula 1, dos 300 quilômetros por hora, dos milhões de dólares, iates, aviões, mulheres deslumbrantes, aviões, o sucesso ao alcance das mãos.

Kiko começou a correr em 1987 na categoria Estreante e já disputa provas mais rápidas em Interlagos, preparando-se para chegar à Fórmula Ford depois dos 17 anos e profissionalizar-se. Ele é um dos 60 ou 70 pilotos que participam quase todos os sábados de treinos e, uma vez por mês, das provas realizadas na pista de 700 metros construída no Centro Comunitário João Paulo I, no bairro Alto da Ponte. Naqueles pequenos carros de um metro e meio de comprimento por um metro de largura, corre-se 30 voltas nas categorias principais e 15 voltas nas categorias juniores, sempre atrás de um sonho ou de um hobby.

MERGULHO NO LAGO – Não é uma forma barata de lazer, e além de caixa alta é preciso ter coração forte, pois no kart busca-se emoção sentado num carrinho que custa hoje quase NCz\$ 6 mil, montado em chassi tubular feito de aço, cromo e mobilidênio. E voa-se a exíguos dois centímetros

do chão, em pista como a de São José dos Campos, onde as condições de segurança não são das melhores, a conservação é precária e faltam áreas de escape para os carros que perdem a direção.

É certo que a pista joseense é uma das mais bonitas do Estado de São Paulo, mas ela precisa urgentemente de reparos, de ampliação para oito metros de largura, maior proteção para os kartistas, boxes cobertos para carros e equipes e outros detalhes. É um belo kartódromo, com suas áreas verdes e seus gramados, mas cujas árvores oferecem o grave risco de colisões e onde os corredores mais afoitos ou os karts defeituosos costumam levar os pilotos a mergulhar direto no lago – felizmente, ou infelizmente, há uma cerca alambrada

separando a pista de dois rios, o Buquira e o Paraibuna, que circundam o kartódromo.

Os riscos atingem, inclusive, os realizadores desses campeonatos – tanto o de São José dos Campos, como o de Guaratinguetá – pois não sendo reconhecidos pela Federação Paulista de Automobilismo, essas provas observam apenas condições mínimas de segurança proporcionadas por uma barreira de pneus com um metro de altura. Assim, como as pistas não foram vistoriadas pela Federação, os campeonatos tornam-se marginais e seus organizadores responsáveis únicos pela segurança das provas e pelos eventuais acidentes ocorridos. E até pelos tumultos passageiros provocados por pilotos de sangue quente, prejudicados por uma fechada, ou mesmo uma manobra mal realizada.

ESCOLA DE CAMPEÕES – Ali misturam-se “pés de chumbo”, velocistas ousados e corajosos, e os “braços duros”, aqueles que não dominam bem essas máquinas de 18 HP (ou 125 cilindradas cúbicas), cujos motores chegam a 12 mil rotações por minuto. O kart tem uma direção dura, porque não tem suspensão, nem câmbio, apenas acelerador e freio a disco no eixo traseiro, e não tem caixa de direção – as rodas são acionadas diretamente. Dessa forma, uma curva mal feita pode parar o motor, pois o kart não tem embreagem e exige que o piloto, literalmente, o segure no braço.

A maioria dos pilotos tem entre 19 e 50 anos de idade; são profissionais liberais, comerciantes, pequenos e médios empresá-

PARABÉNS

M

**429
ANOS**

GI

P



Á



**Somos elo da mesma
corrente, que nos irmana
na luta e no trabalho
em benefício de todos**

**Pref. Municipal de Poá
Estância Hidromineral**

rios, executivos de grandes indústrias, que chegam a gastar NCz\$ 3 mil por mês para manter as máquinas em condições de competir aqui, em Guaratinguetá e em Interlagos. Entre eles está Edson Roberto Gomes, 32 anos, um dos seis maiores distribuidores de bebidas Antártica em São Paulo, que não perde uma prova em São José. "Eu adoro a cidade e pratico aqui um hobby que descobri aos 16 anos e ao qual não pude me dedicar como gostaria, por falta de dinheiro e de patrocinadores", explica.

Hoje, dono de um faturamento de NCz\$ 2 milhões por mês em sua empresa instalada na Vila Matilde, em São Paulo, Edson Gomes sonha em patrocinar seu filho no futuro - ele está com um ano e meio de idade - e dar-lhe todo o apoio para aventurar-se no mundo da velocidade, caso o menino escolha esse caminho. Ele e a esposa Magaly acalentam sonhos assim, mesmo depois dos sustos que passaram com vários capotamentos de seu kart, o mais grave no ano passado, em São José.

Para o economista e analista de sistemas Luis Ruffa Júnior, 38 anos, esse passatempo proporciona a aventura de juntar velocidade e técnica. Ele é um dos diretores do Grupo de Kart de São José dos Campos e disputa campeonatos na categoria Seniors, "aquela em que pilotos, mecânicos e torcedores chegam na pista fumando e levando seus copos de cerveja, todo mundo se con-

fraterniza e festeja a vitória e a derrota, apenas como um episódio a mais em suas amizades."

Esses mesmos pilotos estão lutando para que a Prefeitura realize no kartódromo joesense as obras necessárias à sua aprovação após vitórias de Federação Paulista, pois isso poderia incluir a pista, que eles tanto

conhecem, no calendário oficial de competições. "Mais que isso, as reformas serviriam para reduzir os gastos com a manutenção dos karts, pois as rachaduras, buracos e elevações na pista causam vários problemas mecânicos", diz o diretor técnico do grupo, Manuel Alves Fernandes.

Fernandes, junto com outro diretor do ▶

As regras do jogo

O kartódromo de São José dos Campos, inaugurado em 1986, já tem algumas estrelas, como o campeão dos Estreantes, Kiko Ferrero, e o bi-campeão da categoria B, Ismar Canal Filho, de 27 anos. Ismar, no entanto, está sendo derrotado pela falta de patrocínio e, neste ano, conseguiu disputar apenas uma das 6 etapas já realizadas. O primeiro campeão, na estréia do kartódromo com categoria única, foi o joesense Valter Geraldini Santos.

Dois dos campeões nessa pista são de São Paulo - Reginaldo Foschini na categoria Estreantes de 1987, e Maurício Danhesi, na categoria Novatos, no ano passado. O recordista da pista é Lionardo Dragone, de São Paulo, que foi vice-campeão em 1987 e completou o per-

curso em 34 segundos e 77 centésimos. A maioria dos pilotos faz os 700 metros em menos de 36 segundos e os novatos, em geral, ficam um pouco acima dos 37 segundos.

Pontuação - Os dez primeiros colocados marcam ponto, começando de 11 pontos até um ponto para o último lugar. O pole position tem um ponto extra.

Pesagem - Na tomada de tempos para estabelecer o grid e no término das provas, os conjuntos são pesados devendo ficar no limite de 120 quilos na categoria Júnior, 150 quilos para a Senior e 135 quilos para as demais.

Combustível - Álcool misturado com óleo lubrificante M 50 na proporção de 24 litros de álcool e um de óleo. O tanque de um kart tem uma capacidade de 10 litros e é praticamente consumido em uma corrida no kartódromo de São José dos Campos (30 voltas, 21 kms).

CONFIANÇA

TRANQUILIDADE



OPERAMOS
EM TODOS
OS RAMOS
DE SEGUROS

O SEGURO SÓ É
CARO, ANTES DA
OCORRÊNCIA DO
SINISTRO

KS (011)
469-4077

MOGISEG S/C LTDA.
Corretagem e
Administração de
Seguros

Rua Princesa Isabel de Bragança, 338.
Mogi das Cruzes - SP.

Tudo azul em Mogi!

Blue Life

CUIDANDO DA SAÚDE
DE SUA GENTE,
ESTAMOS PARTICIPANDO
DA ALEGRIA DESTA CIDADE
AMIGA E HOSPITALEIRA

Blue Life **MOGI**

SÃO PAULO • RIO • BRASÍLIA • RIBEIRÃO PRETO • GRANDE ABC
MOGI DAS CRUZES: RUA FRANCISCO FRANCO, 291
TEL.: (011) 460-1532

SAÚDE MOGI!
429 ANOS



hospital ipiranga

R. Ipiranga, 797 - Fone: (011) 469-2211 - M. Cruzes



Ismar: bi-campeão sem patrocínio

Grupo de Kart, Luiz Ruffa Júnior, já ouviu várias promessas, inclusive do vice-prefeito Pedro Yves Simão, e espera que as obras se realizem ainda este ano, a tempo de lutar pelo reconhecimento da Federação. E dessa

forma poder cumprir o papel da Fórmula Kart na formação de novos campeões – como Nelson Piquet, Emerson Fittipaldi, Ayrton Senna, Maurício Gugelmin e tantos outros. Para isso, os campeonatos da

região obedecem os mesmos critérios dos torneios oficiais, prevendo-se a promoção dos seis primeiros colocados em cada categoria à categoria superior. A procura é tão grande que, às vezes, é preciso dividir as provas em baterias em cada modalidade, com pilotos da região, de São Paulo e do Grande ABC.

PERCURSO DOS GÊNIOS – A escola de campeões começa na categoria Iniciantes, para várias faixas de idade. Os Júniores devem ter de oito a 14 anos e o conjunto kart-piloto deve pesar 120 quilos. Em Interlagos, por exemplo, eles podem passar antes por uma escolinha de pilotagem para aprenderem as noções básicas transmitidas por profissionais, técnicos ou seus próprios pais. Aos 15 anos, eles ingressam na categoria Novatos, adquirem sua licença de concorrente e são divididos nas cate-

gorias A ou B, conforme a sua habilidade – aqui o conjunto kart-piloto deve pesar, no máximo, 135 quilos.

Até agora, não há qualquer piloto da categoria A no Vale do Paraíba, e isso até es-

O preço da fama

Mais que coragem e espírito de aventura, quem se dispõe a praticar o kartismo como hobby precisa muito dinheiro. A começar pelo kart, que, sendo usado pode ser encontrado a preços entre 2 mil e 4 mil cruzados novos. O principal fabricante no país, que detém 90% do mercado, é a Mecânica RioMar Indústria e Comércio que, em julho, vendia um modelo 89 por NCz\$ 4,268,00 – os preços são reajustados com base nos índices que o governo determina para a indústria automobilística.

A manutenção dos motores, segundo recomenda a RioMar, deve ser feita mensalmente, ou após cada corrida, com

revisão geral e preparação especial para fazer do kart um "canhão" capaz de andar sempre na frente. As oficinas especializadas para isso estão em Interlagos e cobram, em média, 550 cruzados novos por revisão geral. Mais: o jogo de pneus deve ser substituído a cada corrida e não sai por menos de 140 cruzados novos.

O chefe de vendas da RioMar, Ricardo Tadeu de Carvalho, recomenda que os pilotos troquem a cada ano seu kart para aproveitar as vantagens de melhoramentos incluídos em cada modelo, anualmente – pequenos detalhes do chassi, do quadro ou dos freios podem significar segundos preciosos numa corrida, ou economias essenciais num plano de manutenção.

Com tantos gastos pela frente, a melhor alternativa é correr atrás de patrocinadores

que se disponham a investir numa equipe em troca de publicidade. Afinal, não custa pouco vestir um piloto de kart da forma adequada. Luvas, sapatilhas, macacão e capacete, de fabricação nacional, não ficam por menos de 800 cruzados novos. Esses equipamentos e seus congêneres importados, podem ser encontrados em São Paulo, na loja Meg Star. Lá, um balaclava (gorro) custa 60 dólares e um par de luvas fica em 100 dólares – ambos feitos com materiais especiais anti-chamas.

Endereços – Fabricante: RioMar – rua Dr. Luiz Arrobas Martins, 351 – Vila Guilherme, São Paulo. Fone: 522-0266. Equipamentos: Meg Star – avenida Jangadeiro, 759 – Interlagos, São Paulo. Fone: 548-4980.

ESTAMPARIA

Tropical

MALHARIA

CAMISETAS PROMOCIONAIS
UNIFORMES ESCOLARES
ATACADO E VAREJO.

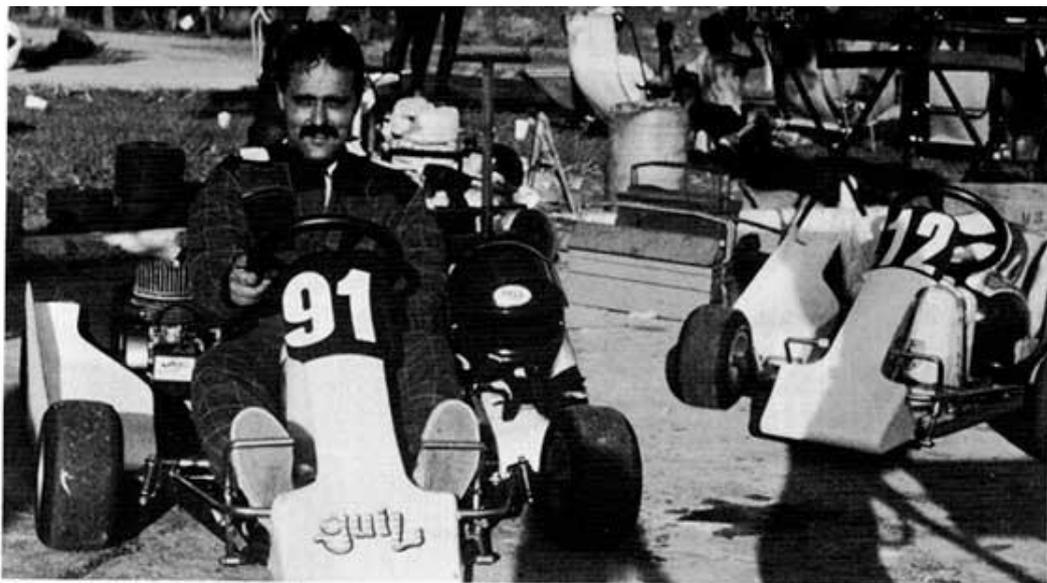
Visual

GRANDE VARIEDADES
EM MOLETOM,
MALWEE E SULFABRIL.

R. HUMAITÁ, 326 — TEL. (0123)21.8585 — S.J.CAMPOS

timula os competidores, pois, não havendo competições desse nível, não se abre espaço para, de repente, aparecer um Christian Fittipaldi ganhando todas por aqui – mas os melhores daqui podem ingressar logo nas provas mais selecionadas e encarar as feras de Interlagos. Há dois anos, a Federação Paulista criou a categoria Senior para pilotos com mais de 30 anos – só em São José ela tem 40 membros, e em Interlagos, uma centena.

Kartistas que chegam à categoria A aos 17 anos têm, teoricamente, todas as chances para entrar na Fórmula Ford, e daí para a Fórmula 3, instituída há dois anos no Brasil. “É como se o piloto prestasse um vestibular”, explica o assessor de imprensa da Confederação Brasileira de Automobilismo, Mauro Forjaz. Os melhores da Fórmula Ford recebem uma licença classe A e dis-



Edson: hobby de pai para filho

putam, na Fórmula 3, uma espécie de super-licença, um ingresso para a Fórmula 1, a que só os campeões têm direito. Só os gênios seguem caminho diferente, como Ayrton Senna, que saiu do kart no Brasil

direto para a Fórmula Ford 1600 na Inglaterra, Fórmula 2000, Fórmula 3 e o pódio de campeão mundial na Fórmula 1, onde continuou sua história de recordes e títulos.

É com uma história dessas que vem ganhando o garoto Frederico Luiz Ferrero, o Kiko, enquanto cursa a sétima série do Colégio Maurício Cury. O campeão da categoria Júnior no Vale do Paraíba passa o dia todo mexendo no kart tentando melhorar seu rendimento. “Ele é o próprio mecânico”, comemora o seu e chefe de equipe, Luiz Ferrero, dono de uma indústria de roupas femininas, que gasta NCz\$ 700 por mês para manter o kart em condições de disputar provas em Interlagos e no interior do Estado. Ele reconhece que gasta pouco e torce para que surja um patrocinador, pois uma equipe de ponta precisa de NCz\$ 3 mil mensais. Mas tenta compensar a falta de patrocínio com dedicação, persistência e a esperança de um verdadeiro “patrocinador”. **Luiz Ricardo Floriano**



Luiz Ruffa: à espera de obras na pista



*Requinte
pizzaria*

PONHA MAIS REQUINTE EM SUA VIDA.

Agora o seu final de semana
começa na Sexta e termina no Domingo.

**SEXTA – NO ALMOÇO PRATOS VARIADOS.
SÁBADO – TRADICIONAL FEIJOADA, A PATIR DAS 11HORAS.
DOMINGO – PRATOS VARIADOS NO ALMOÇO.**

ALÉM DE TODAS AS NOITES, A PIZZA QUE VOCÊ CONHECE.

AV. PEDRO FRIGGI, 441 — VISTA VERDE. TEL. (0123) 29.4422—SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

MOGI ESTÁ CADA VEZ
MAIS BONITA

TRIANGULAR
REVESTIMENTO DE PEDRAS P/ PISOS E PAREDES

Pedras Ardósia, Goiás, Granitos,
Macaquinho e Miracema, Rachão,
Luminária, Mineiras, Furnas e
São Tomé, Cacos em Geral, Rodapés e
Soleiras (Serradas e Brutas),
Mão-de-obra especializada.



Estr. Mogi-Guararema, Km. 7 – Botujuru – Mogi das Cruzes
Fone: (011) 468-1825

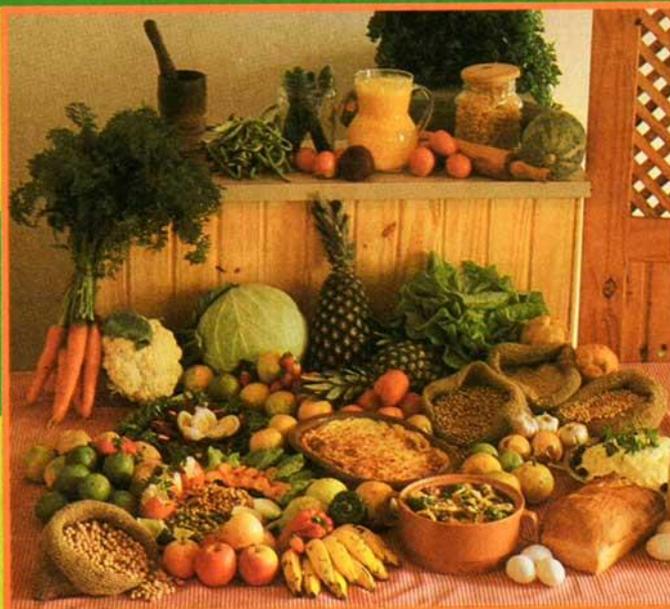
RESTAURANTE VEGETARIANO NUTRIBEM

AQUI VOCÊ COME MUITO BEM SEM COMPLICAR A SAÚDE

5 PRATOS
QUENTES E
6 TIPOS DE
SALADAS

SUFLÊS
ASSADOS DE LEGUMES
ALMÔNDEGAS
TORTAS

PÃO CASEIRO
BIFE À MILANESA
VEGETARIANO
LAZANHA

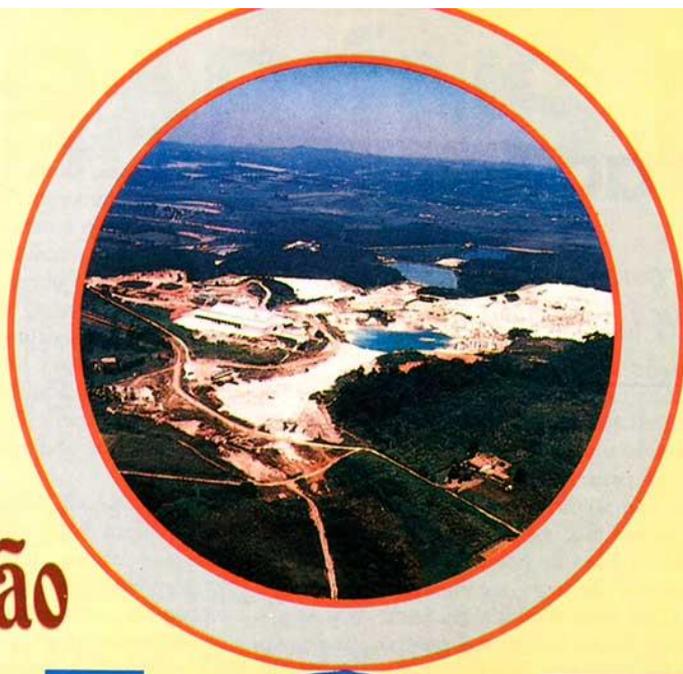


PIZZAS ENROLADAS
PANQUECAS
MAIONESE
TABULE, ETC...

POR CONTA
DA CASA
1 SUCO E
1 SOBREMESA

DE 2ª À 6ª
DAS 11:00
ÀS 14:00 HS

R. PRINC. ISABEL DE BRAGANÇA, 134 – M. CRUZES – S.P.



Estamos revertendo
as riquezas de
nosso sub-solo
em mais progresso
para Mog

Mineração



O elogio da raça

Criadores, treinadores e suas exposições buscam o aperfeiçoamento dos cães da raça Fila no Vale

A segurança é um tema cada vez mais na ordem do dia. O temor de um assalto alimenta um mercado gigantesco, que oferece alarmes de todos os tamanhos e tipos, células fotoelétricas, agências especializadas em segurança domiciliar e vigias noturnos. Muitas dessas opções, entretanto, não conseguiram ainda desbancar um antigo aliado do homem como "instrumento" de defesa – um eficiente cão de guarda. Um animal que, nas horas vagas, serve também de um grande companheiro.

Três cães desempenham com mais eficiência esse papel de "sistema de segurança": o fila, o pastor alemão e o doberman. Animais que recebem, muitas vezes, treinamento de obediência, defesa e ataque para um desempenho elevado, garantindo pelo menos um bom alarme doméstico, que dispara latidos quando algo sai fora da rotina. Um treinamento especial pode ser conseguido no canil regional do 5º Batalhão da Polícia Militar, em Taubaté, especializado em pastores e dobermans. Já o fila, cão de guarda natural, tem clubes especiais no Vale do Paraíba para o aprimoramento da raça – como o Clube de Aprimoramento do Fila Brasileiro (Cafib), sediado em Guaratinguetá, que promove exposições para premiação dos melhores animais.

No Vale estão alguns dos melhores reprodutores fila do ranking nacional. Um exemplo é Hércules de Jawa, 8 anos, primeiro colocado no ranking regional. Um filhote macho de Hércules vale NCz\$ 500, enquanto uma fêmea está sendo comercializada a NCz\$ 700. "Interessados não faltam", garante Marcos Vinícius Monteiro Meirelles, proprietário do Canil Jawa em parceria com seu irmão, Jurandir. O Jawa mantém seis filhas, todos entre os dez primeiros animais do ranking valearaibano nas categorias macho, fêmea e filhote.

QUILOS DE COMIDA – O cão fila tem uma capacidade natural de delimitar uma propriedade e defendê-la, o que o torna o cão ideal para segurança, por exemplo, de sítios e fazendas. "Apesar da aparência, ele é um animal carinhoso, que se relaciona bem com as crianças e nunca ataca pessoas

quando acompanhadas dos donos. Só precisa de espaço e cuidados especiais", ensina Marcos Meirelles. Entre esses cuidados está incluída uma boa alimentação, vitaminas e cálcio para fortalecer seus grandes ossos. Um cão adulto consome três quilos de comida por dia, o que inclui um cardápio variado a base de pescoço de frango moído, "sangra" de arroz, legumes e soja.

Caães bem tratados garantem boa segurança. E boa linhagem – preocupação que o Cafib procura incentivar nos criadores. "Com as feiras, as Expofilas, realizadas anualmente em diversas cidades da região, avaliamos e premiamos os melhores exemplares da raça. Creio que isso sirva como incentivo aos criadores para continuarem trabalhando no aprimoramento da raça, principalmente evitando o cruzamento com cães de raças diferentes", define o representante do Cafib no Vale do Paraíba, Jonas Tadeu Iacovantuono. Em julho, uma Expofila foi realizada em Taubaté e outra acontece agora, em Guaratinguetá.



O fila Assan, dócil e equilibrado nas mãos de Thiago

A cada Expofila, 50 animais são submetidos a uma bateria de exames e testes que analisam os 30 principais quesitos da raça – pêlos, dentes, altura, peso e, principalmente, o temperamento. "Um cachorro não pode ser nervoso e nem extremamente calmo. O ideal é ser equilibrado – feroz quando preciso, dócil e obediente quando necessário", explica Jonas Iacovantuono, criador de cães em Guaratinguetá. Esse equilíbrio de temperamento é uma das maiores vantagens do fila. "Eles não precisam de treinamento algum para defesa da propriedade e nem para nos obedecer", comenta Marcos Meirelles.

AULAS NA POLÍCIA – Esse equilíbrio nem sempre está presente em outras raças tradicionalmente treinadas para guarda. Pastores alemães e dobermans, embora disciplinados, necessitam de treinamento de obediência, defesa e ataque – que dura, em média, seis meses e deve começar na idade máxima de sete meses. É um período difícil para cães e donos. "No primeiro mês de treinamento, o cão deve ficar o tempo todo em nosso canil, sem contato com o dono. Só a partir do segundo mês ele é liberado nos finais de semana, para que também o dono tenha os comandos de obediência sobre o cão", diz o tenente Luis Augusto Guimarães, do 5º Batalhão da Polícia Militar de Taubaté, responsável pelo canil regional e sua turma média de oito "alunos".

A PM de Taubaté tem uma grande procura para treinamento de cães. Outro canil desse tipo só existe em São Paulo. Além dos cães da própria PM, ali estão cães de particulares – e até algumas raças inadequadas ao aprendizado, que acabam ficando pela insistência dos proprietários. "Aqui temos um vira-lata há oito meses para treinamento. Até agora, ele não aprendeu nada, nem a obedecer ao professor", conta o tenente. "Animais mestiços, normalmente, têm a atenção muito dispersa, mas os donos insistem em treiná-los", acrescenta.

Após seis meses de treinamento, os cães de raça pura e temperamento equilibrado voltam definitivamente para casa e podem, com segurança, servir de guardas de propriedades. Até que isso aconteça, entretanto, o dono do animal precisa dispender uma considerável soma de dinheiro – um treinamento no canil da Polícia Militar, por exemplo, tem um custo mensal de NCz\$ 80. É um investimento que vale a pena. O cão é, ainda, o melhor alarme e afasta os possíveis ladrões", diz o tenente Luiz Augusto Guimarães.

PARABÉNS MOGI!!

ESTAMOS PERCORRENDO
JUNTOS A HISTÓRIA
DO SEU PROGRESSO

TRANSPORTES E
TURISMO EROLES S.A.

MITO TRANSPORTADORA
TURÍSTICA LTDA.

MITO TURISMO LTDA.



429

ANOS

SULINE

Cozinha industrial com sabor de restaurante

O crescimento industrial do Vale do Paraíba provocou o surgimento de diversas cozinhas industriais. A cozinha é fundamental dentro das empresas e sua importância pode ser sentida na produtividade dos trabalhadores. Por isso, antes de se contratar serviços de cozinha industrial, deve-se ter conhecimento da experiência e profissionalismo de quem a administra.



Alicerçada na experiência e tradição do restaurante Baden Baden, a **Suline Administração de Cozinha Industrial** foi criada com o intuito de atender os mais variados setores da indústria, com mais de 200 funcionários. Trabalhar com cozinha industrial já era uma idéia antiga do empresário Orlando Bendo, proprietário do Restaurante Baden Baden e da **Suline**.

O serviço de infra-estrutura da **Suline** não despreza detalhes importantes, como mandar a comida pronta, feita no próprio Baden Baden, e transportada em painéis térmicos, para que ela não chegue fria e sem sabor. Além disso, a **Suline** está investindo em carrinhos térmicos, com capacidade para transportar refeições para até 60 pessoas, mantendo o alimento numa temperatura regulada.

PROFISSIONALISMO – As refeições são preparadas numa cozinha pequena, mas com carinho e bom gosto por uma equipe de 29 pessoas, entre as quais, uma nutricionista. No comando dessa equipe está o coordenador de cozinha Geraldo da Silva Araújo, com mais de 25 anos atuando no ramo e um invejável currículo na área gastronômica. Geraldo já trabalhou como chefe ou diretor nas cozinhas das empresas Provole (Osasco-SP), Cozinha Jagua-

ré, Central da Light, Unibanco, Rincão Park Hotel, Buffet Neves e Ceagesp (todas em São Paulo).

Com tanta experiência acumulada, Geraldo faz questão de discutir junto às diretorias das empresas o cardápio a ser servido aos funcionários. Experiência é o que não falta ao coordenador de cozinha, que, ao longo dos anos, descobriu não só os segredos da cozinha brasileira, como também da italiana, francesa e alemã, além de conhecimentos na área de confeitaria.

Esse profissionalismo da **Suline** resultou na conquista de importantes clientes, entre eles a Engesa e a Cebrace (Cia. Brasileira de Cristais, em Caçapava). Na Cebrace, por exemplo, são entregues 160 refeições



Experiência como base de tudo

Ele já foi ajudante de cozinha, garçon, atuou na copa e chegou até mesmo a lavar pratos. Posteriormente, foi "maitre" de restaurante em hotel de nível internacional. Inaugurou seu primeiro negócio há 17 anos e, hoje, Orlando Bendo comanda o Restaurante Baden Baden e a **Suline Administração de Cozinha Industrial**.

Orlando lembra que há mais de 30 anos atua na área, onde acumulou experiências de produção e também de administração. Conhecedor da cozinha francesa, italiana e alemã, além da brasileira, o empresário montou o Baden Baden em São Paulo de 1978, numa área de oito mil metros quadrados, sendo mil de área construída. Somente em 1984, Orlando resolveu transferir o Baden Baden para o Vale do Paraíba, escolhendo Caçapava.

Antes disso teve uma boate, em 1972, a "Summertime". Em 1976 montou um restaurante italiano no Morumbi. Em 1983, administrou o Vila Burguesa – Self Flat Swit Service, um Apart Hotel com 360 suítes. Lá, o empresário montou também um restaurante para 180 lugares, um American Bar – Elis Piano's Bar e um Coff Shop à beira da piscina. Até mesmo a cozinha do Centro Paulista de Tênis passou por suas mãos em 1978, ao mesmo tempo em que ele administrava o restaurante Ilha do Sul.

diárias há um ano e meio, mas a **Suline** tem condições de produzir qualquer quantidade. Mesmo que a empresa possua cozinha própria, a **Suline** entra com a mão-de-obra, administração e alimentos.

O Restaurante Baden Baden está localizado à avenida Coronel Manoel Inocêncio, 2.000, em Caçapava (ao lado da Via Dutra – sentido Rio-São Paulo) – fone (0123) 52-4365.

A **Suline Administração de Cozinha Industrial** fica na rua Antônio de Castro Júnior, 180 – fone (0123) 52-4365.

MOGI 429 ANOS

RESPEITO AO PASSADO DE GLÓRIAS
E OLHOS VOLTADOS PARA AS NOVAS
CONQUISTAS DO FUTURO



- * Curso de Arquitetura e Urbanismo
- * Curso de Engenharia Mecânica
- * Curso de Engenharia Industrial Mecânica
- * Curso de Engenharia de Produção Mecânica
- * Curso de Ciência da Computação
- * Curso Superior de Tecnologia em Processamento de Dados
- * Curso Superior de Tecnologia Mecânica
- Manutenção de Máquinas Operatrizes
- * Curso de Direito
- * Curso de Ciências Econômicas
- * Curso de Administração de Empresas
- * Curso de Ciências Contábeis
- * Curso de Comunicação Social
- Jornalismo
- Publicidade e Propaganda
- Relações Públicas

- * Curso de Psicologia
- Licenciatura
- Bacharelado
- Formação de Psicólogo
- * Curso de Ciências
- Biologia
- Matemática
- * Curso de Estudos Sociais
- Geografia
- História
- Educação Moral e Cívica
- * Curso de Pedagogia
- Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º grau
- Administração Escolar
- Supervisão Escolar
- Orientação Educacional

UNIVERSIDADE BRÁZ CUBAS



AMX, o primeiro avião de ataque na Fab: projeto avançado que ainda depende de equipamentos em desenvolvimento no país

AVIAÇÃO

O Brasil no ataque

Na Semana do Aviador, o país recebe a primeira unidade do AMX, desenvolvido em 10 anos por 1 bilhão de dólares

Pela primeira vez na sua história, a Força Aérea Brasileira (Fab) vai receber um avião projetado inteiramente para missões de ataque. É o AMX, cujo primeiro modelo de série montado na Embraer está desde agosto passando por uma bateria de ensaios em vôo para ser entregue à Fab oficialmente no dia 18 de outubro, como parte das comemorações do Dia do Aviador. Ainda neste ano, outros três aviões iguais serão entregues e incorporados ao 16º Grupo de Aviação, na Base Aérea de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.

Trata-se de um jato subsônico de alta performance, capaz de carregar 3,8 mil quilos de bombas a mais de 1,1 mil quilômetros por hora e realizar operações de ataque num raio de ação de até 900 quilômetros. A Fab vai recebê-lo após nove longos anos de estudos e desenvolvimentos, e do investimento de cerca de US\$ 700 milhões para que o avião seja, eletronicamente, o mais sofisticado em uso no Brasil, com alto grau de sobrevivência em combate. Capaz de atrair o interesse de outras forças aéreas dispostas a pagar US\$ 12 milhões

por seu modelo básico, ou entre US\$ 18 milhões e US\$ 21 milhões pelo modelo totalmente equipado com o estado da arte em sistemas de armas, controle e navegação.

A Fab criou uma denominação específica para ele, A-1, ou seja, a aeronave principal de ataque, e para sua utilização começaram a ser treinadas algumas equipes de pilotos. Segundo o brigadeiro Ajax Barros de Melo, chefe da Comissão de Acompanhamento do Projeto do Avião de Caça, a idéia é montar, dentro de dois anos, os dois primeiros esquadrões de ataque, com 14 aviões cada um, todos baseados em Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Depois, virão mais quatro esquadrões – dois no Nordeste ou Norte do país, mais dois no Sul, provavelmente em Santa Maria (RS).

VELHOS SONHOS – Com o recebimento dos primeiros aviões, a Fab também espera aplacar as críticas que, internamente, foram feitas contra o Projeto AMX, um programa que consumirá investimentos totais superiores a US\$ 1 bilhão e do qual pouco se espera em termos de recuperação do capital através de exportações. Uma corrente da

Aeronáutica chegou a defender a destinação de parte dos recursos do programa para a compra de aviões modernos, de superioridade aérea, como os F-16 americanos.

Grupos de oficiais brasileiros chegaram a avaliar os supersônicos fabricados pela General Dynamics e foram trocadas propostas para que parte dos aviões fosse montada no Brasil com tecnologia transferida para a Embraer. Nesses contatos, verificou-se que os preços do caça vinham tornando-se atraentes graças à grande produção americana – mais de 1,5 mil aviões – e poderiam cair para algo em torno de US\$ 18 milhões, se houvesse uma negociação eficiente, ou menos que isso, se houvesse concessões de caráter político de parte a parte.

Houve, no entanto, um obstáculo intransponível, além da crônica falta de dinheiro. Apesar das negociações, o Departamento de Estado americano em momento algum admitiu a possibilidade de permitir a transferência de tecnologia para desenvolvimento e manutenção do software do F-16. Era o fim de um sonho para grupos de oficiais da Fab que imaginavam dotar o país, rapidamente, de um supersônico de grande eficiência nas missões de interceptação, combate e defesa aérea.

Outra parte da Fab preferia uma aeronave de características mais próximas às de um vetor multi-função, provado nas missões de interceptação, penetração aérea, ataques a objetivos na terra e no mar, combate e defesa, com desempenho supersônico. Algo próximo de um Tornado, de alta

performance e alta capacidade de armas, eletronicamente completo. Esses militares acabaram convencidos de que boa parte desse envelope de emprego pode ser cumprido com supersônicos da classe dos F-5 e dos Mirage usados no Brasil, desde que eles sejam revitalizados eletronicamente, e ganhem uma sobrevida para até o ano 2010.

SUPERSÔNICO BRASILEIRO – Parte desse plano já está em andamento e seguirá em frente sustentado por um programa de absorção de tecnologias mais avançadas pela Embraer e pela Força Aérea. Está pronta a concorrência pública convocando empresas brasileiras e estrangeiras a associarem-se para propor configurações, componentes e integração de sistemas eletrônicos dos F-5 dos Mirage. Enquanto outra concorrência está em andamento para empresas interessadas em participar da revitalização de 12 aviões Tracker P-16 da Fab, utilizados pela Marinha embarcados no porta-aviões Minas Geraes. Os P-16 estão recebendo motores novos e depois terão nova eletrônica, mais atualizada para suas missões de combate a submarinos.

Juntando esses programas com tudo que foi possível aprender com a participação brasileira no Programa AMX, a Força Aérea Brasileira volta a sonhar com um caça supersônico projetado e construído no Brasil. A primeira idéia, de um avião de treinamento avançado, com dois lugares e velocidade uma vez e meia superior à do som (perto de 1,8 mil quilômetros por hora), foi proposta pela Embraer, há dois anos, ao Estado Maior da Aeronáutica. Ela está arquivada por enquanto, pois venceu na força o consenso de que o aprendizado do AMX e de outros programas permitirá ao Brasil projetar o seu supersônico de superioridade aérea no início do século XXI, com uma configuração de última geração. Essa, por sinal, será a principal tarefa da Comissão de Acompanhamento do Projeto do Avião de Caça (Copac) logo que ela terminar seu trabalho em relação ao AMX, dentro de três ou quatro anos.

AVIÃO INCOMPLETO – Para os que achavam que o AMX seria um avião lerdo, de reações lentas em operações de baixa altitude e uma inconfundível assinatura de radiações infra-vermelhas (ondas de calor emitidas pela turbina e rastros de espessa fumaça), também já existe uma resposta. A Rolls Royce, fabricante do motor Spey, acaba de desenvolver uma versão mais potente, bem acima dos cinco mil quilos de empuxo. A própria Rolls Royce, com ajuda da Fiat Aviazzone e a Piaggio italianas,

cuidou de fazer 14 pequenas modificações para corrigir falhas do motor.

Da mesma forma, os trabalhos exaustivos de ensaios em voo no Brasil e na Itália conseguiram eliminar a maior parte das dificuldades que o avião apresentava – ainda trabalha-se para eliminar a instabilidade do AMX em altas velocidades e já existem avanços significativos para diminuir as trepidações durante o uso dos canhões Defa, de 20 milímetros, e no lançamento das bombas, em especial as de mil quilos.

Contudo, a versão do AMX que a Fab começa a receber no mês que vem é muito diferente do que será esse avião dentro de algum tempo. Dos 79 aviões adquiridos

De qualquer forma, há ganhos significativos. Os canhões Defa, de 20 milímetros, de origem francesa e fabricados em Israel, já estão comprados e segue normalmente o processo de transferência de tecnologia que permitirá produzir a arma na fábrica da Bernardini, em São Paulo – em dois anos estarão prontas as primeiras unidades nacionalizadas.

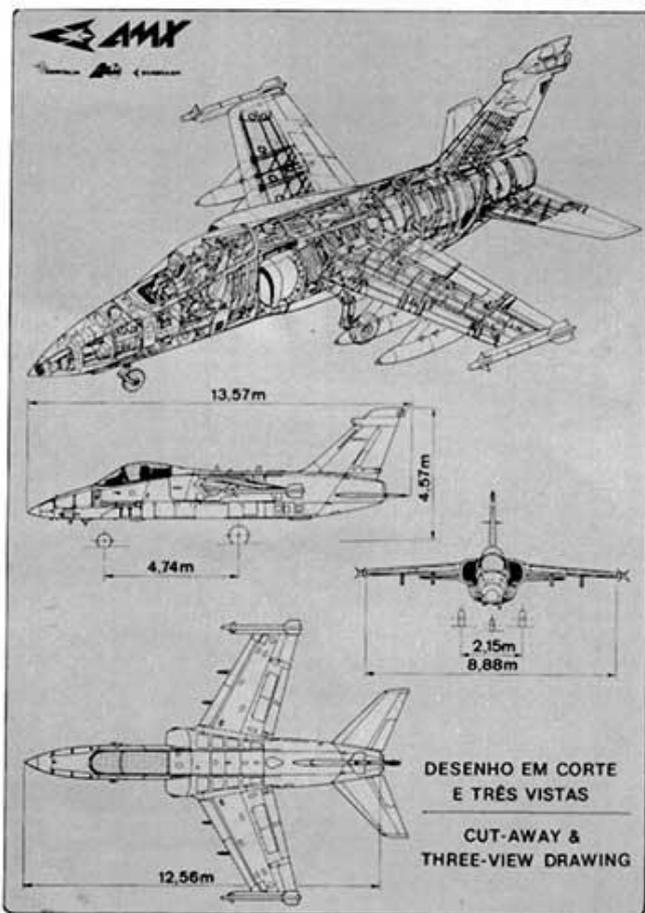
Em três anos, os AMX receberão um radar inteiramente novo, um multi-função que pode ser utilizado no combate aéreo, nas missões de ataque ao solo ou a navios. Esse radar está em desenvolvimento na Tecna, em São José dos Campos, que associou-se à companhia italiana SMA, especializada em radares. Elas pretendem testar em voo o primeiro protótipo no início do ano que vem.

Com o novo radar, o AMX poderá utilizar melhor os sistemas de armas, navegação e controle que funcionam de forma integrada e sob o controle de 37 computadores de bordo. Esse sistema completo permite também utilizar os recursos eletrônicos e digitais de um "head up display", um terminal de vídeo onde aparecem todas as informações referentes à atitude do avião, todos os parâmetros relativos ao funcionamento de seus sistemas e informações do radar a respeito dos alvos e da programação de tiros e lançamentos de bombas, sempre com o controle de computadores. O display está em desenvolvimento na Elebra, em São Paulo, e deve ficar pronto em dois anos.

NOVAS VERSÕES – A versão que a Fab está conhecendo agora é, portanto, bem diferente do sofisticado avião de ataque ao solo que o AMX será nos próximos anos. Com os sistemas a serem incorporados, ele terá um alto grau de sobrevivência em combate, superior a muitos dos aviões mais modernos de hoje. Graças, principalmente, à duplicação dos siste-

mas mecânicos, hidráulicos e eletrônicos que permitem ao piloto assumir o controle manual do avião e trazê-lo de volta à base mesmo que haja uma avaria completa nesses sistemas.

Pela avaliação de mercado feita pelos técnicos da AMX International, uma empresa baseada em Londres e formada pelos mesmos parceiros do projeto – a Embraer e as italianas AerMacchi e a Aeritalia – só existe atualmente um avião de características semelhantes. É o russo MIG-23, que começa a ser oferecido aos países de influência comercial soviética e, em especial, a alguns países árabes que foram tradicionais compradores de armas produzidas na



pela Fab, os 34 primeiros não terão radar de busca e identificação de alvos, mas virão com uma mira laser que limita a sua utilização às missões diurnas, de ataque ao solo e baixíssima eficiência sobre alvos marítimos devido às distorções nos raios laser nesse ambiente.

Esses aviões também não terão os equipamentos que permitem espalhar "shafts", metais que servem para distorcer as informações que são captadas pelos radares inimigos, nem equipamentos de contra-medidas eletrônicas que confundem os sistemas rastreadores inimigos. Os sistemas de armas estarão incompletos e o envelope de uso do avião com várias limitações.

União Soviética – e que hoje são grandes clientes do Brasil, como o Iraque, a Arábia Saudita, a Índia e outros.

Ainda assim, a empresa binacional acredita que tem chances de exportar 360 aviões cotados hoje a US\$ 12 milhões na versão básica. Os resultados das vendas será distribuído para as empresas fabricantes na mesma proporção de seus investimentos – 30% para a Embraer, 22% para a AerMacchi e 48% para a Aeritalia. A mesma divisão ocorre na fabricação, com a Embraer responsabilizando-se pela produção de asas, tomadas de ar do motor, pilones e tanques de combustível.

Pelos contratos assinados até agora, o Brasil assumiu o compromisso de comprar 65 AMX na versão de ataque e 14 modelos de treinamento, enquanto a Aeronáutica Militar Italiana ficará com um total de 238 aviões – a Fab já começa a negociar uma ampliação de suas compras para chegar aos 30% a que se comprometeu. O primeiro AMX de treinamento já está em produção e estão sendo especificadas as novas versões.

A versão de emprego em guerra eletrônica está definida na concepção italiana, mas este é o modelo mais caro e que mais assusta aos magros orçamentos da Força

Aérea Brasileira – o Brasil nem imagina quando terá um avião específico para missões de localização e emissão de sinais, ligação entre sistemas de transmissão de dados em regime de alta segurança, interferências anti-radares e anti-mísseis.

A versão de emprego naval é essencial para a Fab que tem poucas alternativas nesse campo, e por isso ela está em franco desenvolvimento, com uma configuração eletrônica inteiramente diferente e dedicada. Só não deram certo as tentativas de conseguir uma adaptação do AMX como aeronave embarcada para equipar o porta-aviões Minas Gerais – seriam necessárias muitas alterações de projeto, a um custo muito elevado.

Por fim, a Força Aérea Brasileira terá versões de ataque noturno e uma de reconhecimento aéreo avançado, equipado com câmaras fotográficas, sensores especiais e até possibilidade de uso de câmaras de TV para missões de observação. Para cada uma dessas versões, haverá grupos especiais de oficiais brasileiros que, em contato com os italianos, vai procurar explorar todas as possibilidades do AMX no desenvolvimento da doutrina de uso dessa nova arma. É a primeira experiência brasileira em aviação dedicada a ataque e uma forma de atualizar tecnologias e conhecimentos que constituem a base da proteção ao território nacional. ●

Projeto à Italiana

Após sua primeira experiência na fabricação de um jato militar, o Xavante, sob licença da empresa italiana Aeronáutica Macchi, a Embraer enviou uma delegação a Varese, na Itália, para discutir as chances de um projeto conjunto mais avançado. Decorria o ano de 79, a Embraer começava a aventurar-se no mercado externo e sua proposta, baseada em especificações feitas pelo Estado Maior da Aeronáutica, era tímida em relação às necessidades italianas.

A AerMacchi acabou atraída por uma idéia mais ousada, de um avião mais pesado, com maior capacidade de armas e melhor desempenho. Era um projeto da estatal italiana Aeritalia, empresa forte o suficiente para bancar a maior parte das responsabilidades de desenvolvimento de produção. Em 1980, a Força Aérea Brasileira foi convidada a conhecer o projeto e abrir espaços para a participação da Embraer. O programa passou a atender às necessidades das forças aéreas do Brasil e da Itália com base num acordo de cooperação assinado entre os dois países.

**NO MÊS
9
MUITA FESTA
PARA VOCÊ**

**GRANDE PROMOÇÃO
NA ÚLTIMA
SEMANA
DO MÊS
DE 25 A 30
DE SETEMBRO**

Av. Fernando Costa, 789 – M. Cruzes
Fone: (011) 469-6038



GHAZAL
Móveis e Decorações

ECONOMIA É LUCRO

- PREÇO SEMPRE EM BAIXA
- BOM ATENDIMENTO
SEMPRE EM ALTA

SUPERMERCADO



Vereda

AV. FRANCISCO FERREIRA LOPES, 2550 - BRÁS CUBAS - M. CRUZES

FONE: (011) 461-4400

"Estratégia para Recuperação de Recursos Hídricos."

Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Rio de Janeiro-Minas Gerais



Seminário pela recuperação dos recursos hídricos: sem novidades e sem propostas

MEIO AMBIENTE

Fazendo marolas

Políticos, tecnocratas e entidades descobrem que o rio Paraíba ainda pode ser um manancial de votos e verbas

As águas, ora limpas e ora fétidas e poluídas, que rolam pelos 1.137 quilômetros de extensão do rio Paraíba do Sul, há muitas décadas carregam também planos, projetos e idéias. Em geral, as boas intenções naufragaram na falta de seriedade de algumas promessas e na crônica carência de recursos sofrida pelo país. Mas a onda ecológica que varre o planeta, e que há uns poucos anos chegou ao Brasil, está provocando o refluxo dos planos de salvação do rio Paraíba do Sul.

O mecanismo que provoca essas marolas é simples: os organismos internacionais de fomento ao desenvolvimento e financiamento de grandes planos foram pressionados a exigir que seus clientes respeitem a natureza e, por consequência, viram-se obrigados a apresentar balanços com grandes volumes de recursos destinados a projetos de natureza ecológica. É aí que renasce a onda de salvação do Paraíba.

No mês de agosto, durante três dias, um seminário organizado pelos Conselhos Regionais de Engenharia e Arquitetura (Creas) dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, tentou aproveitar-se dessa correnteza. O objetivo do seminário "Estratégia para Recuperação de Recursos Hídricos", definido pelo presidente do Crea de São Paulo, João Abukater Neto, era exatamente o de apresentar propostas técnicas e financeiras, além de catalizar uma certa vontade política que contemplasse a Bacia do Paraíba com projetos e dinheiro.

Para desenvolver e executar as normas de um Plano Diretor para o gerenciamento

dos recursos hídricos da Bacia do Paraíba do Sul seriam necessários, além do nome pomposo escolhido para o programa, cerca de US\$ 2 bilhões. Como os principais interessados no Seminário estão convencidos de que os projetos para salvar o rio já existem, bastava, então, que se colocassem, frente-a-frente, os tecnocratas com os representantes dos agentes financeiros — no caso, o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid), o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Bird) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Mas esses agentes preferem esperar as eleições, ver sinais do fim da crise e só depois analisarão propostas.

POR UM CABIDE —

Para o presidente do Crea-São Paulo a questão de maior interesse do seminário era até simples. "O que me interessa aqui é conscientizar a nossa classe para a questão ecológica, discutir a formação de técnicos especializados e conseguir meios para garantir a formação de engenheiros habilitados a

executar projetos de grande porte, como a recuperação e preservação do rio Paraíba e outras bacias hidrográficas no país", diz ele. Segundo Abukater, se os recursos para um projeto desse porte caírem do céu este ano, não haverá engenheiros no país habilitados para o trabalho.

Esse tipo de preocupação chega a ser prosaica quando manifestada durante um seminário que não encontrou temas para debater, não apresentou qualquer informação nova e muito menos identificou qualquer alternativa. Pior ainda — limitou-se a um conjunto de palestras feitas de improviso por técnicos que, na maioria das vezes, desconheciam o tema principal. "O mais grave para mim é que tentaram mostrar que a solução para o Paraíba já está pronta e definida, sem qualquer discussão com a comunidade, ou com seus representantes", acusa Ricardo Ferraz, membro do Conselho Estadual de Meio Ambiente.

"Eu escuto essa conversa há 13 anos, vi três governadores se comprometerem a cumprir planos de preservação do rio em seus Estados e nunca vi qualquer providência efetiva", ulmina o prefeito de São José dos Campos, Joaquim Bevilacqua, único prefeito da região que lá esteve duas vezes, uma para abrir e outra para encerrar o seminário. Outro prefeito, Arthur Ballerini, de Lorena, chegou, assistiu a metade de uma palestra, foi informado de que o "circuito" estava armado e não voltou mais.

Bevilacqua, no seu discurso de encerramento, tocou numa questão essencial: só um órgão interministerial, com "status" de uma superintendência, tem condições de implantar um programa interestadual de preservação do Paraíba. A essência da questão está na circunstância de que, exatamente durante aquele seminário, disputa-

va-se um "cabide de empregos" e a chance de conquistar o controle das verbas e dos planos que porventura forem destinados na Bacia do Paraíba.

CACIFE — De forma mais acentuada, a disputa travasse entre um organismo estadual, o Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE), que tem a ambição de tornar-se o coordenador do Plano Estadual de Gerenciamento de Recursos Hídricos, seus planos e verbas (incluindo o rio Paraíba), e o Comitê Executivo de Estudos Integrados do Vale do Paraíba (Ceevav), órgão que



Klaus: falta poder ao Ceevav

elabora planos, serve de fóro de debates, mas é de caráter consultivo, não tem poder deliberativo nem executivo.

O Ceeivap é controlado de longe pela Sabesp – que cede funcionários para manter o funcionamento – e pelos interesses do secretário estadual de Obras e Meio Ambiente, João Leiva. São do Ceeivap todos os planos elaborados até agora, (de 1976 a 1981), relacionados ao rio Paraíba, mas nenhum deles colocado em prática. Os principais dirigentes de órgão vieram para o seminário provido pelos Crea dispostos a consolidar seu poder político e plantar as sementes da transformação em comitê deliberativo da Bacia do Paraíba, com a missão de julgar todos os projetos que se pretendesse implantar nos 50 mil quilômetros quadrados da região, além de participar deles e da negociação de financiamentos.

“O plano de preservação do Paraíba, de macrozoneamento urbano, de controle do crescimento das regiões urbanas e proteção da bacia nós já temos. Não é preciso fazer mais nada, a não ser obter recursos e executar obras, como, por exemplo, implantar sistemas de tratamento de esgotos”, proclama o secretário executivo Klaus Dietmar Alvarez. Já o superintendente do DAEE, Paulo Bezerril Júnior, acha que cada Estado tem suas prioridades e deve gerir seus recursos hídricos conforme suas necessidades e com base num Plano Diretor próprio, como o que começa a ser feito para o Estado de São Paulo.

TIRO MORTAL. – DAEE e o Ceeivap tiveram um novo encontro, no início do mês, durante a reunião dos prefeitos da região (Codivap), realizada em Paraíba. Lá, apresentaram suas idéias e assistiram a uma palestra de técnicos do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) que trabalham na atualização do Plano de Macrozoneamento do Vale – atividade que o DAEE e o Ceeivap preferiam que não se realizasse. Lá também, o presidente do Codivap, Joaquim Bevilacqua, prefeito de São José dos Campos, deu o “tiro mortal” – comprometer todos os administradores da região com um projeto de sua autoria, apresentado nos tempos de seu primeiro mandato como deputado federal.

Primeiro, ele quer que todos defendam a criação de uma superintendência interministerial para a bacia do rio Paraíba, uma espécie de Sudevap nadando contra a corrente da política de extinção de organismos desse tipo e dos incentivos fiscais que eles envolvem. Mas, aproveitando a corrente das eleições presidenciais, Bevilacqua iria propor um documento novo de compromisso regional e de apoio a um candidato a presidente da República que se compromete com as metas nele contidas. Ou seja, desde agosto, além de levar planos e planos para o mar, o rio Paraíba também ameaçava banhar de votos a candidatura de Fernando Collor de Mello ou a de Paulo Maluf. ●

VIVA COM SAÚDE

ACADEMIA **Physical** CENTER



- AERÓBICA
- LOCALIZADA
- COND. FÍSICO
- MUSCULAÇÃO
- AVALIAÇÃO FÍSICA
- JAZZ
- BABY BALLET
- ESTÉTICA
- MANEQUIM
- SAUNA • LANCHONETE

HORÁRIO LIVRE
COM DIREITO A TODAS ATIVIDADES!

Mogi: R. Renato G. Guimarães, 295 – Mogilar
FONE: 469-5466

Suzano: Gal. Fco. Glicério, 1240
FONE: 477-3881

Promoção
até 30/09
matricula
grátis

PARABÉNS MOGI!

O ESPÍRITO DE LUTA
DO TEU POVO, IMPRIMIU,
DE FORMA INDELÉVEL
AS PÁGINAS DO TEU PROGRESSO

INDÚSTRIA GRÁFICA MOGIANA LTDA.

Gráfica Mogiana

TIPOGRAFIA • OFF-SET • RELEVO
R. BARÃO DE JACEGUAI, 25 – M. CRUZES
FONES: (011) 469-2293 – 469-8277



Francisco M. Bezerra Filho
Presidente



Câmara Municipal de Mogi das Cruzes
Estado de São Paulo

No aniversário de Mogi das Cruzes,
a homenagem da Câmara Municipal,
pelos seus 429 anos de existência,
tradição e gigantismo de seu povo
hospitaleiro e laborioso.

MESA DIRETIVA



José Antonio Cuco Pereira
Vice-Presidente



Carlos E. Amaral Gennari
1º Secretário



Léia B. Cavalcante Macedo
2º Secretária

DEMAIS VEREADORES



Marcos R. Damásio da Silva



Luiz Alves Teixeira



Aguinaldo Gomes de Souza



José Carlos de Souza



Tércio Cruz Rosa



Luis Carlos Gondim Teixeira



Benedito F. T. Guimarães



Luis Beraldo de Miranda



Antônio Lino da Silva



Pedro Komura



Antonio Franco



Olímpio Osamu Tomiyama



Sonia Regina Sampaio



Sethiro Namie



Norberto C. Manguieira Engelender



Ivan Nunes Siqueira



Nelson da C. Mesquita

Parabéns,

Magi!!

429

A TECNOLOGIA FAZ PARTE DESSA HISTÓRIA

ROHM

... um Símbolo Internacional em Excelência Eletrônica

Festival do absurdo

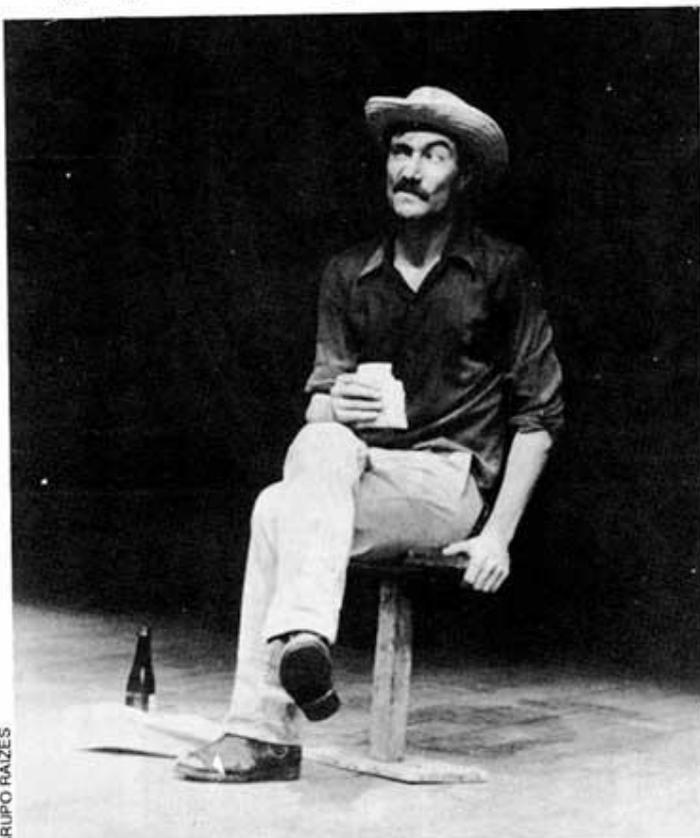
Amadores mostram as dificuldades para resgatar a arte na região, onde os grupos vivem pouco, faltam teatros e público

No teatro amador, o baixar das cortinas significa muito mais que o fim de um espetáculo. Significa a incerteza de quando novamente elas serão erguidas. Quando os atores deixam o palco, as luzes se apagam e o público vai embora, tem início então um outro roteiro, marcado mais pelo drama que pela comédia, repleto de dúvidas. Difícil saber se haverá público na próxima vez que as cortinas se erguerem, ou se haverá espaço para isso. Ou pior ainda, se haverá atores. Esta "peça" está sendo encenada há pelo menos dois anos por grupos amadores da região que, mesmo sem incentivos, tentam sobreviver.

Os festivais, tidos como principais incentivadores da formação e atuação de grupos amadores, perderam o prestígio nos últimos anos, e departamentos de cultura de cidades que antes ditavam os rumos e as inovações do movimento teatral na região tentam este ano reeditar antigas fórmulas. Até o final do ano, acontecerão dois festivais e uma mostra teatral, em São José dos Campos, Pindamonhangaba e Taubaté. Espera-se, com isso, fazer as pazes do público com o teatro amador.

Mesmo que dê certo, no elenco de dúvidas ainda restará a incerteza de ter espaço para receber o público e, sobretudo, se até lá ainda restarão grupos amadores. Com uma frequência cada vez maior, eles nascem e morrem. Nos últimos anos, a vida média da maioria passou de alguns anos para alguns meses. Os fatores que levam a isso são os mais variados: do esvaziamento dos grupos até a impossibilidade de manter ensaios que avançam a madrugada, em horários paralelos aos de trabalho. Mas a constatação é sempre a mesma: não dá para viver de teatro.

SONHO ENGAVETADO - Abandonar o sonho de viver sob refletores, ou engavetá-lo para um momento em que a situação do teatro amador "estiver melhor", acaba sendo uma das poucas saídas para quem um dia imaginou que ser ator fosse tarefa fácil. Foi



GRUPO RAIZES

Jairo Gregnanin: sotaque caipira de teatro que deu certo

o que fez o grupo Levadia, de São José dos Campos, que começou em 1980 com oito pessoas, chegou a ter 25 e acabou seus dias, em 1985, com menos de dez atores. O grupo fez cinco montagens durante este período - uma delas, feita em 1983, "Eu estava lá quando mataram o ministro", lotou durante uma semana o Cine Teatro São José, com um elenco de 22 atores e três músicos.

"Demoramos um ano e meio em ensaios. Do começo dos ensaios até a montagem definitiva quase todo o elenco foi modificado. As pessoas entravam no grupo, ficavam alguns meses e saíam em seguida. Poucas vezes conseguimos ensaiar a peça inteira, normalmente ensaiávamos cenas isoladas. Eram muitos os atores e os horários incompatíveis", lembra Palmyro Masiero, diretor do grupo Levadia de 83 a 85. Ele reconhece que o grupo não tinha mais condições de continuar. "Faltava até espaço para ensaios", reclama, mas não descarta a possibilidade do grupo voltar a ativar.

Enquanto o Levadia e outros grupos não

voltam à atividade teatral, São José dos Campos fica restrita a algumas poucas tentativas, como o Coletivo Lua Verde. Formado há um ano por nove alunos do curso de teatro "Cia São Paulo Brasil", promovido pela Fundação Cultural, o grupo optou por uma linha de atuação alternativa, com apresentações em locais abertos, principalmente praças. O primeiro trabalho do grupo, hoje com apenas cinco elementos, denominado "Ser Essência", é uma coletânea de poemas de autores russos encenados. "Nos baseamos na linha de trabalho de pesquisa de texto do Teatro Oficina de São Paulo. Tentamos, com a sequência de poemas, criar uma história. Como é um trabalho abstrato, nem sempre o público entende", conta Vitor Calassi, um dos membros do Coletivo Lua Verde.

Nem sempre o teatro reserva somente luzes e aplausos para os atores, às vezes é necessário sair para "catar lata". Foi o que o grupo fez o ano

passado para montar o cenário de uma peça para o Dia Mundial da Paz, encenada na praça Afonso Pena. "Nós saímos por aí pegando sucatas, madeiras, jornais velhos, tudo que fosse barato ou de graça e pudesse ser trabalhado como cenário", recorda.

OFICINAS FECHADAS - Vitor, nos seis anos de teatro amador, já passou por outros dois grupos, o Realidade, que durou três anos, e o Teatro dos Cinco, com vida curta, menos de um ano. O que ele fez é o que a maioria dos atores amadores fazem, pular de grupo em grupo, o que contribuiu para a dissolução de muitos deles. A maioria, no entanto, concorda que falta um trabalho de incentivos à sobrevivência dos grupos amadores, principalmente de estudos e renovação, inclusive de técnicas de palco, para a união maior.

Um trabalho que reunia tudo isso foi desenvolvido com êxito de 85 a 87 pela Universidade de Taubaté. Durante este período, cerca de 40 peças de grupos profissionais foram apresentadas no Teatro São

João dentro do projeto para o incentivo do teatro amador na cidade. Já no contrato com as companhias, a Universidade deixava claro que uma oficina de teatro deveria ser feita horas antes da apresentação ao público. Nessa oficina, dirigida aos grupos amadores, passaram nomes como Raul Cortez, Fernanda Montenegro, Eva Vilma e Carlos Zara.

"Acho que foi uma verdadeira revolução em termos de teatro para a cidade. Os grupos participavam, se conheciam e ouviam experiências de grandes atores", recorda Maria Emília Nogueira de Sá, ex pró-reitora de Extensão, responsável pelo projeto e pelo incentivo à criação de um grupo de teatro amador universitário. Hoje, Maria Emília está afastada das atividades que envolvem a programação do Teatro São João, as oficinas não existem mais, o Grupo de Teatro Experimental da Universidade foi desfeito e para este segundo semestre não existe qualquer programação teatral no Teatro São João.

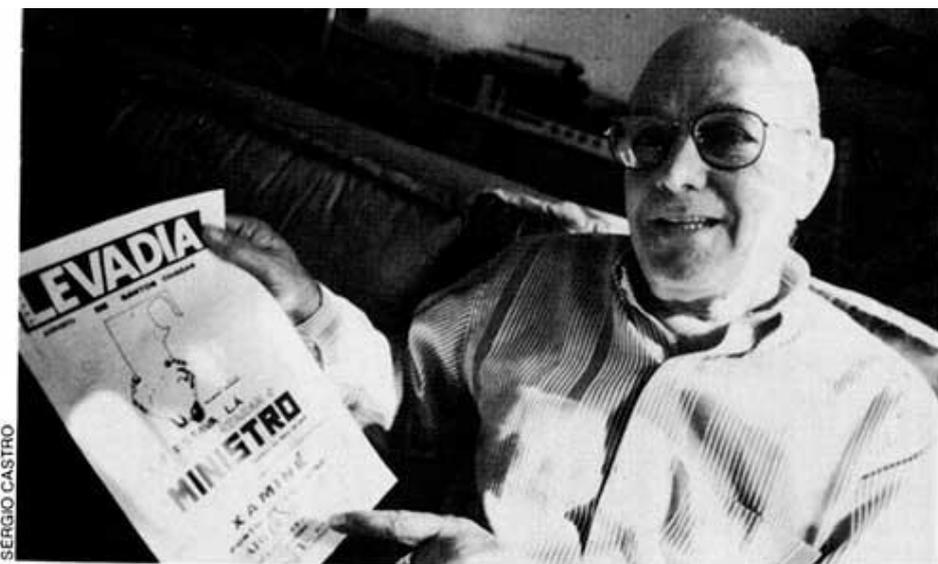
Longe dos braços fortes da universidade, o trabalho para fazer renascer muitos grupos e o interesse pelo teatro ainda engatinha. Amparado pelo Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura, um grupo de atores da Associarte, uma entidade que reúne artistas e técnicos em espetáculos no Vale do Paraíba e Litoral Norte, vem realizando desde maio em Taubaté oficinas para iniciantes. "Destas nossas oficinas já participaram cerca de 220 pessoas e 25 grupos se formaram. Esperamos que estes grupos continuem desenvolvendo trabalhos depois de terminadas as oficinas", diz João

Mais uma chance

Em São José dos Campos há pelo menos três anos o público não vê um bom festival de teatro amador. Uma organização falha e a seleção deficiente para os grupos participantes determinou o fracasso, por dois anos consecutivos, do Festivale, evento que este ano está em sua quinta edição e promete, segundo os organizadores, resgatar o alto nível de suas antigas apresentações.

"Este ano nós recuperaremos o padrão inicial do Festivale e com certeza o efetivaremos como evento importante no calendário cultural da cidade" declara o organizador Cláudio Mendel, integrante da comissão de teatro da Fundação Cultural. Apesar das boas idéias e intenções, as dificuldades enfrentadas para a realização do Festival não foram poucas. Dependente de uma Prefeitura sem verbas, a Fundação Cultural conseguiu destinar apenas NCz\$ 10 mil para o evento.

A falta de dinheiro não foi, nem de



Palmyro Masiero, do grupo Levadia: experiência frutífera

Ângelo Guimarães, um dos professores. Para isso serão realizadas mostras de teatro, a fim de incentivar os iniciantes a montarem peças ou "sketes" - pequenas peças, com até 30 minutos de duração. A primeira mostra acontecerá em outubro, com participação somente de "sketes". Mostras completas de teatro estão programadas para os próximos anos, mas são de realização incerta.

MOVIMENTO FRACO - Nem sempre, aliás, uma mostra ou um festival de teatro garante o fortalecimento do movimento teatral. Às vezes o tiro sai pela culatra. Foi o que aconteceu em Pindamonhangaba, que ficou conhecida no meio teatral como a cidade de maior atividade em teatro amador na região. Há pelo menos três anos que esta

longe, o principal problema. Há menos de um mês da abertura do Festivale, boa parte do programa já estava pronto, grupos profissionais já tinham sido convidados, mas não se sabia, por exemplo, onde ocorreriam as apresentações. Ainda se discutiam reformas no Cine Center e uma maneira de cumprir o contrato com a Paris Filmes para exibição de lançamentos, firmado até novembro, sem prejudicar as apresentações do Festivale, que vão de 31 de agosto a primeiro de outubro.

Para Mendel mais importante do que uma reforma no Cine Center, para transformá-lo em teatro é a realização do Festival. "Existem grupos amadores que estão desaparecendo por falta de eventos como este para participar e mostrar seu trabalho", reclama. Mas não será por falta de convite que os grupos desaparecerão. Cerca de 80 de todo o Estado foram convidados para o Festival. As peças inscritas serão selecionadas e apenas 16 se apresentarão ao público, intercaladas por espetáculos de grupos profissionais.

situação mudou. Existem poucos e irregulares grupos amadores, que praticamente vivem em função do Festival de Teatro (Fest-Pinda) que acontece todo ano, há 14 anos. Passado o festival, os grupos dissolvem-se e não conseguem apresentar seus trabalhos em outros lugares.

"O teatro amador em Pinda praticamente não existe mais. Hoje o Fest é mais voltado para as outras cidades. Sua importância é regional", explica Yayo Yeda Sasaki, diretora do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura, responsável pela organização do festival. A diretora aponta a falta de espaço para ensaios como um dos fatores decisivos para a inexistência de teatro amador na cidade.

Já Gláucia Costalonga, ex-diretora do grupo Retalhos (vencedor de oito dos 12 prêmios do festival de teatro de Tatuí em 1984), acredita que existam bons grupos em Pindamonhangaba, mas que não atuam por falta de incentivos, de espaços e até de público. "O festival é a única oportunidade para esses grupos mostrarem o seu trabalho", argumenta. Há um ano Gláucia dirige o grupo Vira Cabeça, financiado pela Alcan, e formado por quatro funcionários da fábrica. Os ensaios acontecem depois do expediente, aos sábados, dentro da própria fábrica, e as peças, sempre com temas sobre segurança no trabalho, são apresentadas durante a Semana de Prevenção de Acidentes.

O Grupo Vira Cabeça é uma exceção, embora hoje não passe de uma peça na engrenagem fabril utilizada para treinamento de empregados e conscientização de normas de segurança. Pelo menos, ele tem recursos e público garantidos, pode confiar em que as cortinas não baixarão definitivamente à sua frente e pode manter a esperança de, um dia, poder transpor os limites da fábrica. Fora ali, no entanto, o teatro amador tenta interpretar suas cenas de incerteza e absurdo, buscando espaços para se mostrar em festivais, praças públicas, escolas e teatros precários.

VOTE 386

O MELHOR CANDIDATO PARA O SISTEMA MULTIUSUÁRIO



Empresas inteligentes que operam sistemas multiusuários, já têm seu candidato ideal: o MF 386 da Microtec.

Ele pertence a um partido com alta capacidade de processamento e memória.

E quando coligado aos sistemas operacionais Xenix e MS DOS, governa com perfeição o exclusivo e inatacável Multimicro. Essa campanha em conjunto traz sempre um custo menor e maior velocidade que outros sistemas com super ou minicomputadores.

O MF 386 é um candidato com o apoio incondicional da RAM - Rede de Assistência Microtec - em todo o território nacional.

Para adesões, basta ir a um revendedor exclusivo Microtec.

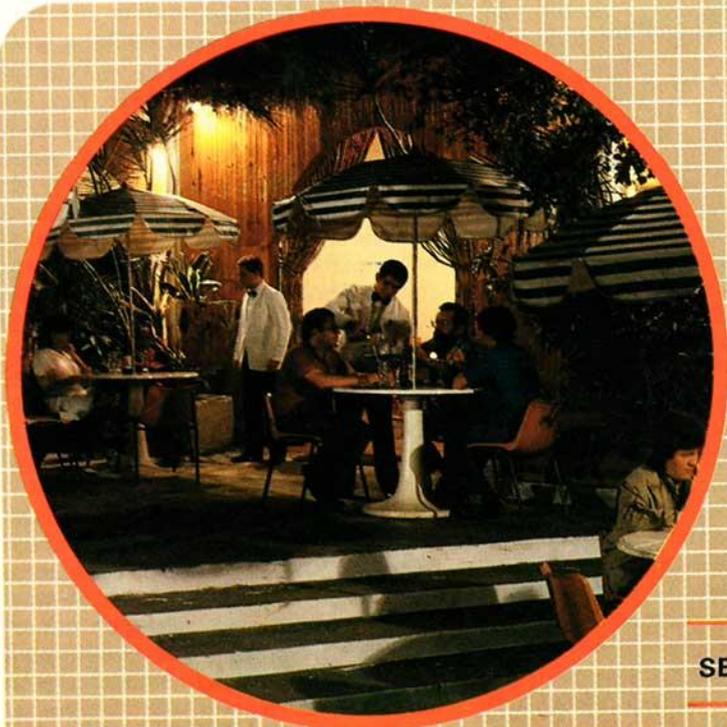
MF 386 Microtec. Assuma este poder.

**Mi MEDITERRANEO
INFORMATICA**

S. Paulo: R. Conselheiro Saraiva, 35 - Santana - Fones: (011) 299-3606 • 950-1637
Suzano: Pça. João Pessoa, 156 - Centro - Fones: (011) 476-1118 • 477-1870

microtec

W.U.O



**Scorpions
Pizzaria**

**VENHA CURTIR AQUELE
AMBIENTE FAMILIAR, GOSTOSO E
ACONCHEGANTE E ESCOLHER ENTRE
42 TIPOS DE PIZZAS DELICIOSAS
FEITAS EM FORNO À LENHA.**

SE PREFERIR PEÇA PELO TELEFONE: (011) 469-5321.

**DE TERÇA A DOMINGO A PARTIR DAS 18:00 H.
SHOW AO VIVO DE QUINTA A DOMINGO**

AV. NARCISO YAGUE GUIMARAES Nº 312 - M. CRUZES - S.P.

NOSSO PRESENTE À COMUNIDADE MOGIANA!



**...NA CHEGADA DA PRIMAVERA UM
"NOVO" LARGO SÃO BENEDITO.**



Cia. Suzano de Papel e Celulose



Gláucia Costalonga (ao centro), do extinto grupo Retalhos, de Pindamonhangaba: problemas com censura

TEATRO – II

Sem endereço certo

Os teatros desaparecem e os grupos vivem improvisando

Sem despertar interesse em autoridades e até mesmo no público, o teatro amador é tido hoje como uma arte marginal, ou hobby de quem acha que tem jeito de artista. Sem espaço suficiente para sua própria sobrevivência, os grupos são obrigados a trilhar o chamado caminho alternativo para onde o público está. O ideal seria o contrário – o público ir até onde o espetáculo está. Mas como, se o espetáculo não tem lugar para estar?

Nem sempre a situação do teatro foi assim. Até a década de 40, o teatro viveu sozinho dias de glória. A partir daí, aos poucos, foi perdendo terreno para o cinema. As pequenas telas de projeção quadradas e removíveis foram substituídas por telas panorâmicas, que tomavam todo o espaço do palco e eram fixas. Isto selou o fim dos espetáculos mistos que tinham o cinema como um subproduto do teatro, intercalado entre apresentações de musicais ou de companhias teatrais.

O cinema, apresentado então como arte promissora e moderna, ocupou os melhores espaços do teatro e, especialmente em cidades do interior, deixou os atores na rua. Recuperar alguns destes espaços perdidos e mal utilizados faz parte da atuação de grupos que defendem a sobrevivência do mo-

vimento teatral na região. Nesta briga para refazer as fronteiras, São José dos Campos saiu na frente. No início de agosto, o prefeito Joaquim Bevilacqua assinou documento que regulamentou a troca do Cine Center por terrenos na avenida Fundo do Vale. Uma troca até de um imóvel avaliado em maio em NCz\$ 1,7 milhão, por um terreno no valor de NCz\$ 1 milhão, onde o ex-proprietário do cinema, Alexandre Adamiu, aceitou sem explicações o prejuízo, e em agosto ainda não sabia o que fazer com a área recebida.

A Ticket Cultural, empresa dirigida pelo ator Jecé Valadão, responsável pela administração de teatros e produção de peças através da captação de recursos incentivados pela Lei Sarney, apresentou em julho um projeto de reformas para a transformação do cinema em teatro. A reforma, de grandes proporções, baseava-se na divisão do teatro, o que criaria uma sala anexa para projeção de cinema de arte e criaria espaço para a construção de uma pinacoteca. O projeto, no entanto, não decolou. Apesar da experiência do ator, as empresas da região não demonstraram nenhuma intenção em custear a reforma de um teatro para a cidade por não confiarem no retorno do investimento.

A Fundação Cultural, igualmente sem verbas, responsável pela administração da nova casa teatral, caso deseje uma reforma definitiva terá que bater nas mesmas portas que Jecé Valadão e acenar com a Lei Sarney. Por enquanto, para garantir o uso do espaço para espetáculos teatrais e viabilizar o Festival, a Fundação optou por uma

adaptação apenas funcional no Cine Center, que inclui principalmente a construção de um palco. O novo palco, com cem metros quadrados avançará sobre as cinco primeiras filas de cadeiras da platéia, o que diminuirá a capacidade do teatro de 850 para 600 pessoas, mas havia outro problema a superar: o cinema tem contratos de exibição até novembro.

“Nós ainda vamos continuar esperando que a cidade tenha um teatro de verdade, não simplesmente espaços adaptados. Por isso optamos por uma reforma pequena”, argumenta Cláudio Mendel, membro da comissão de teatro da Fundação Cultural. Enquanto o “teatro de verdade” não vem, os grupos amadores têm como opção de espaço o Cine Teatro São José, construído em 1950 pela Igreja e desde 1980 sob responsabilidade da Prefeitura, que na época promoveu uma reforma. Com capacidade para 350 pessoas, o Cine Teatro atualmente é pouco procurado: as péssimas condições em que se encontra assustaram o público e os grupos de teatro.

Hoje há infiltração de água pelas paredes, o que acaba inundando até os camarins, colocados abaixo do palco, e deixa todo o teatro com cheiro de mofo. Sérgio Rabello, humorista que se apresentou lá em julho, não suportou tanto mofo e acabou comprando um “Bom Ar” para espantar o mau cheiro. No final de 88, houve uma esperança que o velho teatro recebesse a reforma que merece, chegou a ser fechado por dois meses, mas como as verbas não chegaram ele foi reaberto. Mas os artistas da cidade insistem em marcar suas apre-

Há vários anos, surgiu em São José dos Campos uma campanha para a transformação do Cine Paratodos, paraíso dos filmes eróticos, num teatro. A Associação de Engenheiros e Arquitetos elaborou um projeto de reformas que custaria, hoje, o mesmo que se pretende investir para reformar o Cine Center com seus inúmeros inconvenientes para transformação em teatro. A empresa que mantém o Paratodos não se interessa pela reforma do prédio e até concordava com sua desapropriação. Chegou a ser feito um decreto considerando o prédio de utilidade pública, mas uma desavença política impediu que o projeto fosse em frente. Hoje, todos os setores que lutam por um teatro para São José dos Campos lamentam que a alternativa do Paratodos não esteja entre as possibili-



dades negociadas pela Prefeitura, pois além de maior e mais adequado, ele seria envolvido por um projeto bem mais amplo que integraria o teatro à praça Cônego Lima e

daria uma destinação cultural a todo o conjunto. Preferiu-se a obscura alternativa do Center que, afinal, mesmo limitada, é melhor do que nada.

sentações naquele espaço e, várias vezes, foram obrigados a cancelá-las por falta de público.

ESPAÇO DE SOBRA – Taubaté, ao contrário de São José, tem espaço até de sobra para teatro. O Teatro São João, com capacidade para 1,4 mil pessoas, espanta pela sua grandiosidade e atrai companhias com grandes espetáculos, enquanto grupos amadores poucas vezes tiveram a pretensão de lotá-lo. Construído em 1945, foi o primeiro cinema da região a ter o cinemascopo, tela

panorâmica para projeção, e tornou-se a grande atração das cidades vizinhas. Desde 1984 está alugado pela Universidade de Taubaté, que hoje o utiliza basicamente para cerimônias de formaturas, ou esporádicos espetáculos. Seus momentos de glória foram mais de 40 peças profissionais que passaram por ele, como parte do projeto da Universidade de Taubaté de incentivar o teatro na cidade, em 85 e 86.

O atual Teatro São João, antigo cine Urupês, só recebeu esse nome em 1984

como homenagem ao antigo Teatro São João, construído na praça Dr. Monteiro (onde hoje funciona o Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura) em 1878, e demolido para abrigar a Casa da Lavoura, em 1940. Até o início deste século, o Teatro São João era a melhor opção cultural na região, e reunia a aristocracia cafeeira com óperas famosas e companhias teatrais da capital. No prédio do teatro passou a funcionar em 1910 o Cine Kaur e a partir de 1917 as instalações fo-

Saga caipira

Alcançar o profissionalismo é o sonho maior de todo grupo de teatro amador. Mas das dezenas deles que já se formaram no Vale do Paraíba, nenhum transformou tão bem este sonho em realidade como o Grupo Raízes de Teatro, de Taubaté. Após oito anos com uma única peça em cartaz, o grupo traz na bagagem a experiência de 300 apresentações da montagem "Ai, meu Paraitinga!", e o orgulho de ter participado, em 84, do Festival Internacional de Teatro do Porto, em Portugal, a convite da organização do evento.

"Conseguimos vencer muitas dificuldades e fazer as pessoas da capital e outros Estados acreditar no nosso teatro regional. Mesmo depois de tanto tempo em cartaz ainda recebemos muitos convites para apresentar "Ai, meu Paraitin-

ga!", e sentimos, por isso, que valeu a pena tanto esforço", declara o diretor do grupo, Diógenes Feliciano.

Para Diógenes, o sucesso do grupo começou com a escolha de uma peça que retrata a vida e experiências do caipira Jorge Freitas, de Natividade da Serra, que ia para a Feira da Barganha de Taubaté para vender objetos pessoais. "O objetivo era arrecadar dinheiro para viajar a Aparecida e ver o papa durante sua visita. Isso comovia as pessoas, junto com a ótima interpretação de Jairo Gregnain", acredita.

Em 84, o grupo se viu obrigado a fazer o mesmo que o personagem principal de sua peça: arrecadar dinheiro para viajar a Portugal. Até então, a peça era apresentada gratuitamente em teatros da região e passou a ser cobrada para o grupo conseguir o dinheiro necessário. "Fizemos uma temporada de dois meses na Casa da Cultura, em São Paulo, mas ainda assim o dinheiro era pouco. Não conseguimos patrocínio e a

ajuda veio mesmo de parentes e amigos. Tínhamos estadia garantida pelos organizadores do festival e precisávamos pagar a passagem, que acabou sendo financiada", relembra Diógenes.

Atualmente o grupo prepara o início da montagem de uma nova peça, sem tirar "Ai, meu Paraitinga!" definitivamente de cartaz. "É uma peça barata, com cenografia e figurino simples que poderá sempre ser apresentada", diz. Apesar do grupo Raízes de Teatro ter um trabalho reconhecido no Estado, cada um dos membros tem que manter uma atividade paralela para sobrevivência. "É ilusão achar que dá para viver de teatro. É muito difícil, e acaba sendo apenas uma realização pessoal", define Diógenes, que é técnico de ensino do Senai de São Paulo. Já o ator Jairo prefere ganhar a vida como vendedor autônomo de linhas, o que lhe permite maior liberdade para se dedicar ao teatro.

ram transformadas em escola de portugueses.

Outros teatros tiveram mais sorte que o antigo São João e escaparam da picareta. É o caso do Politeama, hoje Cine Metrópole, e do Paroquial, utilizado como sala de aula por uma escola. Inaugurado em 1919, o Teatro Politeama, com 600 lugares, apresentava os chamados "espetáculos de tela e palco", onde a sociedade taubateana se reunia num local luxuoso com camarotes e divisão de categorias especial e popular, diferenciados por cadeiras de palhinha ou bancos de cedro. Em 1945 foi reformado, passou a se chamar Metrópole e adquiriu tela panorâmica, mas ainda assim continuou com espetáculos mistos até 1964 quando sua tela foi chumbada no palco.

"Foi um crime o que fizeram. O Politeama sempre foi considerado o melhor espaço teatral da região em sua época, tem ótima acústica e é espaçoso. Hoje é utilizado apenas para apresentações de filmes pornográficos", reclama o professor Osmar Barbosa, diretor da Escola Municipal de Música e Artes Cênicas Maestro Fego Camargo e responsável pela iniciativa de um movimento na cidade para transformar o Cine Metrópole definitivamente em um espaço para o teatro. Apesar do esforço, o professor não encon-



SÉRGIO CASTRO

Mendel: reformas rápidas para o Festival

trou até agora respaldo para o seu projeto.

Ele defende o aproveitamento do antigo Teatro Paroquial construído na década de 50 pela Igreja para funcionar como auditório e apresentação de pequenas encenações religiosas. O teatro, com capacidade para 500 pessoas, mantém uma decoração que lembra o luxo dos teatros da época e uma característica já esquecida pelo tempo: o palco possui ribalta, uma fileira de peque-

nas luzes no chão, que iluminavam apenas o palco durante a apresentação. Este teatro hoje é ocupado diariamente por crianças da escola, que arrenda o espaço da Igreja.

Já em Pindamonhangaba, as opções diminuem. Os grupos amadores, além da falta de espaço, têm que se submeter a algumas censuras prévias caso queiram ter um espaço para apresentação de seus trabalhos. Esta censura é feita pela diretoria da escola que detém um dos dois únicos auditórios que funcionam como teatro na cidade, a escola João Gomes. Lá existe um auditório com capacidade para 500 pessoas, mas não podem ser levadas peças consideradas imorais. "Em 1985 meu grupo de teatro, o Retalhos, tinha uma peça onde uma privada fazia parte do cenário, mas a diretoria classificou aquilo como pornográfico e ameaçou impedir a apresentação da peça caso a privada não saísse do cenário. Decidimos tirar a privada", conta Gláucia Costalonga, diretora do grupo.

Para quem optar por não alturar o seu cenário ou texto, só restará alugar o auditório do Clube Literário, para 500 pessoas. O difícil é um grupo ter dinheiro suficiente para isso. Assim, ele deverá trilhar os caminhos alternativos, levar o cenário em mochilas e sair em busca do seu público. ●

MOGI
Fazemos parte do coro
que canta em sua homenagem...
PARABÊNS A VOCÊ...
RiG Junior
RiG MODA MASCULINA
R. DR. DEODATO WERTHEIMER, 1473 - FONE: (011) 469-1988 - M. CRUZES

 Geny
presentes
364

gráfica **N. S. da GLÓRIA** Lda.
TIPOGRAFIA • OFF SET
TELS.: (01) 469-2667 • 468-3147
413

 **VIDEOSSOM**
SERVIÇO AUTORIZADO
SEMP TOSHIBA
386

Rian
823 BOUTIQUE

 **OFF THE WALL**
SURF, SKATE & CIA
546

DR. CORREIA

**A RUA COMERCIAL QUE MAIS
SE MODERNIZA EM MOGI**

Vai no popular

Clube de elite na década de 50, o União Futebol Clube agora aposta num novo espaço para sobreviver à crise

Os famosos anos dourados da década de 50 não foram menos dourados para o União Futebol Clube de Mogi das Cruzes. Já na metade daquela década, 42 anos após a sua fundação, ele se consolidava como o clube mais elegante da cidade, famoso pelos animados bailes de Carnaval. "O União era um clube de elite", lembra seu atual presidente, José Guerra, 50 anos. No início da década seguinte, entretanto, o União foi perdendo o brilho. A falta de recursos, aliada à fundação de outros clubes, afastou a elite e obrigou o União a se tornar um clube cada vez mais popular. Hoje, ele ainda sobrevive dos bailes de Carnaval, do aluguel da quadra poliesportiva do ginásio, da contribuição de apenas 200 associados e do time de futebol (que se mantém, ainda que instável, como profissional desde 79).

Somente com o departamento profissional - que cuida do time de futebol -, os gastos chegam, segundo José Guerra, a NCz\$ 15 mil mensais, mas o orçamento total do União não passa dos NCz\$ 10 mil. Por isso, o brilho do clube pode se apagar a qualquer momento. A diretoria do União,

releita em 88, não se dispõe a ver o clube morrer de braços cruzados e está apostando, para tanto, num projeto arrojado: a construção de um super clube popular, a exemplo do Juventus de São Paulo, num terreno, de propriedade do União, localizado na estrada Mogi-Bertioga (quilômetro 25). "Será um complexo aquático e poliesportivo melhor do que muitos clubes", garante o diretor de marketing do União, Eduardo de Abreu Nemer, 32 anos. Para ele, que se diz cansado de submeter o clube à pequenas promoções e uma verba limitada do projeto "Adote um Atleta", da Secretaria Municipal de Esportes, o empreendimento é mais que um projeto arrojado: "É uma questão de sobrevivência. O União é um clube rico em patrimônio, mas pobre em recursos por falta de um quadro associativo."

A idéia dos diretores do União parece simples. Por que não aproveitar um terreno com nada menos que 128 mil metros quadrados, adquirido em 67, e que agora, com a construção da Mogi-Bertioga, tem uma localização privilegiada? Além disso, há a possibilidade - embora ainda não confirmada por estudos técnicos -, de que existam águas quentes no lençol freático do terreno. "Podemos instalar futuras

termas", sonha Nemer. É bom que se esclareça, contudo, que o União Futebol Clube ainda não investiu nada no projeto. "Nem temos condições para isso", confessa Eduardo Nemer. Na verdade, o clube apenas contratou a Empesp, uma empresa de São José do Rio Preto, especializada em comercialização, vendas e administração. Ela dividiu o projeto do novo União Futebol Clube em três fases, e iniciou em agosto a venda de títulos. Com este capital arrecadado, segundo o diretor, o monumental clube será construído. Com um quadro de associados, ele poderá se manter e, paralelamente, investir no departamento profissional. Planos para tanto, não faltam. Um deles prevê a construção da casa do atleta, um alojamento destinado aos futuros jogadores do profissional, e um outro quer investir na promoção de shows. Lá, também há espaço para outros sonhos como a construção, finalmente, de um estádio de futebol com 25 mil lugares.

FUTURO DISTANTE - Mas para que todos esses planos se concretizem vai levar, efetivamente, muito tempo. Nemer não sabe prever quando se encerra a terceira fase do projeto, mas crê que somente a terraplanagem do terreno, iniciada na segunda quinzena de agosto, vai durar pelo menos um ano. "São cinco alqueires de terra", lembra ele. De qualquer forma, o sonho não está apenas na cabeça dos diretores do União, pois muita gente tem apostado no projeto. Para se ter uma idéia, foram colocados à venda na primeira fase, cinco mil títulos. Três mil deles já foram vendidos e arrecadados NCz\$ 2 milhões.

Para comprar um título de sócio proprietário, o custo hoje é de NCz\$ 256,00, mas na primeira fase, que deve durar de 15 a 18 meses, ainda é possível adquirir um título remido por NCz\$ 560,00. Este último, isenta o sócio de pagar qualquer taxa de manutenção do clube. Outras novidades prometem tornar o futuro União Futebol Clube muito freqüentado. Haverá, por exemplo, um berçário destinado às sócias que queiram desfrutar do espaço sem se preocupar com as crianças, um lago central com restaurante flutuante, um conjunto de piscinas, quadras poliesportivas descobertas, playground, sauna, ginásio, campo de futebol, pista de cooper, área para camping e várias outras atrações que estão, inclusive, sendo anunciadas nos horários esportivos da TV Bandeirantes. Animado, Nemer afirma que nenhum clube em Mogi das Cruzes terá um quadro de associados tão numeroso. "Seremos um Vila Santista, ou um Náutico Mogiano, mas em grandes proporções", compara o diretor. ●



Guerra e Nemer, com a maquete do novo União: um clube popular, com piscina e restaurante flutuante, em um terreno de 128 mil metros quadrados

Flamboyant: bar, restaurantes e eventos

O Bar e Restaurante Flamboyant é a nova opção para quem curte uma boa música e tem um paladar exigente. Há apenas quatro meses funcionando sob nova direção na rua Vilaça, 506, o Flamboyant por fora se parece com mais um dos "ene" restaurantes de São José dos Campos, mas oferece, por dentro, um mundo de novidades agradáveis e originais em termos de serviços e opção de lazer.

Pouca gente imagina que, atrás de uma fachada de apenas médio porte, se esconde uma área de 1,8 mil metros quadrados que, pouco-a-pouco, vai sendo ocupada de modo a atender os mais variados serviços na área gastronômica, que vão desde o bar e restaurante, até serviços de buffet e salão para eventos.

Extremamente bem localizado na rua Vilaça, o Flamboyant oferece duas opções de entrada aos clientes. A primeira é pela própria rua Vilaça e a segunda é através da praça João Mendes (Jardim do Sapó), que dá para os fundos, onde há um estacionamento para 70 carros, coisa rara na área central.

JOGOS – Os sócios Nilton Ribeiro e Cláudio Correia gostam de inovar e estão cheios de idéias novas. Eles abriram um espaço ao lado do bar para jogos divertidos, como dardos, gamão, palavras cruzadas e o tradicional truço da madrugada. Até mesmo o xadrez não foi esquecido. Em pouco tempo, a direção da casa pretende organizar campeonatos internos. A grande novidade dessa diversidade de jogos fica por conta do "Desafio do Prego", para mexer com a sua paciência, concentração e perspicácia. Venha conhecer.

O American-Bar abre após as 18 horas. É um cantinho aconchegante, uma espécie de ante-sala para o restaurante. O atendimento é personalizado na figura de Cláudio Correia, ex-maitre do tradicional Hotel Eldorado.

Trata-se de um ambiente que favorece o bate-papo entre amigos após o expediente, ou mesmo uma descon-



traída paquera. Tudo isso com música ao vivo para todos os ritmos e estilos musicais, que você irá curtir saboreando um jantar a La Carte, petiscos ou pratos especiais para a noite, regados com coquetéis variados. O último drink poderá ser acompanhado com a famosa canja paulista.

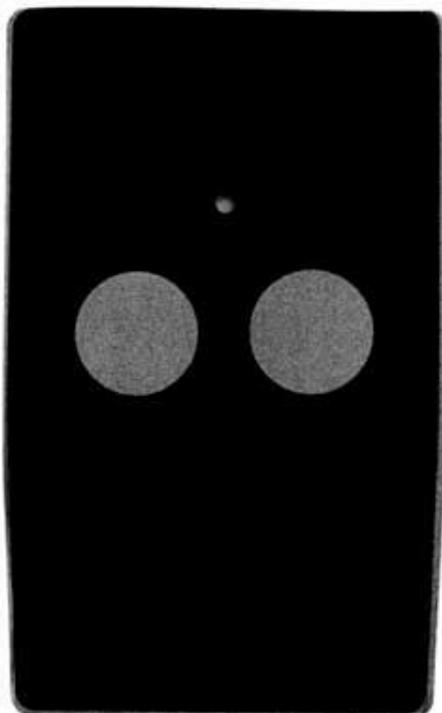
Já o restaurante oferece um farto serviço de buffet com dez diferentes tipos de saladas, os mais variados tipos de pratos quentes, sucos naturais, sobremesas e uma infinidade de quitutes, tudo a preço único. A casa também oferece serviços de marmiteix com entrega a domicílio. Atrás do restaurante, há um amplo salão de festas com capacidade para atender qualquer tipo de evento, como reuniões, casamentos, confraternizações de empresas e coquetéis com serviços de buffet.

CHOPP & JARDIM – Para Nilton Ribeiro, a chegada do calor não pode passar despercebida. Por isso, todas as quintas-feira está sendo servido um variado cardápio com frutos do mar. Além disso, já está sendo providenciada a colocação de mais mesas na parte de frente da entrada do bar, com serviços de choperia. Há planos também para a implantação de um amplo jardim na área paralela a entrada do estacionamento. Nesse jardim serão colocadas mesas, para que o chopp fique mais refrescante numa arejada área verde e aberta.

Segundo Nilton, que já foi gerente de uma grande loja de produtos eletrônicos, a Robinson's, tudo será feito para que o Flamboyant seja mais do que um ponto de encontro, onde os drinks viriam apenas como consequência. A idéia é que o calor humano e o bom gosto estejam acima dos segmentos sociais e das estações, muito embora a chegada do calor mereça ser tratada de modo especial...

O Bar e Restaurante Flamboyant fica na rua Vilaça, 506, fone 22-3366, e atende de segunda a sábado, à partir das 10 horas, e aos domingos para o almoço.

TESTE SEU CONHECIMENTO VOCÊ SABE PARA QUE SERVE ESTE APARELHINHO ?



Se você sabe, muito bem!
Mas se não sabe, ele serve para que você e sua família tenham mais segurança, tranquilidade e comodidade, abrindo as portas de sua casa com toda privacidade que você merece, evitando a visita do alheio. Consulte-nos hoje mesmo.



Automatização e fabricação de portões de aço, madeira ou alumínio.

Rua Nilo Peçanha, 19
Mogi das Cruzes - Tel.: (011) 469-8911

HABITAÇÃO

Idéias da crise

Empresa cria alternativa de casa própria de baixo custo

As estimativas nesse campo não costumam guardar relações com a realidade, mas é certo que a crise habitacional em São José dos Campos e várias cidades da região chegaram a um nível absurdo. Sem muita base, chegou-se a dizer que o Vale do Paraíba precisaria de quase cem mil habitações e que só em São José faltam 45 mil casas, situação que vai agravando-se a cada mês, criando distorções graves no mercado imobiliário graças à falta de financiamentos para a construção.

No vazio deixado pela crise, um grupo de empresários joseenses decidiu investir numa alternativa de construção de habitações que procura unir a rapidez na execução da obra e o prazo de pagamento adequado. Esses empresários criaram a empresa Microcad Sistema Habitacional e lançaram, no dia 29 de agosto, os seus primeiros planos durante um coquetel servido no Buffet Isaura. No dia seguinte começaram os primeiros testes de mercado com a instalação de pontos de promoção e de vendas dentro da Embraer, abrindo-se inscrições para os empregados interessados.

O sistema, denominado Tuacasa, prevê a formação de grupos de interessados que tenham um terreno e se disponham a comprometer até o máximo de um terço de sua renda no pagamento de prestações durante cinco anos. À escolha de cada um existem 12 projetos básicos de casas de alvenaria e, dentro deles, 72 alternativas de uso de diferentes materiais, adaptações, acabamentos. Formados os grupos, realiza-se um sorteio por mês com o compromisso de que o sorteado receberá a casa num prazo de dois a cinco meses.

Os projetos prevêem casas de 45 até 110 metros quadrados. Cada material empregado na casa será escolhido pelo cliente, encarregando-se a empresa de encontrar o melhor preço no mercado. Para isso, a Microcad, criada há dois anos, vem trabalhando há 20 meses em pesquisas de mercado, de preços e no levantamento de mais de três mil itens que interessam à execução das obras, arquivando tudo em seus computadores. A empresa prevê, ainda, que os grupos de cotistas formem associações que se encarregarão de acompanhar a execução dos projetos e fiscalizar as obras. O sistema oferece a alternativa de negociações para apressar a entrega das casas, como uma espécie de lance. Por esse caminho, a Microcad espera consolidar o seu sistema habitacional e aproveitar a grande demanda de São José onde há, atualmente, cerca de 70 mil lotes urbanos sem utilização. ●

MANSUR

PORTAS E JANELAS

10 Anos de qualidade
e bóm gosto



**QUALIDADE
PREÇO
E ÓTIMO
ATENDIMENTO**

MANSUR

**PORTAS E
JANELAS**

AV. ANTONIO M. FIGUEIRA, 705
FONES: (011) 476-3679 • 477-4811 • 477-4471
CENTRO - SUZANO
AV. FCO. FERREIRA LOPES, 2493/2495
BRAZ CUBAS - M. CRUZES
ENTREGAMOS NO LITORAL
E VALE DO PARAÍBA

Mercadoria com
garantia de 5 anos



Canavial em chamas

Cientista do Inpe mostra que a queima das lavouras de cana provoca poluição igual a dos centros industriais

Em certas épocas do ano, as zonas rurais de São Paulo ficam tão poluídas quanto as regiões de alta densidade industriais e intenso tráfego de automóveis. Isso ocorre principalmente nos meses de agosto, setembro e outubro, período em que são feitas as queimadas das lavouras de cana como parte da preparação para a moagem e produção de açúcar, álcool e aguardente.

Quem fez essas constatações foi o pesquisador Volker Kirchhoff, diretor do Departamento de Ciências Espaciais e Atmosféricas do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), através da coleta de amostras de monóxido de carbono, ozônio e metano contidas no ar sobre uma região cujos limites começam em São José dos Campos e vão a Poços de Caldas (MG), Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Araçatuba, Presidente Prudente, Bauru e Marília. Nessa região, São José dos Campos e São Paulo representam centros de polui-

ção urbana para comparação com a rural.

Na segunda semana de setembro, Kirchhoff e alguns técnicos do Inpe vão fazer uma nova coleta dessas amostras de ar utilizando equipamentos especiais instalados no avião de pesquisas do Instituto, um Bandeirante-laboratório. A base de operação da equipe será em Ribeirão Preto, um dos mais importantes centros canavieiros do país. No final do ano, durante a época das chuvas, será feito outro levantamento quando será possível comparar, novamente, as informações obtidas durante as queimadas e as coletadas num período em que o ar está praticamente limpo.

NA CALADA DA NOITE - As lavouras de cana em São Paulo ocupam cerca de dois milhões de hectares, segundo levantamentos feitos pelo próprio Inpe com a ajuda dos satélites de sensoriamento remoto da série Landsat. A cada colheita de safra, os canaviais são queimados para eliminar folhas e permitir o melhor aproveitamento

possível da sacarose contida na cana, base para a produção de açúcar. Só depois da queima é feita a colheita e corte para remessa às usinas, embora haja desenvolvimentos novos que, a partir da engenharia genética, permitem a produção de espécies que dispensam a queima.

Segundo observa o pesquisador Volker Kirchhoff, os plantadores de cana preferem fazer as queimadas durante a noite, entre as 18 e as 5 horas. De acordo com os agricultores, isso é feito para evitar que a cana seja totalmente queimada. À noite, a cana fica úmida e as folhas, cheias de gotas de orvalho, não estão totalmente secas - dessa forma, o aproveitamento da sacarose seria ainda melhor.

Na verdade, esse procedimento dos canavieiros serve também para esconder a prática das queimadas das autoridades ambientais e órgãos de fiscalização. A queima da cana é sempre muito rápida - um canavieiro de cem metros de largura por cem de comprimento queima-se totalmente em apenas sete minutos -, mas a produção de monóxido de carbono e metano, principalmente, são enormes. A fumaça das queimadas é sempre muito escura e densa, sobe lentamente e, além da poluição, causa inúmeros transtornos para populações próximas e até para o tráfego nas estradas.

Pior ainda: realizadas à noite, as queimadas de canaviais contribuem de forma dra-

INFORME PUBLICITÁRIO

Mark Decorações: o seu ambiente merece o melhor

Seja onde for, o seu espaço é um bem valioso que merece ser tratado com carinho e bom gosto. A **Mark Decorações** sabe como valorizar esse espaço com criatividade e sofisticação. Lá, você encontra as melhores tendên-

cias do mercado interno, com uma completa linha de móveis contemporâneos, clássicos e fibras naturais como "rattan", junco e cana da Índia, combinadas com finíssimo acabamento em poliuretano e mármore travertino.

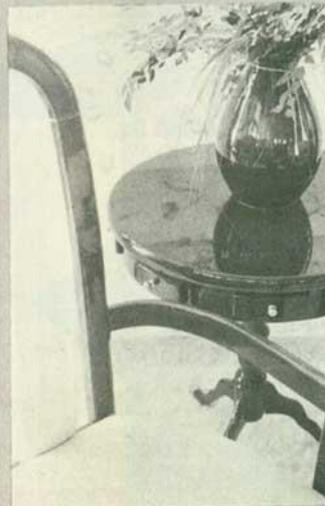
Com ampla experiência na decoração de interiores para residências, a **Mark** atende também indústrias com sua moderna linha de móveis para escritório.

Além da qualidade e do bom gosto, a **Mark Decorações** oferece um atendimento personalizado na figura dos sócios Isabel e Válder. Os clientes também têm à disposição descontos especiais para compras à vista ou um financiamento próprio de três pagamentos.

Se você ainda não tem idéia de como decorar o seu ambiente, deixe por conta da **Mark Decorações**, que sabe como valorizar o seu espaço com produtos diferenciados e idéias personalizadas que já conquistaram São José dos Campos e região.

Sempre com a preocupação de atender cada vez melhor, a **Mark Decorações**, há um ano, ocupa um requintado endereço próximo ao Center Show Churrascaria. Lá, você tem espaço para conhecer os mais variados ambientes, montados com bom gosto e funcionalidade. Anote o endereço e venha conhecer os móveis que podem estar faltando em sua casa.

Mark Decorações - rua Turquia, 286, ou rua Síria, 100 - Jardim Oswaldo Cruz, próximo ao Center Show Churrascaria (fone 21-3270).



MOGI
CONTINUA BRILHANDO

429
ANOS

CARIC

CONCESSIONÁRIA MERCEDES-BENZ – M. CRUZES
R. José Meloni, 998 - Mogilar - M. Cruzes - Tel: (011) 469-7444

mática para a poluição das zonas rurais de São Paulo. É que, à noite sempre ocorrem os fenômenos conhecidos como inversões térmicas – camadas densas de ar frio baixam sobre a superfície da Terra e impedem que o ar quente suba normalmente. Assim, toda a poluição contida na fumaça preta dos canaviais em chama acaba ficando retida por muito mais tempo nos níveis mais baixos da atmosfera, agravando seus efeitos, principalmente sobre a saúde das pessoas – causando problemas respiratórios.

QUEIMANDO SAFRAS – O primeiro experimento do pesquisador Volker Kirchhoff sobre o assunto demonstrou que, na época das queimadas, a zona canvieira de São Paulo chega a ter o dobro das concentrações normais de monóxido de carbono e de ozônio, dois gases prejudiciais à saúde. Em cada um bilhão de partes de ar coletadas na atmosfera, ele encontrou entre 20 e 40 partes de ozônio, dependendo da região estar mais próxima ou mais distante das queimadas.

“Os agricultores deveriam levar em conta pesquisas feitas recentemente nos Estados Unidos, pelas quais ficou demonstrado que um acréscimo de dez partes de

ozônio para cada um bilhão de partes da atmosfera pode causar uma perda da ordem de 10% nas safras agrícolas. Dessa forma, as queimadas estariam contribuindo, gradativamente, para a diminuição da produtividade”, lembra o cientista.

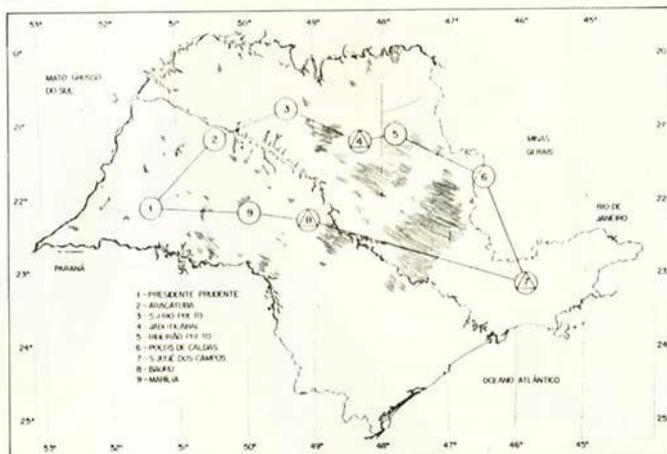
Volker Kirchhoff também verificou que a

nio maiores na região canvieira do que na Amazônia durante as queimadas.

As medições nas regiões de Ribeirão Preto e Jaboticabal demonstraram que as maiores concentrações de monóxido de carbono e ozônio estão em altitudes entre 1,5 e dois quilômetros – nessa altura, as queimadas colocam uma quantidade desses gases seis vezes maior do que a normal. Essa constatação assustou os cientistas do Inpe, pois eles têm levantamentos indicando que esses números representam o dobro das concentrações de monóxido de carbono e ozônio encontradas sobre áreas de queimadas na Amazônia a dois quilômetros de altura.

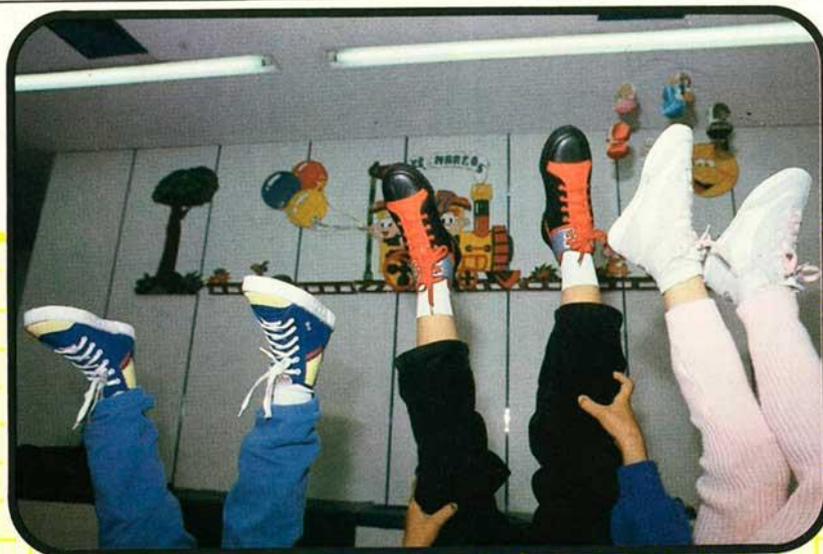
Segundo os pesquisadores do Inpe, será preciso que outros grupos de cientistas, como os especialistas em cultura canvieiras nas regiões de Piracicaba, Jaboticabal e Ribeirão Preto, aprofundem suas pesquisas e também estudem os efeitos das queimadas

sobre o meio ambiente. A partir desses estudos, será possível desenvolver mecanismos mais eficientes para evitar as queimadas, seja por maior fiscalização para o cumprimento das leis que proíbem sua realização, seja por uso de espécies que dispensem a queima.



O mapa do Estado com as regiões pesquisadas pelo Inpe

queima da cana polui mais que a queima de uma floresta, por exemplo, – pois os canaviais contêm, proporcionalmente, uma quantidade muito maior de folhas secas (portanto com maior quantidade de carbono). Por isso, o cientista encontrou concentrações de monóxido de carbono e ozô-



pézinho
de
criança...

exige
carinho e
conforto!

**ZÉ CALÇADOS
INFANTIS
MARCOS**

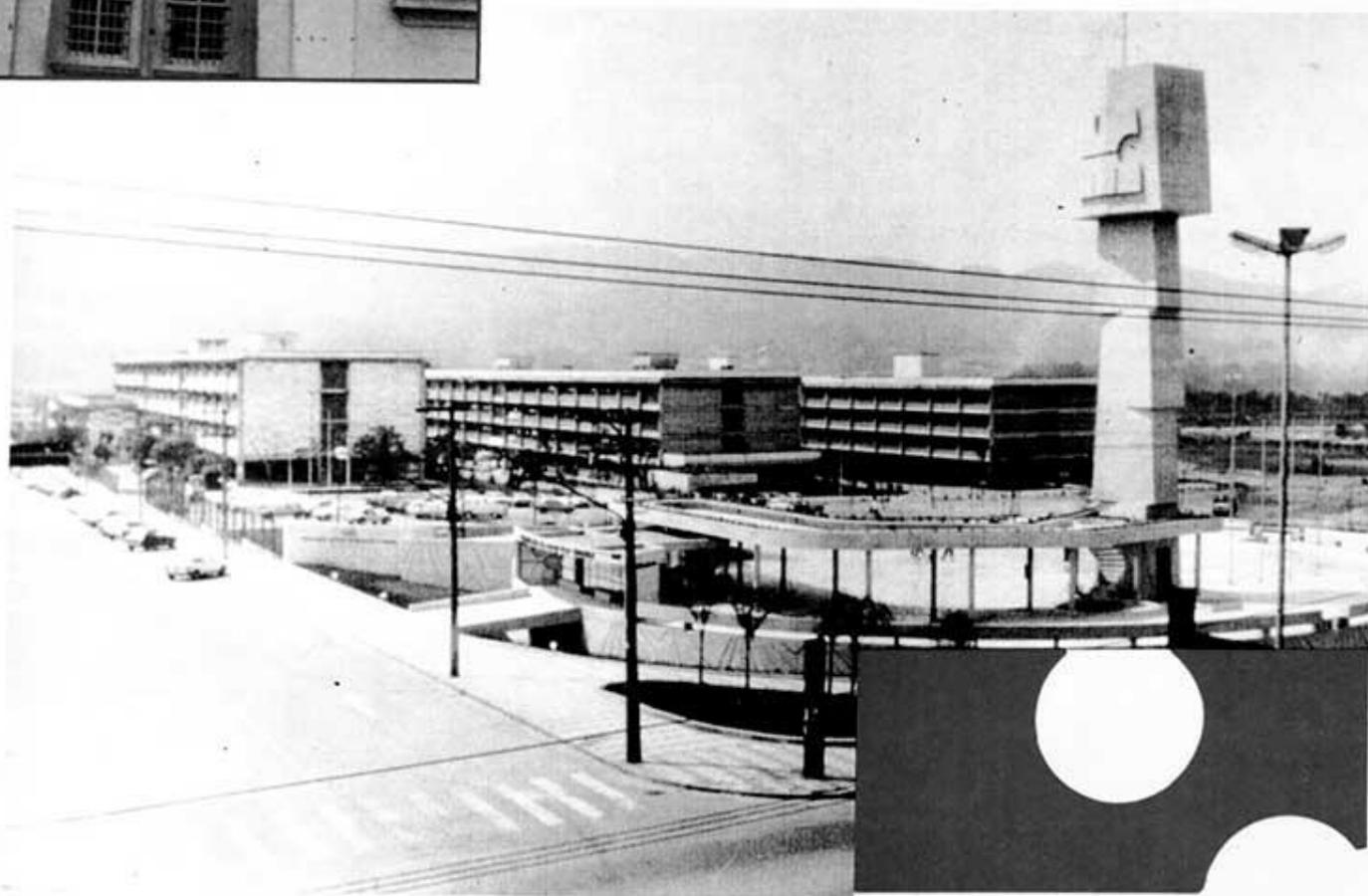


CENTERVALE SHOPPING — LOJA S — 102
TEL. (0123) 21.3624
S.J.CAMPOS

R. 7 DE SETEMBRO, 226
TEL. (011) 913.0107
GUARULHOS

SHOPPING CENTER SÃO JOSÉ — LOJA 53
TEL. (0123) 22.6023
S.J.CAMPOS

PROGRESSO GERA PROGRESSO



*Temos uma história
de progresso, cumprindo sempre
o nosso compromisso de
transmitir e gerar novos conhecimentos.
Conhecimento bem orientado será
sempre um avanço e mais
progresso para todos.
Parabéns a Mogi das Cruzes
pelos seus 429 anos.*

**universidade
de
mogi das cruzeiras**





A sede e o grupo que dirige a União Paulista de Seguros: "Aqui, o cliente é tratado como amigo"

SEGUROS

Sem riscos

Nova corretora aposta no mercado carente da cidade

Incêndio. O tipo de acidente que não causa maiores preocupações aos proprietários de imóveis. No entanto, somente no mês passado, ocorreram dois incêndios em Mogi das Cruzes: o primeiro num supermercado e o outro numa loja de acessórios para carros. Se a preocupação com incêndios é pequena, o mesmo não se pode dizer com relação ao roubo de carros.

Quando uma dessas situações desagradáveis acontece, a primeira pergunta que se imagina é: "Será que o proprietário tinha seguro?". Mas, no entanto, até bem pouco tempo, o mogiano tinha poucas opções para segurar seu patrimônio: ou recorria aos bancos, ou às poucas corretoras que a cidade oferece.

Foi pensando nesse problema que o mogiano Jaime Mendes Amado, 30 anos, trouxe para Mogi a União Paulista de Seguros, uma tradicional corretora que já funciona há 27 anos e tem cerca de dez mil clientes. Amado e o outro diretor da Paulista Seguros, Silvio de Jesus Gaspar, acreditam que Mogi é mal assessorada em termos de seguros gerais: além dos bancos,

a Companhia de Seguros Minas-Brasil e a Porto Seguro Companhia de Seguros Gerais. Segundo os diretores, cada caso é analisado individualmente e proposto o tipo de seguro necessário a cada cliente. São seguros de vida, de automóveis, contra roubo, incêndio e vários outros. Com a inauguração do escritório da Paulista Seguros em Mogi das Cruzes (localizado à rua Tenente Manoel Alves, 550, telefones 469-4066 e 469-1016), os mogianos ganham uma promoção: o seguro de automóveis está com preços e franquia abaixo do custo. Além disso, os clientes terão os mesmos serviços da União Paulista de Seguros de São Paulo: desde o atendimento até o cadastro, feito por computador. ●

existem apenas duas corretoras. "Nos bancos, o segurado é mais um número e na Paulista Seguros, ao contrário, ele é tratado como cliente, e mais que isso, como um amigo", afirmam.

A Paulista Seguros faz a intermediação entre o segurado e três importantes companhias de seguros; a Companhia de Seguros Adriática,

SHOPPING

MINI



Mie Fashion

MODA ESPORTIVA
CLÁSSICA
ROUPAS ÍNTIMAS
BOLSAS
CINTOS
ACESSÓRIOS

Av. Vol. Fernando P. Franco, 315
Tels.: (011) 460-1964 • 468-1302 - M. Cruzes

O paraíso é ali

No sul de Minas, na divisa com São José dos Campos, surge uma nova estância de inverno: Monte Verde

A pequena Vila de Monte Verde, com seus dez mil habitantes, já foi conhecida como refúgio de nazistas encravado na Serra da Mantiqueira a 1,6 mil metros de altitude e protegido por uma portentosa cadeia de montanhas com mais de dois mil metros de altitude e florestas nativas, além de uma extensa área de reflorestamento. A fama até cresceu quando a população desse distrito de Camanducaia, no sul de Minas Gerais, passou a recusar alguns dos chamados benefícios do progresso, como o asfalto, por exemplo.

De estranho mesmo nessa terra bucólica, verde e muito fria, só a presença de um personagem chamado Juan, ou Rhuan, Húngaro naturalizado argentino, combatente do Exército do Führer durante a gelada invasão da Rússia na Segunda Guerra Mundial, ele faz dessas histórias uma espécie de marketing para seu hotel, o El Brujo — um conjunto de confortáveis chalés cercados de verdadeiras barricadas de arame farpado, onde não são aceitos menores de 14 anos.

A Vila é simples, a maior parte das ruas ainda é de terra batida, a iluminação é fraca, a maioria dos bares, restaurantes, lojas de artesanato em couro, madeira e ferro, codes típicos, perfumes nativos e outras, costuma fechar as portas durante a semana. Mas durante o inverno os hotéis ficam lotados, a vila repleta de turistas, especialmente de jovens, com suas músicas, motos, material de acampamento. Também sempre podem ser encontrados empresários em férias, executivos e casais em lua-de-mel.

SEM FAROFEIROS — Para quem busca

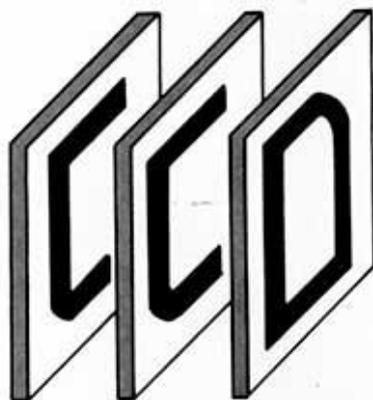
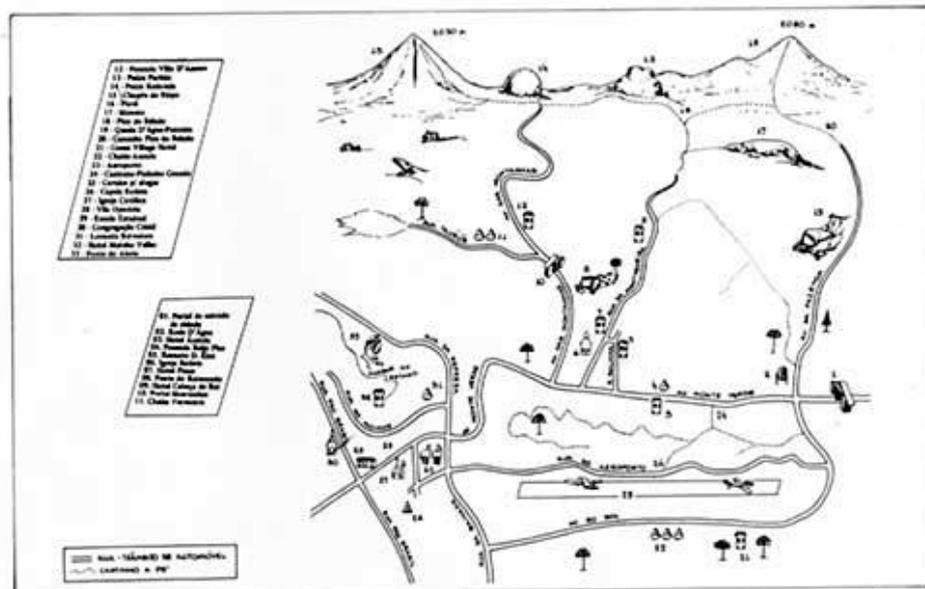
paz e sossego, Monte Verde é o lugar perfeito. Apesar de sua altíssima densidade de telefones ligados a toda parte por DDD e DDI, a vila está isolada do mundo, como indica o silêncio profundo que existe ali. Os hotéis são agradáveis, há restaurantes de bom nível, os bares são alegres, a natureza pródiga.

E para que tudo continue assim, os moradores criaram um Grupo de Defesa e Promoção Social de Monte Verde. Foi essa entidade que reuniu os comerciantes e suas doações para a construção de um portal destinado, claramente, a livrar a vila dos maus turistas e orientar os bons. Ônibus de excursão, por exemplo, fica fora da cidade,

a dois quilômetros das ruas principais, o que funciona como uma espécie de desestímulo à presença de "farozeiros".

É evidente que no portal também encontram-se funcionários para receber e orientar os turistas com informações completas e uma cabine telefônica, além de policiais que geralmente não têm muito o que fazer, já que as ocorrências são mínimas. O quente mesmo dessa região é a temporada de inverno, cultivada pelos moradores e pelos hoteleiros como a mais fria do Brasil, com temperaturas sempre um ou dois graus mais baixa do que em Campos do Jordão.

Em junho e julho deste ano, várias vezes houve geadas e muitas outras vezes, registros de temperaturas negativas, formando-se camadas de gelos de até três ou quatro centímetros de espessura nos enormes gramados e sobre os carros e lagos. Por isso se diz ali que as manhãs de Monte Verde são sempre brancas, especialmente no centro da vila, onde ficam os apartamentos e chalés do Hotel Áustria, do Hotel Cabeça de Boi, de inúmeras pousadas ou



DIVIVALE — Divisórias e Forros

Agora também na
Construção Civil.

Comercial e Construtora Divivale Ltda.

Rua Itororó, 469 — Tel. 22-7122 — São José dos Campos

áreas de camping. Aliás, para acampar ali ou para alugar uma moto para passeios e aventuras pela serra, basta procurar lá mesmo o Restaurante Tenne.

Outras áreas de Monte Verde são mais quentes. Como na Pousada do Moinho Velho, uma antiga residência de inverno construída na década de 70 e transformada há nove anos num hotel onde tudo é de sofisticada antiguidade e bom gosto. Tem uma piscina em estilo romano, com água corrente e protegida dos ventos por vidros que lhe dão uma belíssima vista panorâmica. A sala de café é em perfeito estilo montanhês, e no jantar os mais exigentes podem desfrutar de nobres talheres de prata – por um módica quantia de 30% de acréscimo ao valor da conta. Sem contar a porcelana inglesa, os tapetes persas, o mobiliário europeu de quase um século – tudo envolvido por uma mata natural de 14 alqueires doada ao governo de Minas para preservação e abaixo de um moinho que ainda funciona e que serviu de cenário para o seriado global Moinhos de Vento.

200 MIL RÉIS – Na Pousada do Moinho

Velho, também mora o proprietário Luiz Carlos de Barros Correia, que deixa a parte privativa da casa aberta à visitação dos hóspedes que apreciam obras de arte, uma boa biblioteca, ou jogos de cartas, especialmente pôquer. Embora com menor requinte, isso é possível na maior parte dos hotéis de Monte Verde, já que neles, quase sempre, moram os proprietários. Como no Hotel Fazenda Itapuã, a sete quilômetros da vila, com seus chalés, salas de jogos, quadras, bosques, cachoeiras, cavalos, trenzinhos para passeios, além de monitores para cuidar das crianças.

Trata-se de um lugar que foi, aos poucos, sendo descoberto por empresários paulistas em busca de casas de inverno em lugares bem tranquilos. Foi descoberto pelos praticantes de caminhadas, pelos montanhistas, pelos motoqueiros. Quem procura a cidade de carro, geralmente, entra pelo sul de Minas, através de Camanducaia. Quem vai caminhando ou por motos ou automóveis em condições de trafegar em estradas de fazendas com muitos trechos sem conservação, pode entrar por São José

dos Campos, passando pelo distrito de São Francisco Xavier.

Pelos dois caminhos há dificuldades de tráfego em determinadas épocas do ano, pela falta de asfaltamento. Afinal, há bem pouco tempo a região não passava de algumas fazendas e, nos últimos anos, a população lutou contra o asfalto. Esse foi, enfim, o lugar escolhido em 1932 para ser a casa de um homem nascido na Letônia, cujo pai veio para Campos do Jordão cortar pinheiros para uma companhia inglesa.

Durante quase 20 anos, só uma família desfrutou dessa região tentando explorar fazendas de gado, a do alemão Werner, de sobrenome Greenberg, que em inglês quer dizer, exatamente "monte verde". Só em 1952 Werner resolveu fazer os primeiros loteamentos em sua área de mil hectares comprada em 1937 por uma fortuna de 300 mil réis. Desde então, muitos empresários foram escalando a Mantiqueira, como o principal acionista do Grupo Nordon, Vicente de Paula Martorano, que construiu um verdadeiro castelo misturando estilos mouro, romano, clássico, gótico e moderno. Com mármore de carrara, verniz italiano, esculturas no jardim, madeiramento e portas de mogno e uma capela exclusiva. Como exclusiva é a pista de patinação no gelo que ele construiu para a filha, e seu Haras Umuarama, transformado em local de visitação pública graças à beleza de seus animais.

É também o lugar escolhido pelo cientista Paolo Camilli que, enquanto trabalhava em São José, no Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), chegou a ser inscrito na Nasa como o principal candidato a astronauta brasileiro, à convite do ex-presidente Ronald Reagan, pouco antes do acidente com o ônibus espacial Challenger. Camilli deixou um cargo de pesquisador sênior da IBM para internar-se com a esposa em Monte Verde, onde montou uma empresa de táxi aéreo e um sofisticado curso de piloto comercial para empresários. ●

Verdes caminhos

O melhor acesso a Monte Verde de Minas, embora a vila esteja a poucos quilômetros da divisa entre Camanducaia e São José dos Campos, ainda é através da rodovia Fernão Dias, que pode ser alcançada pela rodovia Dom Pedro II, ou por Pouso Alegre, em Minas. E lá, além das belezas naturais, pode-se encontrar atrações como os doces caseiros típicos, feitos por dona Filomena na rua principal, ou a aguardente de maçã, exclusiva da fazenda-hotel do Matias.

Para os passeios, pode-se, por exemplo, chegar ao ponto culminante da re-

gião, o Pico do Selado. No caminho, há estágios mais suaves, como o platô a quatro quilômetros do centro, acessível de carro. Quem tem mais fôlego deve caminhar duas horas até o pico, a 2.080 metros de altitude, de onde se pode ver todo o Vale do Paraíba até a poluição que paixa sobre São Paulo.

Nos bares e nos restaurantes há sempre boa música, vinhos quentes, fondues e tudo mais que uma típica estância de inverno pode oferecer. Em qualquer hotel é fácil obter informações sobre os passeios mais interessantes, sobre os lugares onde se encontram melhores preços, e até guias locais para verdadeiras aventuras nas matas, nas serras, na exuberante natureza de Monte Verde.

MOBILJE TO

O MÓVEL INTELIGENTE

RESIDÊNCIAS ESCRITÓRIOS

PROJETOS E PRODUTOS PERSONALIZADOS
GARANTIA 2 ANOS
CONDIÇÕES ADEQUADAS AO SEU ORÇAMENTO.

NOVO SHOW-ROOM
AV. NOVE DE JULHO, 553
TEL. (0123) 21.5511-S.J.CAMPOS

CALDEIRADAS

TRIÂNGULO DAS "BERMUDAS" – Emancipação. Aqueles 20 bairros localizados entre Mogi das Cruzes, Itaquaquecetuba e Suzano, têm deixado principalmente o prefeito de Mogi em situação bastante difícil. Sugestão nossa: transformar os bairros em município cujo nome seria "Mangueirópolis", o vereador Ivan Siqueira seria o interventor e nas próximas eleições os moradores de lá elegeriam o Toninho da Pamonha para prefeito e o Estevam Galvão de Oliveira para vice.

VAI SER MINISTRO – Segundo o secretário Melquíades Portela, já está tudo acertado. Se Fernando Collor chegar à Presidência, o chanceler e deputado federal Bezerra de Melo vai ser convidado a ocupar o Ministério da Educação. Nossa pergunta: e como é que vai ficar o ex-vereador Tarcísio Damásio da Silva, presidente do PRN, comandante da campanha Collor na região e que também postula o mesmo cargo?

PARENTE? – De Salesópolis vem a notícia: aquele ex-lutador Antonio Inoki, eleito senador recentemente no Japão, já morou em São Paulo, trabalhou no Ceagesp como carregador e tem bastante parentes no Brasil. Um deles é o Massayuki Uono, ex-prefeito daquela cidade.

NEPOTISTA – De um conhecido médico da cidade: "Aquele do doutor Matosinho (Suds) afirmar para o secretário Pinotti que o seu irmão (nomeado por ele) é parente de 4º grau foi de lascar.

Como diria o Odorico Paraguassú, ele é 'nepotista camuflista' no mínimo".

DETETIVE – Quem topar com o Jairo Molina, prefeito de Biritiba Mirim, em dia de frio ou chuva com aquela sua impecável capa é capaz de confundí-lo com o detetive Colombo, com barba. Aliás por falar nisso, detetive é o que está precisando aquela cidade. O assassinato do Zezé continua na mesma e, recentemente, outros crimes têm acontecido por lá, sem que a polícia possa fazer algo.

MISTÉRIO – A maioria dos políticos de Mogi e principalmente alguns vereadores estão tentando desvendar um "mistério": como é que o vereador Nelson Mesquita consegue tanto espaço nos órgãos de imprensa, principalmente numa emissora de rádio. Seu nome, seus trabalhos (principalmente indicações e requerimentos) são citados diariamente dezenas de vezes e já têm colegas dele tentando imitar, mas por enquanto em vão.

CHARME – Do advogado Euclides Marcundes, procurador jurídico da Prefeitura de Guararema: "Com muito charme, trabalho e dedicação, a prefeita Conceição Alvim de Souza conseguiu arrancar verbas do governador Quércia para construir uma creche, uma pré-escola e 100 casas populares."

MALUCO NADA – De um vereador que foi situação e continua sendo na atual administração: "O Waldemar está equivocando. O Machado quiz dizer que se fosse vereador votaria contra o pagamento para o

Olimpio, apesar de mandar aquela carta para o Waldemar confirmando o contato verbal, porque a quantia solicitada pelo advogado foi muito baixa, 70 mil dos novos. Se fosse uns NCz\$ 700 mil, garanto que ele estaria de acordo. O que ele achou, isto sim, foi o serviço louco de barato."

CASAL 20 – Toni e Miriam, ex-prefeito e ex-primeira-dama da cidade em campanha a todo vapor pelos quatro cantos da cidade. Ele para deputado federal e ela para a Assembléia Legislativa. O Toni inclusive está atacando de comentarista no jornal da "Metrô", buscando contatos maiores, com os ouvintes e eleitores. Há quem diga que o Machado está mais para radialista do que para político.

OUTRA VEZ – Os ex-prefeitos de Suzano, Firmino José da Costa e Pedro Ishida, vão medir forças outra vez. Ambos são candidatos a deputado estadual com remotas chances de se elegerem, mas será um autêntico tira-teima para ver quem tem menos votos.

CIBORG – Na opinião do Melquíades, com as devidas restrições do professor Argeu Batalha, o secretário do Planejamento, Sérgio Triboni, é sobretudo "físicamente" o homem mais forte da Prefeitura.

A ÚLTIMA – Trazida de Toyama pelo diretor do Ciesp, Angelo Albiero Filho: "Todo japonês bem dotado chama-se Kazu Haru."

SKALIA

COMÉRCIO DE MATERIAIS PARA CONSTRUÇÕES – FINANCIAMOS TUDO PELA ULTRACRED

Tintas em geral • Material hidráulico • Material elétrico • Telhas de amianto • areia • cal • pedra • esquadrias • ferro

Av. Francisco Ferreira Lopes, 2779 – M. Cruzes – Fones: (011) 461-4924/461-4203

HOMENAGEM



Mogi das Cruzes, 429º aniversário. Professor Argeu Batalha, 53 anos de Prefeitura.



A FOTO DO FATO
NGK – 30 ANOS
AMBULÂNCIA ARIGATÔ

FOTOTESTE



Quem acertar o nome do personagem terá direito a consulta médica gratuita por quatro anos.



Waldemar: "Senhor Kobayashi, só não confio em japonês na direção de automóvel."

A ARTE DE BEM SERVIR

SERVIÇO COMPLETO
PARA FESTAS

15 ANOS DE
EXPERIÊNCIA

Av. Francisco Rodrigues Filho, 248
Mogi das Cruzes – S.P.

BUFFET PINHAL
BP

Fones: (011) 469-1126
469-5168

Coragem e eficiência

JOSÉ BERNARDO ORTIZ

O crescimento de Taubaté nos últimos seis anos proveio de um acréscimo demográfico de mais de 60 mil habitantes, o que fez o município ultrapassar o número de 1/4 de milhão de moradores. Mais expressivamente: a população de janeiro de 1983 foi aumentada em cerca de 32% até janeiro de 1989.

Sucedeu que o município estava, em fins de 1982, muito carente de obras públicas essenciais e serviços urbanos, com uma Prefeitura pouco eficiente, desequipada e sob o signo do empreguismo eleitoral. Havia um considerável número de servidores que nem sequer compareciam para receber o salário, porque este era depositado, diretamente, em suas contas bancárias.

Excluído o perímetro central, os bairros se encontravam abandonados, sem oferecer conforto aos moradores. Pouco mais de 20% dos logradouros urbanos tinham pavimento; lagoas, charcos e grandes poças d'água enfeavam a cidade e comprometiam a saúde dos moradores; a coleta de lixo era deficiente; a Prefeitura não mantinha sequer um Pronto Socorro e muito menos postos médicos e creches. As obras sociais particulares estavam desamparadas e as municipais simplesmente inexistiam. As salas de pré-primário eram insuficientes. O esporte amador era esquecido: a Prefeitura construiu até então uma única quadra poliesportiva e não havia nenhum campo de futebol municipal com alambrado e vestiário. As galerias de águas pluviais eram poucas e subdimensionadas. Em áreas alagadiças existiam favelas.

A administração pública municipal estava parada em Taubaté nos primórdios de 1983. Executivos e legisladores estiveram, por muitos anos, mais interessados em resolver seus interesses particulares (entre os quais, o eleitoral) do que cumprir seriamente seus compromissos com a comunidade. Como ademais em grande parte do Brasil, administradores públicos e legisladores com marcas de estadistas rarearam na urbe de São Francisco das Chagas, dando lugar à proliferação de politiquieiros mercenários, ávidos de poder e dinheiro, no tipo daqueles para quem os fins justificam sempre os meios. Muitos desses senhores só faziam mentir, pressionar, coagir, prometer e praticar o empreguismo, malversando o dinheiro público, numa seqüência de práticas desonestas.

A opção de trabalho assumida pelo povo taubateano nas eleições de 1982, renegando a politicagem, representou a reversão do quadro. A comunidade e o governo municipal envolveram-se em trabalho efetivo e sério, que resgatou o serviço público do município. Os mercenários foram combatidos, os ocio-



Ortiz: "não" aos politiquieiros

sos enquadrados ou demitidos e a administração pública recuperou sua credibilidade à nível de Prefeitura. Mais de 40 associações de bairro e uma federação das mesmas se constituíram para reivindicar e ajudar a administração. As obras públicas se multiplicaram em todas as regiões da cidade e área rural, sem que o município se endividasse. Taubaté tomou novo alento.

Trabalho planejado e sério, com coragem e civismo, é a única opção para que o desenvolvimento urbano organizado seja possível em um país pobre e com administrações estatais e federais muitas vezes incompetentes e corruptas. Os municípios pequenos e médios têm que suprir-se, sobretudo, de seus próprios meios, economizando, restringindo todo o supérfluo, equipando-se e se organizando para realizar, em maior número possível, obras e serviços por administração direta. A economia gerada é enorme e os orçamentos se potencializam, desde que não se criem "cabides" para vadiagem.

A reivindicação de verbas estaduais e federais deve ser permanente e intensa, mas o que vier é lucro, é lambugem. Não se pode contar como incerto. A burocracia e as leis retrógradas devem ser contornadas com inteligência e poder criativo. O administrador público honesto e competente não se perde nos liames dos entraves burocráticos — enfrenta e rompe-os. Ele deve preocupar-se, acima de tudo, com o que é moral e social. O resto advém daí. O que precisa ser feito, tem que ser feito.

Ele deve — ele próprio — saber planejar, dirigir, executar, fiscalizar, legislar e reivindicar. Deve ter um rígido controle em suas concessões, uma capacidade firme de autopolicimento e um acurado critério em como gastar o dinheiro público. É muito fácil jogar fora o dinheiro dos outros, em-

pregando "carrapatos" eleitorais, fazendo concessões a amigos, recebendo propinas (que depois se refletem no aumento do custo das obras, equipamento e materiais, porque o empreiteiro quer lucro imediato) ou transigindo com grupos econômicos.

O administrador público deve saber comprar a preços nunca acima dos de mercado e com rapidez, para que o dinheiro público não seja devorado pelos especuladores e pela inflação. Ele não pode se perder jamais, no medo de superar as burrices da legislação, muitas vezes feita por demagogos e desinformados.

O administrador público tem que enfrentar com coragem todos aqueles que — de alguma forma — pretendem postergar os interesses da comunidade, quer sejam agentes de grupos, vereadores, legisladores de quaisquer níveis, promotores, magistrados ou quem quer que seja. A defesa da comunidade e do erário público é a prioridade máxima de seu trabalho, a razão suprema de sua investida. Ele representa o povo, ele é o povo.

Não fazem sentido os administradores públicos medrosos, que se acovardam ante pressões de grupos. O homem sério dialoga, ouve, aprende com o diálogo, mas não negocia com o interesse público, não se acovarda com a pressão da politicagem e do dinheiro, nem tampouco com a crítica injusta e desonesta. Pouco importa que o critiquem, ou injuriem, afinal xingar não dói. A consciência é que vale.

O desenvolvimento urbano ordenado é muito mais fruto da coragem e da eficiência do administrador do que dos sonhos dos projetistas de gabinete. Ele é sobretudo "fazimento". Todas as cidades grandes e médias têm pilhas de projetos nos escaninhos de suas repartições públicas. Nossas cidades não tiveram crescimento bem dirigido por falta de projetos, mas sim pela covardia incúria, a incompetência e a corrupção dos administradores.

Projetos há de sobra. O que falta é coragem e competência para executá-los no que têm de bom, social e prioritário, podendo-se o que trazem de sonho e megalomania. O que falta também é seriedade para dizer "não" aos interesses dos grupos políticos e econômicos. Desenvolvimento urbano se faz com economia sensata e não com prédios e memoriais suntuosos; se faz com respeito ao dinheiro público e não com politiquieiros profissionais e seus "carrapatos".

José Bernardo Ortiz é engenheiro civil, assessor de Planejamento da Prefeitura de Pindamonhangaba e ex-prefeito de Taubaté (1983/88).

EM MATÉRIA DE PICK-UP, FECHE COM SIDCAR.

Invista em certezas.

Sidcar transforma sua Pick-up, de qualquer ano ou marca, em Cabine Dupla ou Blazer. Com rapidez, economia e os melhores acessórios, multiplique o valor e a beleza do seu carro



CABINE DUPLA

- Totalmente personalizada
- Pintura e acabamento impecáveis
- Bancos anatômicos e reclináveis
- Forração luxo
- Vidros panorâmicos

BLAZER NEVADA

- Ágil, forte, resistente
- Estampada em chapa de aço
 - Interior em veludo
 - Piso acarpetado
- Espaço para 7 pessoas e muita bagagem



GARANTIA DE ATÉ UM ANO EM SERVIÇOS



TAMPÃO DE FIBRA SIDCAR
Uma novidade para toda Pick-up Cabine Dupla. Original ou não. Segurança • Durabilidade • Qualidade

SIDCAR

Fábrica: Av. José Meloni, 1280 - Br. Mogilar
Mogi das Cruzes - SP
Tel. 460-1755

Pra que se arriscar por aí?

Caderneta da Caixa

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



Por que se aventurar aí fora nessa selva de cálculos?

Dividir... Multiplicar... OTN, IPC, BTN, MVR, LFT...

A segurança está na Caderneta da Caixa. Aqui você não perde nunca.

Essa é a palavra da Caixa. E a Caixa é Caixa.

**Vem pra
segurança
da Caixa você
também.
Vem.**